

Sandra Márcia de Melo

A Comunicação Social do IBGE e as novas tecnologias para a
integração da informação: o caso da introdução da *Internet*

Rio de Janeiro

Agosto de 2007

Sandra Márcia de Melo

A Comunicação Social do IBGE e a Internet: as novas tecnologias para a
integração da informação

Fundação Getúlio Vargas

Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea - CPDOC

Programa de Pós-Graduação em História, Política e Bens Culturais - PPHBC

Mestrado Profissionalizante em Bens Culturais e Projetos Sociais

Dissertação de Mestrado

Orientadora: Prof^a Dr^a Lúcia Maria Lippi Oliveira

Rio de Janeiro

Agosto de 2007

FUNDAÇÃO GETÚLIO VARGAS
CENTRO DE PESQUISA E DOCUMENTAÇÃO DE HISTÓRIA
CONTEMPORÂNEA DO BRASIL - CPDOC
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA, POLÍTICA E
BENS CULTURAIS – PPHPBC
MESTRADO PROFISSIONALIZANTE EM BENS CULTURAIS E PROJETOS
SOCIAIS

A COMUNICAÇÃO SOCIAL E A INTERNET DO IBGE: AS NOVAS
TECNOLOGIAS PARA A INTEGRAÇÃO DA INFORMAÇÃO

Banca examinadora:

Prof^a Lúcia Maria Lippi Oliveira – Doutora em Sociologia

Prof^a Helena Maria Bomeny Garchet – Doutora em Sociologia

Prof. Roberto Schmidt de Almeida – Doutor em Geografia

Prof^a Ângela de Castro Gomes – Doutora em Ciência Política
(Suplente)

AGRADECIMENTOS

Agradeço especialmente à minha orientadora, Lucia Maria Lippi Oliveira, que com sua paciência conseguiu me fazer terminar este trabalho, pois muitas vezes me pareceu impossível.

Agradeço a Jorge Luiz Veschi, um dos responsáveis por eu ter chegado até aqui.

Agradeço aos meus queridos irmãos Carlos Augusto, Silvia Helena e Maria Cristina, pois souberam respeitar minha ausência.

Agradeço aos amigos que, direta ou indiretamente, colaboraram para o cumprimento de mais uma etapa da minha vida. Foi um caminho difícil, mas consegui chegar.

Agradeço o valiosíssimo trabalho da querida amiga e revisora Rosina Bezerra de Mello Santos Rocha.

Agradeço a Paulo, pelo estímulo e compreensão nos últimos anos.

EPÍGRAFE

[Pois] se a informação é a mais poderosa força de transformação do homem, [o] poder da informação, aliado aos modernos meios de comunicação de massa, tem capacidade ilimitada de transformar culturalmente o homem, a sociedade e a própria humanidade como um todo.
(ARAÚJO, 1994. p.84).

RESUMO

O presente trabalho tenta mostrar a importância da aplicação de novas tecnologias no mundo globalizado, especialmente a rede Internet, como ferramenta indispensável na melhoria da qualidade da divulgação dos estudos produzidos pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística - IBGE, pela Coordenação de Comunicação Social do órgão. A pesquisa valeu-se de documentos administrativos, tais como Decretos, Resoluções, Portarias, Boletins de Serviço, entre outros materiais disponíveis que pudessem auxiliar nessa memória institucional. Utilizou como embasamento teórico a literatura especializada e para a pesquisa qualitativa aplicou a metodologia pertinente à pesquisa com coleta de dados da História Oral. Com o propósito de resgatar e percorrer o caminho histórico da criação do site do IBGE na Internet e a ampliação de seu uso por localidades do Brasil, esta pesquisa priorizou a importância que a Internet teve para a divulgação e disseminação dos trabalhos produzidos pelo IBGE. Para poder analisar esse processo foi preciso recorrer a alguns conceitos capazes de ajudar na reflexão sobre as transformações em curso, tais como: inovação tecnológica, cultura comunicacional, globalização, identidade global, identidade nacional, entre outros.

ABSTRACT

The present essay tries to show the importance of the application of new information's' technology in the global world, especially the Internet, as indispensable tool in the improvement of the quality of the spreading of the studies produced for the Brazilian Institute of Geography and Statistics - IBGE, for the Coordination of Social Communication of the agency. The research was used administrative documents, such as Decrees, Resolutions, Bulletins of Service, material among others available that could assist in this institutional memory. Specialized literature used as theoretical basement and for the qualitative research it applied the pertinent methodology to the research with collection of data of Verbal History. With the intention to rescue and to cover the historical way of the creation of the site of the IBGE in the Internet and the magnifying of its use for localities of Brazil, this term prioritized the importance that the Internet had for the spreading and dissemination of the works produced for the IBGE. To be able to analyze this process it was necessary to appeal to some concepts capable to help in the reflection on the transformations in course, such as: technological innovation, comunicacional culture, globalization, global identity, national identity, among others.

SUMÁRIO

1. Introdução.....	09
2. O processo de globalização e o Brasil.....	13
2.1 - Globalização: alguns conceitos.....	14
2.2 - O Brasil na era da globalização.....	20
3. Memória e Identidade no contexto globalizado.....	24
3.1 - Informação e identidade.....	27
3.2 - O mundo globalizado e a informação.....	29
3.3 - Memória identidade e informação.....	33
4. A Internet e o IBGE.....	40
4.1 – Surge a rede mundial de computadores.....	40
4.2 – Um pouco da história do IBGE.....	42
4.3 – A <i>Internet</i> no IBGE.....	44
5. A Comunicação Social e a <i>Internet</i>.....	53
6. Conclusão.....	61
Referências.....	63
Anexo 1.....	67
Anexo 2.....	68
Anexo 3.....	85

1. INTRODUÇÃO

O mundo globalizado já é realidade. O planeta está em nossas mãos, bastando um clique no computador. Essa realidade não atinge a totalidade dos cidadãos, pois poucos têm essa oportunidade, entretanto, as empresas procuram direcionar a todos tal facilidade e a cada momento elas podem acompanhar os passos de suas concorrentes, não importando se a empresa é privada ou pública.

Foi a partir da compreensão da universalidade desse processo de comunicação em rede que surgiu meu interesse em investigar a globalização e seus efeitos numa instituição de extrema importância para o País, o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE.

Órgão oficial das estatísticas e demarcações territoriais nacionais inaugurou sua página na Internet em 1995. Nessa época estava eu retornando à Coordenação de Comunicação Social do IBGE, onde prestei serviço durante os últimos 12 anos, e pude acompanhar, bem proximamente, todos os efeitos que essa ferramenta trouxe à rotina da Coordenação, bem como acompanhar o processo de inserção do resultado das pesquisas divulgadas pelo IBGE nos órgãos de imprensa, em todo o território nacional.

Realizei diversas viagens pelo Brasil, especialmente entre os anos de 1997 e 2000, período em que tive a oportunidade de conversar com os colegas que trabalhavam nas Unidades Estaduais¹, especialmente com os chefes dessas unidades, e com os responsáveis dos Setores diretamente ligados ao atendimento à sociedade, cuja denominação era Setor de Documentação e Informação – SDDI.² Dessa experiência profissional nasceu a idéia de

1 Unidade Estadual é o escritório do IBGE localizado em cada unidade da federação, além do Distrito Federal. São 27 no total.

2 Setor de Documentação e Disseminação de Informações - SDDI – hoje chamado Supervisão de Documentação e Disseminação de Informações - SDI, conforme resolução do Conselho Diretor n.5 de 03/05/2006 - constitui-se num posto avançado (representante) do Centro de Documentação e Disseminação de Informações - CDDI, instalado em todas as 26 capitais do país e também no Distrito Federal, que tem como objetivo o atendimento aos usuários internos e externos, tanto para consulta ao acervo quanto para venda do material produzido pelo IBGE.

acompanhar o trabalho de divulgação do material produzido pelo IBGE e executado pela Coordenação de Comunicação Social, considerando a aplicação de novas tecnologias como ferramenta de disseminação de informações, em especial, a Internet. Ao aprofundar essa observação, este trabalho desejava contribuir para a melhoria da comunicação entre a Comunicação Social do IBGE, realizado pela Coordenação de Comunicação Social, a mídia e os usuários das informações produzidas pela Instituição.

A princípio, a proposta visava a pesquisar a ampliação do uso das ferramentas tecnológicas, no caso a Internet, como um importante instrumento de divulgação das pesquisas do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE, consagrando, definitivamente, o encurtamento das distâncias geográficas deste país de dimensões continentais.

O levantamento teria o intuito de verificar se localidades longe das principais capitais do País³ recebiam a informação com a qualidade e a eficiência desejadas pela Comunicação Social do IBGE. A cidade escolhida para laboratório desse estudo foi a capital do estado de Roraima, Boa Vista, porque dista mais de cinco mil quilômetros do Rio de Janeiro, abriga somente um escritório responsável pelo levantamento das mais diversas pesquisas, tanto na área socioeconômica quanto nas geociências, além de ser um município com 249.655 habitantes⁴, pertencente à região amazônica, local de uma hibridez cultural especial. Também existia uma curiosidade acerca do tratamento dispensado às notícias veiculadas através da página do IBGE, na Internet, que, a princípio, poderiam ser realizadas por meio de entrevistas orais com editores dos dois principais jornais impressos da capital de Roraima, Folha de Boa Vista e Brasil Norte.

O trabalho deveria conter inicialmente um breve histórico sobre a introdução da Internet no IBGE, o lançamento da página na *www*⁵, além da inserção da CCS nesse processo. Entretanto, quando dei início à pesquisa,

³ Em especial, observar cidades mais distantes do Rio de Janeiro, onde fica a sede da Fundação e a Coordenação de Comunicação Social.

⁴ Dados referentes à projeção da população para 1º de julho de 2006, disponível no *site* <www.ibge.gov.br>

⁵ *World Wide Web* – serviço disponível para o acesso na Internet que permite o acesso de forma bastante simples a diversas informações em diferentes sistemas, onde a forma padrão é o hipertexto, localizados em servidores em várias partes do mundo.

percebi uma realidade diferente da imaginada. O IBGE não tinha, de forma sistematizada, a história da implementação e implantação do seu processo de integração e conexão à rede mundial de computadores, a Internet, nos arquivos da Diretoria de Informática – DI, do Centro de Documentação e Disseminação de Informações – CDDI, e, muito menos, a Coordenação de Comunicação Social – CCS.

Por essa razão, o propósito de resgatar e percorrer o caminho histórico da criação do site do IBGE na Internet e a ampliação de seu uso por localidades do Brasil tornou-se um trabalho hercúleo e de difícil realização levando em conta o exíguo prazo de tempo da dissertação de mestrado. Ocorreu, então, um realinhamento no levantamento das informações e a proposta passou a ser apenas acompanhar e indicar a importância que a Internet teve para a divulgação e disseminação dos trabalhos produzidos pelo IBGE.

Definido o novo caminho - relatar a trajetória da implantação da Internet no IBGE - foram utilizados documentos administrativos, tais como Decretos, Resoluções, Portarias, Boletins de Serviço, entre outros materiais disponíveis que pudessem auxiliar nessa memória institucional.

A metodologia pertinente à pesquisa com coleta de dados da História Oral também foi utilizada. Foram ouvidos a primeira chefe da Comunicação Social do IBGE, Shirley Soares Dias de Souza, a gerente da Gerência de Serviços On-Line – GEON do Centro de Documentação e Disseminação de Informações – CDDI, Edna Rodrigues Campello, Paulo Cesar Quintslr, Coordenador de Atendimento – COATI, do CDDI, e Luiz Mário Gazzaneo, Coordenador da Coordenação de Comunicação Social do IBGE desde setembro de 2000. Também houve algumas tentativas de ouvir Etienne César Ribeiro Oliveira, Gerente de Sistemas de Informações Diretoria de Informática, mas imprevistos impediram a realização da entrevista.

Por intermédio da Internet foi feita uma entrevista com Carlos Henrique Vieira, que ocupou a Comunicação Social do IBGE no período de 1995 e 1999, devido à impossibilidade realizar entrevista ao vivo, já que Carlos Vieira reside, há alguns anos, na capital paulista.

Apesar das dificuldades encontradas, as entrevistas trouxeram uma contribuição valiosa para o trabalho, na medida em que permitiram, de alguma forma, acompanhar a evolução ocorrida na forma de se divulgar e disseminar as informações produzidas pelo IBGE. Elas indicam que profissionais do IBGE estão buscando um processo de disseminação democrática e equânime de informações respondendo a uma demanda da sociedade que, em última instância, financia o Instituto.

O presente estudo traz, em seu desenvolvimento, uma breve análise da inserção do Brasil no contexto da globalização mundial, seguido de um capítulo que apresenta alguns conceitos que contribuem para a compreensão do processo de interdependência entre as nações e sua interferência na noção de identidade nacional, cultural, e individual, entre outros. O capítulo quatro faz um relato sucinto da memória do IBGE, desde sua criação até seu processo de informatização. O quinto e último capítulo pretende refletir sobre a importância das novas tecnologias de informação como ferramenta fundamental para garantir a qualidade das divulgações de resultados das pesquisas realizadas pelo IBGE, para democratização da informação, e para a construção da memória e identidade nacional diante do mundo globalizado, ressaltando a atuação da Coordenação de Comunicação Social do IBGE, na execução dessa tarefa.

2. O PROCESSO DE GLOBALIZAÇÃO E O BRASIL

A humanidade, ao longo de seu processo de evolução, mudou sua organização social. Dos grupos nucleares familiares para formação de tribos, aldeias, vilas que, posteriormente, passaram a se unir em cidades, estados e nações. Agora, o mundo chegou a uma condição que se conhece como "aldeia global",⁶ na qual todas as nações e povos do planeta se tornaram altamente interdependentes.

O fenômeno da globalização é, portanto, no dizer de Sefidvash,⁷ resultado de um processo natural dessa evolução, que caminhou em direção a uma situação de total interdependência entre os povos. A globalização não é, assim, uma invenção de alguma nação em particular. Na visão do autor, o problema do mundo atual não está na globalização em si, mas, sim, em não se saber como viver dentro dessa nova realidade. A globalização resulta do rápido desenvolvimento dos sistemas de comunicação e transportes e deve ser considerada uma valiosa oportunidade para que os povos do planeta possam se unir e harmonizar seus interesses de modo a se beneficiarem mutuamente com os recursos materiais e culturais existentes.

Sefidvash destaca que a história da humanidade contém organizações sociais que ora são centralizadas, ora descentralizadas. Para ele, na consolidação do vasto império romano, que só podia operar com considerável descentralização ainda que possuísse excelentes comunicações para sua época, era fisicamente impossível exercitar um controle centralizado do dia-a-dia.

A queda de Roma levou a uma tentativa da igreja católica de estabelecer um governo centralizado para o Santo Império Romano. Este foi temporário. A luta política entre os controles centralizado religioso e

6 Marshall McLuhan, literato canadense, foi quem, em 1964, em seu livro "Para entender os meios de comunicação", usou pela primeira vez a expressão "aldeia global".

7 SEFIDVASH, Farhang. Fala no Seminário da UNESCO do Fórum Social Mundial, 25-30 de Janeiro 2001, em Porto Alegre. In: Artigos publicados no *Acervo do Pensamento do Núcleo de Pesquisa Sobre Governança Global*, 2001. Disponível em: <www.rcgg.ufrgs.br> acesso em 9/08/2007.

descentralizado secular provocou uma matança na Europa, por séculos, na Idade Média, até que o poder descentralizado vencesse. A revolução da tecnologia da comunicação causada pelo advento da imprensa desempenhou um papel crucial nesse desfecho⁸.

O processo de globalização a que chegou a humanidade foi alavancado no período conhecido como “mercantilista”, isto é, o período das Grandes Navegações que redimensionou o mundo até então conhecido, propagando o intercâmbio cultural e comercial pelos cinco⁹ continentes do planeta.

2.1 Globalização: alguns conceitos

A definição de globalização não é única. Ela varia conforme a ciência e seu respectivo objeto de estudo e de acordo com o corte diacrônico feito pelo pesquisador. Por essa razão, encontra-se na literatura especializada uma multiplicidade de conceituações para um mesmo fenômeno. Entre as explicações existentes foram selecionadas aquelas que tinham seu foco na expansão dos meios de comunicação entre os povos, suas causas e conseqüências.

⁸ SEFIDVASH, Farhang. Fala no Seminário da UNESCO do Fórum Social Mundial, 25-30 de Janeiro 2001, em Porto Alegre. In: Artigos publicados no *Acervo do Pensamento do Núcleo de Pesquisa Sobre Governança Global*, 2001. Disponível em: < www.rcgg.ufrgs.br > acesso em 9/08/2007.

⁹ Oceania, que durante a época das Grandes Navegações foi chamada de Novíssimo Mundo, é o nome usado para variados grupos de ilhas no Oceano Pacífico. Em seu livro recém-lançado “Beyond Capricorn” (Além de Capricórnio), o jornalista australiano Peter Trickett prova que os primeiros europeus a descobrirem a Oceania foram os portugueses, em 1522, quase um século antes dos holandeses e 250 anos antes do capitão britânico James Cook. O livro foi baseado em antigos documentos e em cartas náuticas do séc. XVI coletados em bibliotecas da Europa e dos EUA. De acordo com a obra, quatro navios portugueses, liderados pelo explorador Christopher de Mendonça (que desenhou os primeiros mapas do Novíssimo Mundo), saíram de Portugal com a missão de descobrir a “Ilha do Ouro” de Marco Pólo, ao sul de Java e batizou o continente de “Terra Java”. Segundo os pesquisadores, o então rei de Portugal Manuel I decidiu manter a descoberta em segredo de Estado, temendo que seu rival nas Grandes Navegações, a Espanha, desejasse tomar posse de um pedaço do novo território. A teoria é apoiada por descobertas arqueológicas realizadas na costa oeste da Austrália, onde foram encontrados artefatos portugueses do século XVI. In: < www.EastStreetPublications.com > Acesso em: 31/08/2007.

Baumann¹⁰ define como sendo no final dos anos 1970 que a globalização assume um caráter marcadamente microeconômico, auxiliado pelo advento e difusão de novas tecnologias de informação e pela globalização dos mercados financeiros. Para ele, a globalização econômica produz efeitos que abrangem as relações produtivas, financeiras e comerciais, cujos conceitos formulados são insuficientes, dadas as características sem precedentes e a magnitude do fenômeno.

O adjetivo “global”, conforme Chesnais,¹¹ surgiu no princípio dos anos 1980, nas grandes escolas de Administração de Empresas de universidades norte-americanas, tais como, Harvard, Columbia, Stanford, entre outras, e posteriormente, popularizada em escala mundial. Para essas escolas de Administração o termo referia-se à disponibilidade de ferramentas de controle de atividades e distâncias crescentes proporcionadas pela telemática¹² e pelos satélites de telecomunicações. Portanto, seria necessária a reformulação de estratégias internacionais, a partir de uma reorganização produtiva e comercial, que permitisse a expansão dos mercados.

Na definição de Size,¹³ globalização¹⁴ é um termo utilizado por economistas da atualidade para descrever um processo tido como recente, mas existente desde o início do século XX. Esse nome surge pelo fato de que esse processo tomou uma amplitude particular desde os anos 1980, em que o desenvolvimento dos meios de transporte e telecomunicações suprimiu, um a um, os obstáculos à deslocalização de centros de produção.

A globalização, segundo Gilberto Giovannetti e Madalena Lacerda, é um processo acentuado pela aceleração e padronização dos meios técnicos, pela instantaneidade da informação e da comunicação, e pela mundialização

10 BAUMANN, Renato. Uma visão econômica da globalização. In: _____. *O Brasil e a economia global*. Rio de Janeiro: Campus/SOBEET, 1996, p.43

11 CHESNAIS, François. *A Mundialização do Capital*. São Paulo: Xamã, 1996, p.23.

12 A telemática pode ser definida como a área do conhecimento humano que reúne um conjunto e o produto da adequada combinação das tecnologias associadas à eletrônica, informática e telecomunicações, aplicados aos sistemas de comunicação e sistemas embarcados e que se caracteriza pelo estudo das técnicas para geração, tratamento e transmissão da informação, na qual estão preservadas as características de ambas, porém apresentando novos produtos derivados destas. PINHEIRO, José Mauricio Santos. Disponível em <http://www.projetoderedes.com.br/artigos/artigo>. Acesso em 20/08/2007

13 SIZE, Pierre. *Dicionário da Globalização*". Tradução e adaptação de Serge Goulart. Florianópolis: Obra Jurídica Editora, 1997, p. 55-56.

14 Segundo o Dicionário Houaiss o termo data de 1960.

da economia. Esse processo promove a reorganização e reestruturação dos espaços nacionais e regionais, em escala mundial, a partir do controle e regulamentação dos centros hegemônicos.¹⁵

André Luís Forti Scherer¹⁶, em seu estudo, revela três grandes formulações teóricas sobre a origem, o significado e a representação que o termo globalização adquiriu na atualidade:

Em sua primeira premissa, o autor destaca que o termo globalização é comumente utilizado em alusão a diversos fenômenos que, após a década de 1970, provocaram uma redefinição nas relações internacionais em diferentes áreas da vida social, como a economia, as finanças, a tecnologia, as comunicações, a cultura, a religião, etc.

A segunda premissa de Scherer diz respeito à definição da origem ou do início do processo de globalização dos diferentes tipos de relação entre os povos/ nações.

Por último, o autor versa sobre as conseqüências do processo de globalização, seu caráter parcial e, até mesmo, a "marca" ideológica embutida no termo, que têm levado a percepção daquilo que Baumann denominou de paradoxos da globalização. O conceito de globalização tem estado associado, de forma muito estreita, ao movimento de redução dos entraves políticos à movimentação de mercadorias e serviços entre fronteiras¹⁷.

Para Milton Santos¹⁸, essa globalização cria um meio técnico científico e informacional em contraposição ao meio natural; promove a transformação dos territórios nacionais em espaços recebedores da economia internacional; intensifica a especialização e a divisão social e territorial do trabalho; concentra e aumenta a produção em unidades menores; e há, também, o acirramento da tensão entre o local e o global como fruto do processo de globalização. O autor reconhece, também, a possibilidade de construção de um mundo globalizado e humano.

15 GIOVANNETTI, Gilberto. e LACERDA, Madalena. *Melhoramentos* Dicionário de Geografia. São Paulo: Melhoramentos, 1996, p.93-94.

16 SCHERER, André Luis Forti. Globalização. In: CATTANI, A. D. (Org.) *Trabalho e Tecnologia*: dicionário crítico. 3. ed. Petrópolis: Vozes, 2000.

17 BAUMANN, Renato. Uma visão econômica da globalização. In: _____. *O Brasil e a economia global*. Rio de Janeiro: Campus/SOBEET, 1996, p.44,

18 SANTOS, Milton, apud GIOVANNETTI e LACERDA, op. cit., p. 94.

Todavia, podemos pensar na construção de um outro mundo, mediante uma globalização mais humana. As bases materiais do período atual são, entre outras, a unicidade da técnica, a convergência dos momentos e o conhecimento do planeta. (...) Mas, essas mesmas bases técnicas poderão servir a outros objetivos, se forem postas a serviço de outros fundamentos sociais e políticos. (...) O primeiro desses fenômenos é a enorme mistura de povos, raças, culturas, gostos, em todos os continentes. A isso se acrescente, graças aos progressos da informação, a mistura de filosofias, em detrimento do racionalismo europeu. Um outro dado de nossa era, indicativo da possibilidade de mudanças, é a produção de uma população aglomerada em áreas cada vez menores, o que permite um ainda maior dinamismo àquela mistura entre pessoas e filosofias. (...) Trata-se da existência de uma verdadeira sociodiversidade, historicamente muito mais significativa que a própria biodiversidade. (...) A universalidade deixa de ser apenas uma elaboração abstrata na mente dos filósofos para resultar da experiência ordinária de cada homem.¹⁹

Outro aspecto controverso do processo de globalização diz respeito à fragmentação dos mercados e à sua relação com o movimento de regionalização, concomitantemente, em curso. Esses movimentos tendem a ser caracterizados como incompatíveis, uma vez que a regionalização sendo impulsionada pelas facilidades em comunicações e transportes levam à homogeneização dos mercados, enquanto a preservação dos valores nacionais induz à fragmentação desses mercados.²⁰ No entanto, os dois processos não são necessariamente antagônicos, podendo na realidade, reforçarem-se. Nesse sentido, cabe ressaltar a posição de Ianni para quem "[...] o local e o global determinam-se reciprocamente, umas vezes de modo congruente e conseqüente, outras de modo desigual e desencontrado".²¹ Acrescenta-se a isso o fato da globalização homogeneizar os padrões de demanda por meio das facilidades de comunicação, uniformização de preferências, entre outros, ao mesmo tempo em que, sob os aspectos tecnológico, organizacional e mercadológico, leva à fragmentação produtiva e à diferenciação dos produtos.²²

19 SANTOS, Milton. *Por uma outra globalização: do pensamento único à consciência universal*. 10.ed. Rio de Janeiro: Record, 2003, p. 21-22.

20 BAUMANN, Renato. Uma visão econômica da globalização. In: _____. *O Brasil e a economia global*. Rio de Janeiro: Campus/SOBEET, 1996, p.47.

21 IANNI, Octavio. *Teorias da Globalização*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1996, p.192.

22 BAUMANN, op.cit., p.48.

No contexto cultural, também aparecem diversas definições convergentes cujas abordagens sobre a globalização dificilmente buscam uma compreensão geral e integrativa dos diferentes aspectos desse fenômeno, o qual exige a elaboração de um arcabouço teórico e conceitual que ainda se encontra em construção.

Uma delas é a de Featherstone²³, que salienta a uniformização e a difusão internacional de hábitos, convenções e informação numa escala crescente, servindo de base para a existência e o aprofundamento de uma cultura global.

Robertson²⁴ reconhece ser o mundo atual culturalmente muito mais uno atualmente do que há cinquenta anos, mas ressalta a impossibilidade de definir a conjuntura atual como sendo uma “aldeia global”, uma vez que essa união não corresponde a uma integração simples das partes.

Diante dessa grande variedade de pontos de vista sobre a globalização, não devem ser omitidos mais dois. O primeiro é a visão de Listone, bem como, sua concepção de globalização para o terceiro milênio. O autor propõe para o novo século o desafio de criar uma nova forma de entender e estabelecer as relações entre os povos equilibrando os níveis global e regional, nacional e local de governo numa forma apropriada à encolhida aldeia global e à estrutura intensiva de coordenação tornada possível pela atual revolução baseada na tecnologia da informação.²⁵

O segundo ponto de vista, representado pela opinião de Farhang Sefidvash,²⁶ sinaliza que a meta da sociedade mundial para o terceiro milênio deve articular a visão de inclusão global e oferecer sugestões concretas sobre como governos, a Organização das Nações Unidas-ONU e os povos do mundo

23 FEATHERSTONE, Mike. Cultura global: introdução. In:____. *Cultura global: nacionalismo, globalização e modernidade*. Petrópolis: Vozes, 1994, p.12

24 ROBERTSON, Rolan. Mapeamento da condição global: globalização como conceito central. In: FEATHERSTONE, Mike. *Cultura global: nacionalismo, globalização e modernidade*. Petrópolis: Vozes, 1994 p.26.

25 LISTONE, Harold. Technology and Governance. In: Artigos publicados no Acervo do *Pensamento do Núcleo de Pesquisa Sobre Governança Global*, 2001,02, p. 39. Disponível em: < www.rcgg.ufrgs.br> acesso em 9/08/2007.

26 SEFIDVASH, Farhang. Fala no Seminário da UNESCO do Fórum Social Mundial, 25-30 de Janeiro 2001 em Porto Alegre. In: Artigos publicados no Acervo do *Pensamento do Núcleo de Pesquisa Sobre Governança Global*, 2001. Disponível em: <www.rcgg.ufrgs.br> acesso em 9/08/2007.

podem avançar, neste momento da história, para concretizar tal objetivo. O autor aponta nessa direção três tendências dominantes, frutos dos esforços dispendidos, até o presente, para estabelecer uma cultura de paz no planeta:

- 1) a ascensão da democracia;
- 2) a expansão do conhecimento humano; e,
- 3) o reconhecimento da interdependência fundamental da humanidade.

Pela ascensão da democracia, entende-se a completa mudança social, política e cultural que tem cada vez mais transferido o poder de poucos para muitos.

A ascensão da democracia pode ser percebida de várias maneiras: no fim de várias formas de governo autoritário; a preferência crescente dos Estados por estabelecer governos através de eleições livres; a ascensão dos movimentos dos povos e da sociedade civil ao redor do mundo; o comprometimento de governos em envolver o povo na formulação de políticas; e a ênfase crescente na transparência, confiabilidade e abertura na tomada de decisões por parte do governo. Pode ser vista também na proliferação da mídia de massa, inclusive a Internet, que permite um acesso e compartilhamento de informação sem precedentes - ambos componentes essenciais da democracia. Também se manifesta no respeito e proteção crescentes dos direitos humanos para todos.²⁷

Por expansão do conhecimento humano, entende-se toda a gama de avanços científicos, tecnológicos e educacionais que têm acelerado o ritmo de transformação da sociedade. Essa expansão tem estimulado o acesso a uma vasta quantidade de informação, e esta associada à sua transmissão por vários meios, seja através da mídia de massa, do ativismo social, da educação, ou, mais recentemente, da *Internet*.

O reconhecimento da interdependência fundamental entre todos os povos do planeta refere-se à mudança de paradigma no pensamento coletivo que surge com o entendimento crescente de que a vida de cada pessoa está inextricavelmente conectada uma a outra, como membros de uma única raça

27 SEFIDVASH Farhang. Fala no Seminário da UNESCO do Fórum Social Mundial, 25-30 de Janeiro 2001 em Porto Alegre. In: Artigos publicados no Acervo do Pensamento *do Núcleo de Pesquisa Sobre Governança Global*, 2001. Disponível em: <www.rcgg.ufrgs.br> acesso em 9/08/2007.

humana, dividindo um planeta com recursos naturais limitados²⁸. Independente do nome recebido – “a aldeia global”, “a nave Terra”, “cidadania mundial”, “consciência planetária”, e outros – essa interligação está, efetivamente, no coração das mudanças profundas que ocorrem na vida ordenada da humanidade alcançada através do processo histórico de evolução, na qual todas as nações e povos tornaram-se altamente inter-relacionados. O fenômeno da globalização entendido como o resultado originado pela crescente mobilidade das pessoas e pela rapidez dos meios de comunicação envolve todos os aspectos da vida humana, incluindo o social, cultural e religioso e não apenas o aspecto econômico, que é normalmente discutido.²⁹

Portanto, o problema enfrentado não é o advento da globalização, mas o fato de não saber como viver e lidar com os assuntos e fatos sob essa nova realidade. Assim sendo, as discussões sobre a ordem mundial têm grande relevância para todos aqueles preocupados com o futuro da humanidade e desejosos de que essa globalização não se restrinja, simplesmente, a acordos econômicos beneficiando somente aos poderosos.³⁰

2.2 O Brasil na era da globalização

Retornando à globalização sob a dimensão cultural, pode-se dizer que uma de suas principais características é aquilo que Hall³¹ chama de ‘compressão espaço-tempo’. A aceleração dos processos globais faz o mundo parecer menor e as distâncias mais curtas. As formas de comunicação tornaram-se muito ágeis nas últimas décadas, criando a ilusão de que todo o espaço está homogeneizado.

28 SEFIDVASH, Farhang. Fala no Seminário da UNESCO do Fórum Social Mundial, 25-30 de Janeiro 2001 em Porto Alegre. In: Artigos publicados no *Acervo do Pensamento do Núcleo de Pesquisa Sobre Governança Global*, 2001. Disponível em: < www.rcgg.ufrgs.br > acesso em 9/08/2007..

29 SEFIDVASH, op. cit.

30 SEFIDVASH, op. cit.

31 HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Rio de Janeiro: DP&A, 2002, p. 69.

A globalização torna mais forte as relações sociais em âmbito mundial, colocando em contato os lugares mais longínquos de tal modo que um fato ocorrido aqui pode ser conhecido em todo o mundo num período de tempo ínfimo. Sob o aspecto do impacto, eventos ocorridos num determinado lugar podem afetar imediatamente pessoas e lugares situados a uma grande distância³². E essa globalização contemporânea é associada “às formas transnacionais de produção e consumo, ao crescimento exponencial de novas indústrias culturais impulsionado pelas tecnologias de informação, bem como, ao aparecimento da ‘economia do conhecimento’”.³³ Dentro desse processo globalizante insere-se a *Internet*, ferramenta de comunicação que torna acessível a idéia de consumo global de informações e conhecimento.

Uma vertente crítica da globalização aqui também se faz presente. Há que se concordar com Morin quando ele ressalta que o processo globalizante teve seu surgimento anterior à era internética, começando com a expansão européia nas Américas, no século XVI. Esse processo de mundialização é considerado um movimento unilateral por representar, fundamentalmente, a conquista européia ocidental, liderado por Portugal, na qual os povos descobertos foram escravizados ou colonizados com uma visão única, sem direito ao intercâmbio.³⁴ Depois vieram as guerras, movimento de universalização pelo poder das armas e da economia. Realizaram intervenções e implantaram novos modelos de uniformização e padronização dos povos dominados, como se essas populações não tivessem suas tradições e línguas próprias.³⁵

Esse fenômeno também aconteceu no Brasil, quando cá chegou a família real portuguesa estabelecendo um dinamismo nas negociações da Coroa Portuguesa com outras nações. Foi uma comunhão de interesses comerciais que aproximou este país ao outro continente, fazendo desta nação, “de outrem”, uma nova extensão de Portugal. Vieram para cá hábitos e

32 GIDDENS, Anthony. *As conseqüências da modernidade*. São Paulo: UNESP, 1991, p. 69.

33 HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Rio de Janeiro: DP&A, 2002, p. 58.

34 MORIN, Edgar; SILVA, Juremir Machado da. *As duas globalizações: complexidade e comunicação, uma pedagogia do presente*. 2. ed. Porto Alegre, Sulina/EDIPUCRS, 2002, p. 39.

35 MORIN, Edgar; op.cit., p. 39.

costumes europeus, especialmente franceses. Estabeleceu-se uma nova rota de troca de informações, mesmo antes do surgimento do sistema comunicacional que revolucionou todo o planeta.

No que se refere à cultura dentro do processo de globalização, Milton Santos apresenta uma tese bastante adequada:

Um exemplo é a cultura. Um esquema grosseiro, a partir de uma classificação arbitrária, mostraria, em toda parte, a presença e a influência de uma cultura de massas buscando homogeneizar e impor-se sobre a cultura popular. Um primeiro movimento é resultado do empenho vertical unificador homogeneizador, conduzido por um mercado cego, indiferente às heranças e às realidades atuais dos lugares e das sociedades. Sem dúvida, o mercado vai impondo, com maior ou menor força, aqui e ali, elementos mais ou menos maciços da cultura de massa, indispensável, como ela é, ao reino do mercado e a expansão paralela das formas de globalização econômica, financeira, técnica e cultural. Essa conquista, mais ou menos eficaz segundo os lugares e as sociedades, jamais é completa, pois encontra a resistência da cultura preexistente. Constituem-se, assim, formas mistas sincréticas, dentre as quais, oferecida como espetáculo, uma cultura popular domesticada associando um fundo genuíno a formas exóticas que incluem novas técnicas.³⁶

O movimento de globalização é semelhante ao pulsar do coração: é sempre de contração e expulsão. As nações resistem e, ao mesmo tempo, preenchem no seu movimento de expansão e são preenchidas por outras que se expandem cuja influência as penetra independentemente da vontade dos povos que habitam o território delineado por rios e montanhas. O fenômeno da globalização é uma via de mão dupla, no qual países influenciam e são influenciados por outros nas diversas áreas de atividades humanas.

O Brasil, dentro do atual contexto de globalização mundial, visto como uma nação que ocupa uma posição privilegiada, pode ser entendido como um país que valoriza as conquistas já realizadas e possibilita a análise do que ainda falta realizar. O Brasil está, de certo modo, como pilar da América Latina. Esse posicionamento trouxe responsabilidades de líder e, com isso, o privilégio de discutir questões importantes em relação ao comércio, negócios e parcerias internacionais. O gerenciamento da cadeia de relações nacionais e

36 SANTOS, Milton. *Por uma outra globalização: do pensamento único à consciência universal*. 10. ed. Rio de Janeiro: Record, 2003, p. 143-144.

internacionais, de consumo e de produção passa por todos os ciclos e é preciso estar atento à velocidade dessa informação, com o objetivo de perpetuar e solidificar a posição nacional no cenário mundial.³⁷

Essa visão pode ser mais bem compreendida mediante a reflexão de Friedman³⁸ na qual ele considera que o mundo atual é plano. Na sua metáfora, o autor descreve a próxima fase da globalização, como engenhosa: o campo do jogo econômico mundial está sendo nivelado e hoje um indivíduo ou uma empresa de qualquer lugar pode colaborar ou competir globalmente, a partir dos recursos tecnológicos como facilitador desse processo. Empresas de telecomunicação realizaram planos incrivelmente ambiciosos de "conectar o mundo" através do ciberespaço. Esse excedente de conectividade significou que os custos das ligações telefônicas, conexões de *Internet* e transmissão de dados caíram drasticamente. A queda nos custos de transmissão de dados democratizou o acesso à informação e ao conhecimento de qualquer espécie.

Friedman esclarece a importância do desenvolvimento das "plataformas de fluxo de trabalho", *software*, possibilitando que os aplicativos de computador se conectassem e funcionassem, juntos, e, permitissem, assim, a cooperação entre pessoas trabalhando em qualquer lugar. Sabiamente, o autor compreende que não há como conter a onda. Não se podem desligar essas forças, exceto a grande custo para o bem-estar econômico das nações. As forças básicas que movem o mundo plano são, na verdade, as mudanças de atitude e política dos governos do mundo todo. Em vista de tudo que foi exposto até aqui, depreende-se a importância e a dimensão do papel que a correta e eficiente disponibilização dos dados coletados nas pesquisas realizadas pelo IBGE possuem para o desenvolvimento do país, para sua crescente inserção no mercado mundial e para a sociedade brasileira como um todo.

37 SANTANA, Dalva. O Brasil globalizado. Artigo. *Sistema de Apoio à Decisão da FAE*. disponível em : <www.aldeiadesign.com.br/artigos> acesso em 10/08/2007.

38 FRIEDMAN, Thomas L. "*The World Is Flat: A Brief History of the Twenty-First Century*" (O mundo é plano: Uma breve história do século 21). Rio de Janeiro: Objetiva, 2005.

3. MEMÓRIA E IDENTIDADE NO CONTEXTO GLOBALIZADO

Embora o Brasil seja um país marcado pela exclusão digital³⁹, a utilidade potencial da *Internet* já se tornou consensual. E o IBGE – referência oficial de estatísticas e outros estudos – não se furtou em preparar sua rede de informações via *Internet*, rede mundial de computadores.

Para poder analisar esse processo é preciso recorrer a alguns conceitos capazes de ajudar a pensar as transformações em curso, tais como: inovação tecnológica, cultura comunicacional, globalização, identidade global, identidade nacional, entre outros.

Segundo Bauman,⁴⁰ a informática desferiu o golpe mortal na “‘naturalidade’ do entendimento comunitário”. Giddens⁴¹ pergunta, por sua vez, que efeitos os processos de inovação tecnológica poderão ter sobre o *habitat* dos seres humanos. Serão todos os problemas resolvidos com o avanço da ciência e da tecnologia, como propõe o sistema capitalista?

Algumas questões são consideradas primordiais para a reflexão e o acompanhamento do aproveitamento da *Internet* na cultura comunicacional em geral, e também na relação entre a cultura da sociedade e a mídia.

Para Veschi⁴² a modernização tecnológica corresponde ao anseio da sociedade por proteção, tal qual um acalanto maternal.

Pierre Lévy⁴³ utiliza-se do termo hipertexto para contextualizar esse momento de grandes evoluções tecnológicas, na qual as palavras, as imagens,

39 Segundo dados da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios 2005, apenas 13,7 por cento dos 142.471 mil domicílios particulares permanentes possuíam microcomputador com acesso à *Internet*. Dados atualizados a partir da divulgação da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios-2005, ocorrida em 15/09/2006.

40 BAUMAN, Zygmunt. *Comunidade: a busca por segurança no mundo atual*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editores, 2003.

41 GIDDENS, Anthony. *As conseqüências da modernidade*. São Paulo: UNESP, 1991.

42 VESCHI, Jorge Luiz. *Mídia e identidade pessoal*. Rio de Janeiro: Eco-Rizhoma, 2003, p. 27

43 LÉVY, Pierre. *As tecnologias da inteligência*. 11. ed. São Paulo: Editora 34, 2001.

os gráficos, ou parte deles, e até outros documentos, se reúnem para formar um único produto, resultando na transformação de determinada sociedade.

A respeito do desenvolvimento tecnológico, ElHajji⁴⁴ discorre acerca dos efeitos da globalização sobre o indivíduo, que tende a se tornar a própria máquina, em vez de apenas usufruir dela. Essa avaliação, é preciso lembrar, advém de uma visão hegemônica ocidental, em que tudo fora de seus padrões é inexistente.

Canclini⁴⁵ ao analisar a ‘globalização imaginada’ se pergunta o que haveria de comum entre a globalização e a identidade nacional? O autor evoca uma produção do imaginário contemporâneo, em que a idéia inicial é do mundo conectado e interligado em sua totalidade. Percebe-se que o advento da *Internet* torna essa concepção um tanto verossímil. Nessa “globalização imaginada” parece existir a defesa da ausência do Estado nacional. A influência externa sobre os países, por sua vez, não impede que estes assumam suas diversas culturas locais.

Entretanto, diante de tais questionamentos há um tema que, mais uma vez, se sobrepõe: a globalização é uma via de mão dupla, ela promove, acima de tudo, o intercâmbio entre os povos, o diálogo entre as culturas, as ciências, os saberes. É uma linguagem, e sendo fundamentalmente uma linguagem, ela tem como uma de suas funções comunicar, isto é, tornar comum.

Ao trazer o tema para a sociedade brasileira, é importante sinalizar a necessidade de alterar os paradigmas relacionados ao próprio ponto de vista que orienta o pensamento quanto ao entendimento do que acontece no mundo. Isso porque ainda se é apegado a um instrumental teórico construído no final do século XIX.⁴⁶ Faz-se urgente constituir um novo pensar sobre classe, indivíduo, Estado, nação como forma de redefinição da própria identidade, agora inserida na concepção de cidadania planetária.⁴⁷

44 ELHAJJI, Mohammed. *Da simbiose hegemônica ocidental: globalização e convergência*. Rio de Janeiro: Eco-Rizhoma, 2001.

45 CANCLINI, Nestor García. *A globalização imaginada*. São Paulo: Iluminuras, 2003.

46 ORTIZ, Renato. *Mundialização e Cultura*. São Paulo: Brasiliense, 1996, p.16.

47 MORIN, Edgard, SILVA, Juremir Machado da. *As duas globalizações: complexidade e comunicação, uma pedagogia do presente*. 2. ed. Porto Alegre, Sulina/EDIPUCRS, 2002.

O Brasil é um país de forte unidade cultural e grande diversidade de culturas regionais. Assim, além da influência dos outros países do mundo, sente-se a presença de expressões regionais distintas. Mas é nos centros urbanos que esses espaços culturais serão consumidos por públicos compostos, em sua maioria, pela classe média.

No Brasil, no período 1964-1980, ocorreu uma enorme expansão de grandes empresas controladoras dos meios de comunicação. A TV Globo e a Editora Abril, por exemplo, se consolidam nessa fase. A reboque vieram os jornais impressos.⁴⁸ Nesse processo de expansão coube ao Estado canalizar esforços, no sentido de criar meios para inserção das demais classes excluídas do processo comunicacional, tanto por conta do poder aquisitivo, quanto por características regionais. Nesse movimento sem retorno da comunicação planetária em que se encontram as nações, a tese de que as sociedades também se transformariam tomando uma forma homogênea não se confirmou ao longo dos últimos anos. As culturas nacionais continuam atuando como fonte principal de identidade e contribuem para “unir” as diferenças locais em uma única identidade. O indivíduo pensa as formas da identidade cultural como se fizessem parte da nossa natureza essencial, como se estivessem impressas em nossos genes. A cultura nacional é uma das principais fontes da identidade cultural, e falar sobre uma significa falar sobre a outra: “As pessoas não são apenas cidadãos/ãs legais de uma nação; elas participam da idéia da nação tal como representada em sua cultura nacional”.⁴⁹

Ao entrar no século XXI fica nítido que a diversidade cultural permanece, que as narrativas sobre globalização continuarão investindo numa comunicação que integre todos os continentes, e que isso pode afirmar identidades distintas. O importante é constatar que quanto mais se universaliza mais se localiza a sociedade, reforçando os Estados-nação, já que os poderes globalizantes não são suficientes para abranger a todos.

48 ORTIZ, Renato. *Mundialização e Cultura*. São Paulo: Brasiliense, 1996, p.82

49 HALL, S. *A identidade cultural na pós-modernidade*. 2. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 1998, p.49.

3.1 Informação e identidade

Ao serem analisados os fatores que podem caracterizar uma crise das identidades no processo de globalização, pode-se perceber que esta se formou consoante com as concepções de identidade cultural formuladas em torno do papel que o sujeito social adquiriu nas transformações históricas recentes da humanidade. Na concepção iluminista, o indivíduo era dotado das capacidades de razão, de consciência e de ação, sendo o centro essencial do "eu", a identidade de uma pessoa; na concepção sociológica, a identidade do sujeito é formada mediante a relação deste com outras pessoas, da interação de valores, sentidos, símbolos e cultura dos mundos habitados pelo sujeito. A identidade preenche o espaço entre o interior e o exterior, entre o mundo pessoal e o mundo público. "A identidade (...) costura (...) o sujeito à estrutura. Estabiliza tanto os sujeitos quanto os mundos culturais que eles habitam, tornando ambos reciprocamente mais unificados e predizíveis."⁵⁰ No contexto da globalização a idéia de identidade unificada e estável tem sido fragmentada, apresentando-se como uma composição de várias identidades, algumas vezes contraditórias ou não resolvidas.

Na visão de Ortiz⁵¹, as identidades que compunham as paisagens sociais "lá fora" e asseguravam as necessidades objetivas da cultura estão entrando em colapso diante das mudanças estruturais e institucionais. Mais do que um processo de transformação social e cultural, a globalização representa a materialização de um paradigma que assume papel de "fator-chave" no desenvolvimento das forças produtivas: a informação. A informação, no contexto atual, torna-se o próprio produto do processo produtivo. A sua "nova relevância"⁵² induz a questões sobre a natureza da informação, sua conceituação científica e os benefícios que pode trazer ao indivíduo no seu relacionamento com o mundo em que vive. Essa informação está ligada à

50 HALL, S. *A identidade cultural na pós-modernidade*. 2. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 1998, p.10.

51 ORTIZ, R. *Cultura brasileira e identidade nacional*. São Paulo: Brasiliense, 1985.

52 FREIRE, Isa. A utopia planetária de Pierre Lévy: uma leitura hipertextual d'a inteligência coletiva. *Perspectivas em Ciência da Informação*, v. 10 n. 2, p. 132-139, jul./dez. 2005.

produção de conhecimento no indivíduo, sendo definida “como agente mediador na produção do conhecimento, em forma e substância, como estruturas significantes com a competência de gerar conhecimento para o indivíduo e seu grupo.”⁵³

Elas são "estruturas significantes"⁵⁴, construídas por meio de ações políticas e técnico-científicas, no contexto próprio e facilitadoras da produção do conhecimento. Desse modo, "a informação é qualificada como um instrumento modificador da consciência do homem e de seu grupo." ⁵⁵ As ações dos atores sociais que trabalham com a informação devem atuar de modo a promover os fluxos de informação nos diferentes planos de integração (culturais, organizacionais, produtivos, políticos), considerando a complexidade dos agentes que entrelaçam o local e os mundos externos, em todas as suas manifestações.

Sarita Albagli ressalta que a relevância da cultura local na globalização está no seu papel de integração das especificidades:

[...] a partir do potencial integrativo do novo padrão tecnológico, o local redefine-se, ganhando em densidade comunicacional, informacional e técnica no âmbito das redes informacionais que se estabelecem em escala planetária. A dimensão cultural do local atua na globalidade como um fio invisível que vincula os indivíduos ao espaço, marcando uma certa idéia de diferença ou de distinção entre comunidades.⁵⁶

A cultura e informação "são conceitos fenômenos interligados pela sua própria natureza."⁵⁷ Ela funciona como uma memória que ao conservar e reproduzir artefatos simbólicos e materiais de geração em geração, torna-se a depositária da informação social. Assim, a cultura "torna-se o primeiro

53 BARRETO, A. de A. A questão da informação. *São Paulo em Perspectiva*, v. 8, n. 4, out./dez. 1994. p.4.

54 FREIRE, I. M. A utopia planetária de Pierre Lévy: uma leitura hipertextual d'a inteligência coletiva. *Perspectivas em Ciência da Informação*, v. 10 n. 2, p. 132-139, jul./dez. 2005.

55 BARRETO, 1994, op. cit., p.3.

56 ALBAGLI, Sarita. Globalização e espacialidade: o novo do local. In: *Globalização & inovação localizada: experiências de sistemas locais no Mercosul*. Brasília: Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia/ Ministério da Ciência e Tecnologia, 1999, p.186-87.

57 MARTELETO, R. M. Cultura, educação, distribuição social dos bens simbólicos e excedente informacional. *Informare*, v. 1, n. 2, 1995, p.90.

momento de construção conceitual da informação, como artefato, ou como processo que alimenta as maneiras próprias do ser, representar e estar em sociedade.”⁵⁸ A socialização da cultura por meio da linguagem, estética, visão de mundo, valores e costumes, tem papel relevante para a democratização do acesso e uso da informação. Pode-se dizer que à medida que a informação adquire importância para a produção social, cresce a responsabilidade social do campo científico dedicado ao seu estudo, organização e transferência.⁵⁹

3.2 O mundo globalizado e a informação

As principais transformações que ocorreram a partir da segunda metade do século XX em diferentes áreas das atividades humanas, vinculam-se, indubitavelmente, em sua grande maioria, aos progressos observados na associação de computadores integrados aos sistemas de produção e na modernização dos setores de telecomunicações e de transporte, impulsionadores de idéias, bens e pessoas. A velocidade deste processo reduz a relação espaço-tempo entre pessoas e organizações criando melhores condições de intercomunicabilidade cada vez mais intensas.⁶⁰

O conhecimento, o *know-how*, e a informação são reconhecidos como fatores essenciais ao desenvolvimento das organizações da atualidade. A cognição constitui uma grandeza relevante nas estratégias de evolução organizacional, e a ampliação da velocidade de sua absorção, seja por cientistas, seja por leigos, deriva em novo pólo de propagação do saber.⁶¹ O

58 MARTELETO, R. M. Cultura, educação, distribuição social dos bens simbólicos e excedente informacional. *Informare*, v. 1, n. 2, 1995, p.91.

59 FREIRE, I. M. *A responsabilidade social da ciência da informação e/ou o olhar da consciência possível sobre o campo científico*. 2001. Tese (Doutorado em Ciência da Informação) - CNPq/IBICT - ECO/UFRJ, Rio de Janeiro, 2001.

60 VIRILIO, apud ALMEIDA, Roberto Schmidt de. Padrões tecnológicos e reorganização espacial no final do milênio. Artigo. In: *Revista Brasileira de Geografia*. Rio de Janeiro: IBGE, v. 57, n. 3, jul/set, 1995, p. 6-19.

61 ALMEIDA, op.cit.

tempo de treinamento e formação profissional foi significativamente reduzido por simuladores de situações reais devido ao advento das mídias interativas que associam imagem, texto e som.⁶² Para a gestão da informação, há programas de gerenciamento de documentação capazes de operar com dados em textos, imagens, dados alfanuméricos e sons permitindo o manuseio e o acesso a enormes quantidades de informação, utilizando novos conceitos de *hipertexto e de sistema especialista* processados por um sistema denominado “inteligência artificial”.⁶³

O hipertexto é um dos paradigmas básicos em que a rede mundial de computadores se baseia. Ele é uma espécie de texto multidimensional, em que numa página trechos de texto se intercalam com referências a outras páginas. Clicando com o *mouse* numa referência destas a página corrente é substituída pela página referenciada. A invenção do conceito costuma ser atribuída a Vannevar Bush que descreve o “*memex*” num artigo clássico, escrito em 1945⁶⁴, antes mesmo do aparecimento dos primeiros computadores. O hipertexto é muito apropriado para a representação de informações no computador por dois motivos: permite subdividir um texto em trechos coerentes e relativamente curtos, facilitando a sua organização e compreensão; permite também fácil referência a outras partes do texto ou a outros textos, totalmente independentes, muitas vezes armazenados em locais distantes. Isso cria uma característica própria de leitura da informação que, após um curto processo de adaptação, passa a ser intuitivo para o usuário, que se refere a esta leitura como “navegação”. É muito fácil formar uma idéia grosseira do que é um hipertexto, pois basta pensar nas edições mais modernas da Enciclopédia Britânica que se constituem de uma mistura de informações com apontadores para outros trechos da própria enciclopédia.

62 NAISBITT, 1994; NEGROPONTE, 1995, apud ALMEIDA, Roberto Schmidt de. Padrões tecnológicos e reorganização espacial no final do milênio. Artigo. In: *Revista Brasileira de Geografia*. Rio de Janeiro: IBGE, v. 57, n. 3, jul/set, 1995, p. 6-19.

63 ALMEIDA, op. cit.

64 No artigo “*As We May Think*”, publicado na revista *The Atlantic Monthly* em 1945, refere-se a uma visão da gênese da hipermídia. Nele Bush divulgou o MEMEX (o equipamento seria uma reprodução dos processos mentais humanos de associação de idéias e da formação do conhecimento, a partir de uma rede de evocações e ligações entre os assuntos, apresentados em forma de documentos escritos, sonoros ou visuais, indexados por meio dos mecanismos hierárquicos e conectados de múltiplas formas), o mais antigo sistema hipertextual conhecido. Vannevar Bush é considerado o pai do computador. <http://www.eca.usp.br>

Os sistemas especialistas solucionam problemas que são resolvíveis apenas por pessoas especialistas (que acumularam conhecimento exigido) na resolução destes problemas. Um Sistema de Inteligência Artificial⁶⁵ criado para resolver problemas em um determinado domínio (área de interesse específico para as quais podemos desenhar um sistema de IA), cujo conhecimento utilizado é fornecido por pessoas que são especialistas naquele domínio é denominado Sistema Especialista. Os Programas de computador que tentam resolver problemas que os seres humanos resolveriam emulando o raciocínio de um especialista, aplicando conhecimentos específicos e inferências são ditos Sistemas Especialistas. O Sistema Convencional é baseado em um algoritmo, emite um resultado final correto e processa um volume de dados de maneira repetitiva, enquanto que um Sistema Especialista é baseado em uma busca heurística e trabalha com problemas para os quais não existe uma solução convencional organizada de forma algorítmica disponível ou é muito demorada.

A principal diferença entre um sistema especialista e uma linguagem de programação clássica, de acordo com Almeida⁶⁶, é o procedimento produtor da conclusão total, sendo a homogeneidade da representação dos conhecimentos a principal característica dos sistemas especialistas, seja qual for sua origem: leis científicas, observações estatísticas ou conhecimentos empíricos de um perito. O principal objetivo dessa tecnologia é fornecer uma assistência em tempo real aos profissionais iniciantes ou de pouca qualificação, no menor espaço de tempo possível. Essas técnicas reduziram de anos para meses ou dias os ciclos de criação de novos produtos, nas organizações modernas. No caso da circulação de idéias, o tempo de propagação reduziu-se há duas horas em média devido às redes do tipo *Internet*. Simultaneamente às velozes representações virtuais da realidade, à geração de computadores mais ágeis e

65 As correntes de pensamento que se cristalizaram em torno da IA já estavam em gestação desde os anos 30. No entanto, oficialmente, a Inteligência Artificial (IA) nasceu em 1956 com uma conferência de verão em Dartmouth College, NH, USA. Na proposta dessa conferência, escrita por John McCarthy (Dartmouth), Marvin Minsky (Harvard), Nathaniel Rochester (IBM) e Claude Shannon (Bell Laboratories) e submetida à fundação Rockefeller, consta a intenção dos autores de realizar "um estudo durante dois meses, por dez homens, sobre o tópico *inteligência artificial*". Ao que tudo indica, esta parece ser a primeira menção oficial à expressão "Inteligência Artificial".

66 ALMEIDA, Roberto Schmidt de. Padrões tecnológicos e reorganização espacial no final do milênio. Artigo. In: *Revista Brasileira de Geografia*. Rio de Janeiro: IBGE, v. 57, n. 3, jul/set, 1995, p. 6-19.

potentes, acontece a ampliação e reestruturação dos sistemas de logística, otimizando a produção, o transporte, e a distribuição de bens em todas as esferas espaciais.⁶⁷

O pioneiro na reestruturação e aceleração na logística foi a fábrica japonesa da Toyota, que criou o processo denominado de *just in time*. A partir daí, outros processos foram desenvolvidos: Manufatura Integrada por Computador (CIM *em inglês*); *Material Requirement Planning* – MRP (Planejamento de Necessidades de Materiais); *Manufacturing Resource Planning* – MRP II (Planejamento de Recursos de Manufatura); Círculos de Controle de Qualidade – CCQ e *Total Quality Management* – TQM (Gestão da Qualidade Total). A moderna logística nasceu para superar a antiga concepção de Frederick W. Taylor rompendo com a noção de fragmentação do processo de produção na qual os trabalhadores sequer tinham noção da complexidade total do produto final.⁶⁸

Foi esse conjunto de novos processos logísticos que viabilizaram os fluxos otimizados e rápidos de matérias-primas e bens, facilitados, também, pela infra-estrutura portuária, marítima e aérea capaz de garanti-los. “Possibilitaram também a criação de um complexo de decisões apoiado em redes de telecomunicações cada vez mais livres dos nós da rede física como os telefones celulares e os sistemas de satélites [...]”.⁶⁹

Paradoxalmente, é a intensificação da competição que abre espaços de cooperação, em especial, nas áreas de pesquisa básica e de circulação de idéias e informações.⁷⁰

67 BECKER, 1993; SAVY, 1993; COSTA, 1995, apud ALMEIDA, Roberto Schmidt de. Padrões tecnológicos e reorganização espacial no final do milênio. Artigo. In: *Revista Brasileira de Geografia*. Rio de Janeiro: IBGE, v. 57, n. 3, jul/set, 1995, p. 6-19.

68 HIRATA, 1993; COSTA & CAULLIRAUX, 1995, apud ALMEIDA, op. cit., p. 6-19.

69 NEGROPONTE, 1995, apud ALMEIDA, op.cit.

70 ALMEIDA, op. cit.

3.3 Memória, identidade e informação

Segundo Andreas Huyssen, o século XX foi marcado por uma crescente valorização da memória como preocupação das Ciências Sociais e dos homens de um modo geral. Ainda segundo ele, os cem últimos anos testemunharam uma intensa criação de mercados da memória, que passaram pela museificação, pela comercialização do passado via mídia, pela tentativa de reciclar o tempo em direção à memorialização, entre outras iniciativas de se recuperar o aroma e o sabor dos tempos, em referência a uma citação proustiana.⁷¹

A obsessão pelo passado seria própria desta cultura contemporânea ocidental, que vê, assustada, o presente desaparecer na compressão das coordenadas tradicionais de tempo e espaço, conseqüência do fenômeno da globalização.⁷² A supervalorização da memória representa a tentativa de pensar as diversas categorias temporais como uma via de extrema riqueza nas análises das ciências sociais e no mapeamento da construção das identidades sociais.

A finalidade social da história exige uma compreensão do passado que está, direta ou indiretamente, vinculada ao presente. As pessoas comuns tendem a buscar as explicações para as revoluções e mudanças por que passam em suas próprias vidas por meio da História. Paul Thompson sinaliza a possibilidade de utilizar a história para finalidades sociais e pessoais construtivas por meio da história oral, que é construída em torno das pessoas. Esse tipo de abordagem trata do individual e, portanto, promove a aproximação entre memória e identidade.⁷³

71 HUYSSSEN, Andreas. *Seduzidos pela memória: arquitetura, monumentos, mídia*. 2. ed. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2004.

72 BARROS, Luitgarde Oliveira Cavalcanti. Memória, linguagem e identidade: memória hoje. Artigo. In: *Morpheus – Revista Eletrônica em Ciências Humanas*. Ano 02, n. 03, 2003 - ISSN 1676-2924. Disponível em: www.unirio.br/morpheusonline. Acesso em: 23/06/2007.

73 THOMPSON, P. *A voz do passado*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1990.

Memória e identidade, ambos de natureza social são constituídos em um tempo que também é de natureza social. Sendo o sujeito um ser histórico, recordar é um ato coletivo, que está ligado a um contexto de natureza social e a um tempo que engloba uma construção pertinente a uma noção historicamente determinada. A lembrança é a recordação de um tempo revivido.⁷⁴

A memória é um fenômeno construído, consciente ou inconscientemente, como resultado do trabalho de organização individual ou social. É um elemento constituinte do sentimento de identidade, tanto individual como coletiva e, portanto, um fator extremamente importante do sentimento de continuidade e de coerência de uma pessoa ou de um grupo em sua reconstrução de si. A identidade é a imagem que a pessoa adquire, ao longo da vida, referente a ela própria, é a imagem que ela constrói e apresenta aos outros e a si própria, para acreditar na sua própria representação e também para ser percebida da maneira que quer por outros.⁷⁵

A identidade social ou identidade coletiva é a determinante constitutiva da noção de nação. A idéia que a Nação projeta dela mesma é projetada pelas formas políticas e pelas palavras. Há constantemente uma incorporação da definição de sua cultura no país e a língua é a chave para esta universalidade. Essa identidade está presente nos documentos criados para a construção da memória nacional. E o documento, como diz Jacques Le Goff, não é alguma coisa que fica por conta do passado. É produto da sociedade que o fabricou, segundo relações de força, onde mais uma vez se apresenta a questão do poder. Reportando-se a símbolos, sinais sociais, a memória é, então, um sistema simbólico, expresso na interação da linguagem, como o tempo e o espaço.⁷⁶

Reforçando o aspecto referente à construção da noção de nação por meio das palavras, é relevante citar o estudo de Lúcia Lippi Oliveira, no qual a autora identifica na literatura de época o nascimento da noção do

74 BARROS, Luitgarde Oliveira Cavalcanti. Memória, linguagem e identidade: memória hoje. Artigo. In: *Morpheus* – Revista Eletrônica em Ciências Humanas. Ano 02, n. 03, 2003. Disponível em: <www.unirio.br/morpheusonline> Acesso em: 23/06/2007.

75 POLLACK, Michael. *Memória, esquecimento, silêncio*. Estudos Históricos, RJ, v.2, n.3, p.3-15, 1989.

76 LE GOFF, Jacques. *História e memória*. Campinas, SP: Unicamp, 1990.

sentimento nacionalista, do que é ‘ser brasileiro’, da identidade nacional desvinculada de Portugal e França, e o modo como esse nacionalismo se modifica ao longo da história influenciado por fatos exteriores e interiores da experiência social do brasileiro.⁷⁷

Para demonstrar o comprometimento do povo com a república nascente, a autora cita a carta de Raul Pompéia a Rodrigo Otávio, datada de 24 de fevereiro de 1893, publicada a título de prefácio, no livro “Festas nacionais” deste último, em 1938.

Raul Pompéia afirma que o povo brasileiro não contava com classes conservadoras. Os proprietários rurais, únicos conservadores possíveis, acabaram por confundir seus interesses com os do comércio, controlados exclusivamente por estrangeiros. A pátria brasileira não contou com o patriotismo das classes ricas, com a vigilância dos que mais têm o que perder. Somos assim, em economia política, uns miserandos desvertebrados.⁷⁸

O livro de Gonzaga Duque, editado em 1897, “Revoluções Brasileiras”, destaca os fatos que contribuíram para a proclamação da República e exalta, entre outras, a necessidade de mudanças no padrão das relações econômicas do Brasil com os estrangeiros.

Em 1889, Gonzaga Duque critica a história do Brasil ensinada até então, porque baseava-se nos cânones da monarquia e omitia as sucessivas e sangrentas guerras que vieram conduzindo a nova nação sul-americana à posse do governo do povo pelo poder. E adverte: ‘O conhecimento histórico das origens republicanas é um dever de educação de um povo livre.’⁷⁹

De acordo com Oliveira, Afonso Celso escreveu ‘Porque me ufano do meu país’ para ensinar o patriotismo aos filhos. Na obra o autor aponta os predicados do caráter nacional como “o sentimento de independência, a hospitalidade, a afeição à ordem, a paciência, a doçura e o desinteresse, o

⁷⁷ OLIVEIRA, Lúcia Lippi. *A questão nacional na primeira república*. São Paulo: Brasiliense, 1990, p. 126-158 (cap. 6 e 7).

⁷⁸ OLIVEIRA, op. cit., p. 128.

⁷⁹ *Ibidem*, p. 129.

escrúpulo no cumprimento das obrigações, a caridade, a acessibilidade, a tolerância, a ausência de preconceitos e a honradez.”⁸⁰

Editado em 1910, o livro “Através do Brasil”, de Olavo Bilac e Manuel Bandeira, foi amplamente utilizado nas escolas primárias. De acordo com a autora, este parece ter sido um dos mais eficazes instrumentos para a disseminação da representação ufanista do brasileiro na formação das novas gerações, pois a obra apresenta o país e o homem brasileiro, ambos com uma natureza maravilhosa e diversificada, não enfrentando graves problemas. A adversidade e o sofrimento ocorrem em função do desconhecido e do curso natural da vida.⁸¹

Após a primeira guerra mundial, Oliveira destaca uma alteração no foco do sentimento nacionalista, agora voltado para a consolidação da república e para a construção de um governo direcionado aos interesses específicos do Brasil, não mais de Portugal. A obra de Álvaro Bomilcar “A política no Brasil ou o nacionalismo radical”, de 1920, figura como representante dessa corrente. Para a autora,

Além da demanda pela construção de uma história de cunho nacionalista, Bomilcar reconhece e assume a interpretação de Alberto Torres quando este diz que o destino de um país é função de sua história e sua geografia. A história do Brasil só começará quando a solidariedade entre os habitantes produzir uma consciência de unidade moral, algo que a unidade política está longe de realizar. (...) Álvaro Bomilcar reúne a herança ufanista, o jacobismo antilusitano e o modelo de sociedade presente em Alberto Torres. Sua síntese fornece os elementos que comporão o ideário dos movimentos nacionalistas e do movimento católico dos anos 20. (...) a nacionalidade enquanto sistema de idéias centrada na identidade e na autoconsciência necessariamente discute com a tradição vigente. É preciso reestruturá-la ou construir sua versão sobre o passado que substitua a interpretação anterior.⁸²

Oliveira observa que foi construída uma história republicana para substituir a imperial. A nova narrativa apresentou-se mais organizada em relação à anterior e, embora dialogasse com a antiga narrativa, estava fundada sobre valores naturais e de longa duração como a terra e o caráter do ser

⁸⁰ OLIVEIRA, Lúcia Lippi. *A questão nacional na primeira república*. São Paulo: Brasiliense, 1990, p. 130.

⁸¹ OLIVEIRA, op. cit., p.132.

⁸² Ibidem, p. 133, 142.

humano que a habita. “[...] O ‘triângulo das três raças’ e o ‘homem cordial’ são certamente, construções culturais tributárias desta visão que maximiza as qualidades imanentes da natureza dos trópicos e do homem que neles vive.”⁸³

Os fragmentos desse estudo de Oliveira endossam o pensamento de Halbwachs, para quem o ponto fundamental acerca da memória coletiva, como fato social, é a sua função de ancoragem para cada indivíduo, servindo de elo entre o passado e presente e entre as diversas concepções individuais acerca do passado. A memória coletiva é construída a partir da interligação das diversas memórias dos indivíduos que fazem parte do grupo identificado como proprietário daquela memória.⁸⁴

Se o ser humano lembra para esquecer, como diz Pollak, ele constrói, com a memória coletiva, um passado comum com outros grupos e, ao mesmo tempo, com aquele ao qual está diretamente filiado.⁸⁵ Uma das categorias constituintes da humanidade seria exatamente a idéia da perda de um passado melhor, uma perda fantasmagórica gerada pela própria História. A cultura da memória poderia indicar uma atualização contemporânea dessa busca contínua por esse passado mitificado, por essa cosmogonia.⁸⁶

Jean-Pierre Vernant demonstrou ser pela memória que reconstruímos nosso elo com o mundo, com nossa origem, e sem a preocupação com uma temporalidade. A memória seria matéria menos de uma cronologia e mais de uma cosmogonia. Memória e esquecimento seriam fontes nas quais os homens haveriam de beber, sendo a segunda marcadamente uma entrada para a não superação, e a primeira uma maneira de garantir o tempo cíclico, um caráter mítico em relação ao pertencimento ao mundo desde sempre.⁸⁷

Portanto, a memória construída no presente, a partir de demandas dadas por este pode ser pensada como fator fundamental para a construção de pertencimentos sociais, aos mais diversos níveis associativos. De certa forma,

⁸³ OLIVEIRA, Lúcia Lippi. *A questão nacional na primeira república*. São Paulo: Brasiliense, 1990, p. 143.

⁸⁴ HALBWACHS, Maurice. *A memória coletiva*. São Paulo: Vértice; Editora Revista dos Tribunais, 1990. 188p.

⁸⁵ POLLACK, Michael. *Memória, esquecimento, silêncio*. Estudos Históricos, RJ, v.2, n.3, p.3-15, 1989.

⁸⁶ HUYSEN, Andreas. *Seduzidos pela memória: arquitetura, monumentos, mídia*. 2.ed. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2004.

⁸⁷ VERNANT, J. P. “Aspectos míticos da memória e do tempo”. In: *Mito e Pensamento entre os Gregos*. São Paulo: Difel/Edusp, 1973.

a busca do controle sobre a memória institui uma identidade para o agente social nela envolvido, no sentido de gerar um lugar dentro de uma rede específica de circularidade e fluxo.⁸⁸ Essa rede pode ser a cidade, a unidade da federação, o país, o continente, o planeta. Por isso, seria correto aceitar a hipótese da construção de uma identidade global sem prejuízo da identidade social local ou individual.

É retendo fatos, transmitindo-os, reelaborando-os, criando-os, representando-os pela linguagem que a espécie humana produz o que se chama cultura. Em todo esse processo, a memória é o mecanismo de apoio que evita à humanidade partir sempre do ponto zero, lançando-se no mecanismo cumulativo de saber transmitido intra e intergerações. Com origem desconhecida num tempo sem registro de linguagem perceptível às modernas gerações, a cultura, essencial à sobrevivência humana, pelo processo de socialização se torna patrimônio, direito de qualquer nascido em todos os tempos e espaços particulares da sociedade humana universal.⁸⁹

As identidades serão sempre sociais porque provocam processos de alteridade e podem ser construídas a partir de trajetórias individuais ou marcos coletivos. Podem demandar, em termos sociais e/ou culturais, o partilhamento de interesses diversos ou por processos excludentes, nas chamadas identidades contrastivas, por vezes complementares, noutras conflitantes. As fronteiras constitutivas das identidades são fluidas, estão em permanente fluxo de interações sociais, logo, são múltiplas por definição, independentemente, do tempo ou espaço nos quais estejam inseridas. As relações “nós” versus “eles” são dinâmicas e processuais.⁹⁰ A questão da identidade precisa ser pensada como um movimento constante de construção e desconstrução, em que os atores mudarão seus posicionamentos e, portanto, suas práticas discursivas, dependendo das situações interativas.⁹¹

88 BARROS, Luitgarde Oliveira Cavalcanti. Memória, linguagem e identidade: memória hoje. Artigo. In: *Morpheus* – Revista Eletrônica em Ciências Humanas. Ano 02, n. 03, 2003. Disponível em: <www.unirio.br/morpheusonline>. Acesso em: 23/06/2007.

89 BARROS, op.cit.

90 BARROS, op. cit.

91 ENNEL, Ana Lucia S. “Lugar, meu amigo, é minha Baixada”: memória, representação social e identidade. Tese (Doutorado em Antropologia - PPGAS/Museu Nacional/UFRJ). Rio de Janeiro, 2002. Disponível em: <www.castelobranco.br>. Acesso em: 30/07/2007.

Os discursos sociais são construídos e apropriados nas relações de fronteira, nas situações de interação. As identidades sociais são forjadas, em larga medida, a partir dos discursos sociais, e a mídia desempenha papel central. No entanto, as apropriações desses discursos são múltiplas, o que resulta, em processos de identificação também múltiplos.⁹²

Nesse processo identitário, os meios de comunicação de massa são relevantes, pois têm papel fundamental na produção dos acontecimentos históricos contemporâneos. “Imprensa, rádio, imagens não agem apenas como meios dos quais os acontecimentos seriam relativamente independentes, mas como a própria condição de sua existência. A publicidade dá forma à sua própria produção”.⁹³

As categorias de memória e de identidade, intrinsecamente relacionadas nos processos sociais contemporâneos, devem ser entendidas de forma dinâmica e conjunta, analisadas dentro de fluxos comunicacionais, como uma tela constantemente tecida por agentes e agências constituintes de redes de interação social. Os múltiplos entes envolvidos na produção das identidades sociais são sujeitos que possuem suas demandas determinadas pelas condições do presente.⁹⁴

As memórias são narrativas sociais. São práticas discursivas, empreendidas, tecidas nas arenas de disputas por saber e poder, são objeto de razão e paixão, são fronteiras móveis que servem ao presente, quando reelaboram o passado, mas, também, ao futuro, quando projetam o devir.⁹⁵

Nesse jogo, os agentes ligados aos processos midiáticos exercem um papel fundamental, pela forte penetração de seus discursos e pela configuração de um senso comum.⁹⁶

92 ENNEL, Ana Lucia S. “*Lugar, meu amigo, é minha Baixada*”: memória, representação social e identidade. Tese (Doutorado em Antropologia - PPGAS/Museu Nacional/UFRJ). Rio de Janeiro, 2002. Disponível em: < www.castelobranco.br/>. Acesso em: 30/07/2007.

93 NORA, Pierre. “O retorno do fato”. In: LE GOFF, J. e NORA, P. *História: Novos Problemas*. Rio de Janeiro, Francisco Alves, 1988.

94 ENNEL, op.cit.

95 ENNEL, op.cit.

96 ENNEL, op.cit.

4. A INTERNET E O IBGE

Reconhecendo que a potência de comunicação através da Internet existe, de forma multimídia (texto, imagem, som), essa rede global pode ser uma ferramenta inclusiva, importante e eficaz como poucas. Considerando ainda que a comunicação entre os emissores e os receptores é parte fundamental desse processo, torna-se relevante resgatar a memória da implantação da *Internet* no IBGE e sua dinâmica na divulgação e disseminação das informações.

4.1 Surge a rede mundial de computadores

A Internet revolucionou o mundo dos computadores e das comunicações. Sua concepção é o resultado da invenção do telégrafo (1837), do telefone (1876), do rádio (1906), da televisão (1926) e do microcomputador (1975), que prepararam o terreno para implantação. A Internet é o melhor meio de divulgação e disseminação de informações em nível mundial, além de facilitador na interação entre indivíduos e seus computadores, independentemente de suas localizações geográficas.

Sua origem remonta à primeira metade dos anos 1960, época da Guerra Fria entre as duas potências mundiais, os EUA e a União Soviética, quando surgiu a idéia da construção de uma rede de computadores que pudesse trocar informações. Foi criada, então, a *Advanced Research Projects Agency* (ARPA), no Departamento de Defesa dos EUA, em 1962, uma rede que transmitia informações confidenciais e estratégicas para o governo norte-americano, com o fim de impedir acessos internacionais.

Na década de 1970 surgiram as redes nacionais de comunicação como a ARPANET (*Advanced Research Projects Agency Network*). No final dessa década surgiram as LANs (redes locais).

Em fins da década de 1980, Tim Berners Lee cria a World Wide Web (WWW), que é a parte multimídia da Internet, possibilitando a exibição de páginas de hipertexto, ou seja, documentos que podem conter todo o tipo de informação: textos, fotos, animações, trechos de vídeo e sons e programas e que permite conexões entre documentos (*links*) .

No Brasil, até 1990 as universidades brasileiras se conectavam às redes internacionais de pesquisa através da rede BITNET (*Because it's Time Network*), ou rede de correio eletrônico, sob a orientação do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico-CNPq. Nessa mesma época, o órgão coordena a implantação, no país, uma rede de pesquisa que interliga as principais universidades, órgãos governamentais e não-governamentais (ONGs) e instituições de pesquisa. Em 1992 essa rede se concretiza, passando a chamar-se Rede Nacional de Pesquisas-RNP. A RNP, tinha como objetivo inicial a implantação de uma infra-estrutura de redes eletrônicas para apoio a atividades de educação e pesquisa no país.

Após a segunda metade da década de 1990 é que a Internet populariza-se, comercializa-se, e surge o primeiro *site* jornalístico, o Jornal do Brasil *on line*, em 1995.

4.2 Um pouco da história do IBGE

O IBGE é o resultado da fusão do Instituto Nacional de Estatística e do Conselho Nacional de Geografia, criados nos primeiros anos do governo instalado após o golpe militar de 03 de outubro de 1930, quando Getúlio Vargas passa a governar o país, ao receber comando das mãos de generais, em 03 de novembro do mesmo ano. Para Vargas era muito importante a implantação de um órgão que tivesse condições de articular e implantar pesquisas estatísticas e que realizasse uma atualização geográfica com a finalidade fornecer informações para ações governamentais. Assim, em 1934 foi criado, através do Decreto no. 24.609, de 06 de julho de 1934, o Instituto Nacional de Estatística – INE, que iniciou suas atividades em 29 de maio de 1936, data em que se oficializou a criação do IBGE. Contudo, o IBGE só foi instituído em 26 de janeiro de 1938, após a extinção do INE, e composto pelo Conselho Nacional de Estatística, Conselho Nacional de Geografia e Comissão Censitária Nacional. Com a criação do IBGE instalou-se um novo marco de referência de Estado, pois informações técnicas e científicas passaram a proporcionar tomadas de decisões independentes de intervenções locais. Era o governo federal representado por competentes técnicos, sem influências de disputas políticas.

Nesses 70 anos o IBGE passou por algumas diferentes subordinações junto ao poder federal. Foram três fases. A primeira abrangeu o período compreendido entre os anos de 1934 e 1967. Neste, a Instituição foi diretamente ligada ao poder central, com a regência de funcionalismo público. A partir da divulgação do Decreto-Lei no. 161, de 13 de fevereiro de 1967, o IBGE assume o status de Fundação, onde é facultado aos servidores que “[...] estes poderão firmar contrato de trabalho com a Fundação Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, sob o regime da legislação trabalhista [...]”⁹⁷, isto é, regido pela Consolidação das Leis do Trabalho – CLT, com a adoção da Carteira de Trabalho e Previdência Social – CTPS, na qual seus funcionários

⁹⁷ Decreto-Lei no. 161, de 13/02/1967, Art. 19.

passam a ter contratos de trabalho como as empresas privadas, e os que desejassem poderiam continuar no regime estatutário. Nesse período a subordinação é a um ministério do governo central (Planejamento ou Fazenda). Em 1990, o Instituto volta a ser gerido pelo Regime Jurídico Único – RJU, através da Lei 8.112, editada em 11 de dezembro de 1990, quando seu corpo de servidores passa a se subordinar novamente ao Ministério do Planejamento, Orçamento e Gestão, dentro da carreira de Ciência & Tecnologia. O IBGE atravessou todos esses anos de existência com diversos momentos difíceis, tanto de ordem política quanto orçamentária.

O IBGE é constituído atualmente por 27 Unidades Estaduais, das quais 26 são instaladas nas capitais e uma no Distrito Federal, 533 Agências de Coleta, distribuídas entre as unidades da federação e a elas subordinadas, além de uma reserva ecológica – Reserva Ecológica do Roncador – localizada a 35 quilômetros de Brasília. O órgão subsidia a sociedade civil e os órgãos das três esferas de governo do país (federal, estadual e municipal) com as mais diversas informações, a saber:

- Produção e análise de informações estatísticas
- Coordenação e consolidação das informações estatísticas
- Produção e análise de informações geográficas
- Coordenação e consolidação das informações geográfica
- Estruturação e implantação de um sistema de informações ambientais
- Documentação e disseminação de informações
- Coordenação dos sistemas estatístico e cartográfico nacionais

4.3 A *Internet* no IBGE

O IBGE inaugurou sua página na Internet em 1995. Nessa época, a rede era integrada, basicamente, por universidades e órgãos públicos, existindo muito poucas empresas da iniciativa privada operando conectadas ao sistema de rede. A página do IBGE foi bastante revolucionária nesse momento. Tanto assim, que logo no ano seguinte, em 1996, ganhou seu primeiro prêmio (1º lugar) no *iBest*⁹⁸. Além desse primeiro lugar, vieram mais dois. Um em 2001, outro em 2003. E nesses 12 anos no ar, o *layout* mudou mais de dez vezes, sempre bem colocado entre os dez finalistas na categoria governo.

Para que essa ferramenta fosse implantada no IBGE, o órgão transpôs diversas dificuldades internas, especialmente a sua organização estrutural. A reformulação, sem dúvida, começou a partir da metade da década de 80, quando o País retornou ao governo civil democrático, sob os auspícios da Nova República, e quando pela Instituição passaram presidentes comprometidos com a necessidade de devolver à sociedade o direito de acesso às informações produzidas pelo sistema cartográfico e estatístico nacional. São formadas, então, muitas comissões e grupos de trabalho, envolvendo todas as áreas do IBGE (áreas distribuídas entre diversas diretorias – Administração, Agropecuária, Recursos Naturais e Geografia, Economia, Formação e Aperfeiçoamento de Pessoal, Geodesia e Cartografia, Informática). Em 26 de julho de 1985, é criada a Comissão de Reforma Administrativa⁹⁹, com o objetivo de implantar a reforma e modernização do IBGE. Essa comissão deu origem a várias outras subcomissões, até que, em novembro do ano seguinte, é apresentada a nova estrutura do IBGE, criando o Centro de Documentação e Disseminação de Informações - CDDI.

⁹⁸ *iBest* – prêmio criado há dez anos, com a finalidade de premiar novos talentos, constituídos de órgãos e profissionais que fazem a história da Internet.

⁹⁹ Resolução do Presidente R.PR/33, de 26/07/1985, cria a Comissão de Reforma Administrativa.

Esse Centro só teve sua estrutura instalada num único prédio em 1990, por ocasião da mudança de todas as áreas que o compunham originalmente para um único prédio, localizado no bairro do Maracanã. Sua preocupação maior era a melhoria da disseminação de informações com o apoio das demais áreas do IBGE, somando seus esforços aos da Comunicação Social do IBGE, que já realizava um trabalho de pró-ação com o apoio da imprensa desde meados da década anterior.

O CDDI já privilegiava como meta o desenvolvimento de tecnologia que pudesse atender com rapidez toda a sociedade. Assim, inseria os Setores de Documentação e Disseminação de Informações-SDDIs,¹⁰⁰ espalhados por todas as capitais do país, além do Distrito Federal, como parte integrante nessa disseminação ágil das informações.

Paralelamente, a Comunicação Social do IBGE, já realizava o repasse das informações por ocasião da divulgação de pesquisas conjunturais, cuja periodicidade é mensal (Índice Nacional de Preços ao Consumidor-INPC, Pesquisa Mensal de Emprego-PME, Pesquisa Industrial Mensal-PIM, entre outras), e pesquisas estruturais, com suas divulgações realizadas uma vez por ano (Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios-PNAD, Pesquisa da Pecuária Municipal-PAM), além do Recenseamento Geral.

Em parceria com o CDDI, a Comunicação Social avança rumo à consolidação do atendimento ao público, em geral. Crescia a necessidade de implantação de novas formas de divulgação e disseminação de informações para que a defasagem fosse cada vez menor entre sua produção e sua disponibilização.

De acordo com entrevista concedida por Paulo Cesar Quintslr, Coordenador de Atendimento Integrado do CDDI, a transformação tecnológica se deu a partir da segunda metade dos anos 1990:

“Na programação do IBGE, já em 95, com certeza, nós estávamos fazendo um trabalho de apresentar à direção do IBGE uma proposta de página do IBGE na Internet. Essa proposta ela foi apresentada,

¹⁰⁰ Atualmente o nome é Supervisão de Documentação e Disseminação de Informação – SDI.

é... de forma mais organizada ao professor Simon Schwartzman¹⁰¹, quando ele estava assumindo a presidência do IBGE. Na época, o Ângelo Pavan¹⁰² era o Coordenador, hoje chamado Coordenador Geral do CDDI, e foi então apresentada uma proposta, uns planos, que tínhamos um projeto de página para a Internet. Naquele momento, a estrutura computacional do IBGE ainda era de poucos microcomputadores para os profissionais da Casa e os que tinham não estavam, em grande maioria, não estavam ligada em rede, os computadores, ligados em rede, os microcomputadores, e muito menos ligados à rede Internet. O primeiro investimento que se fez foi de colocar os microcomputadores em rede interna e, em seguida, com ligação à rede Internet. O projeto de publicar uma página do IBGE na rede Internet seguiu paralelo a esse investimento de microcomputadores na Casa, até chegar, hoje, quase a um computador para cada servidor. Ainda não chegamos a essa relação, mas estamos bem próximos. Naquela época, foram dois projetos distintos, o de rede de computadores para os funcionários do IBGE, e o trabalho voltado para publicar uma página na rede Internet. Esse trabalho de publicar uma página, ele foi desenvolvido já no tempo do Prof. Simon Schwartzman.”¹⁰³

A estrutura computacional do IBGE ainda era insipiente e possuía poucos microcomputadores para os profissionais do Órgão, e os existentes não estavam, em grande maioria, ligados em rede, menos ainda à rede Internet. O primeiro investimento feito conectou os microcomputadores em rede interna, denominada *intranet* e, em seguida, ligou-os à rede Internet. O projeto de publicar uma página do IBGE na rede mundial de computadores seguiu paralelo a esse investimento na aquisição de microcomputadores no Órgão, até chegar ao que se tem hoje, quase a proporção de um computador para cada servidor. Essa meta ainda não foi atingida, mas se está bem próximo. Como pode ser observado, existiram dois projetos distintos em andamento e simultâneos: o de rede de computadores para os funcionários do IBGE, cujo investimento em microcomputadores e a sua ligação em rede foi toda desenhada junto a Diretoria de Informática, e o trabalho voltado para o público, criando uma página do IBGE na rede Internet.

¹⁰¹ Professor Simon Schwartzman foi presidente do IBGE entre 1994 e 1999.

¹⁰² Ângelo José Pavan foi Superintendente do Centro de Documentação e Disseminação de Informações-CDDI, do IBGE, no período de junho de 1994 a julho de 1995.

¹⁰³ Entrevista concedida por Paulo Cesar Quintslr, em 03 de maio de 2007.

Nesse período, surgiram polêmicas a respeito da substituição do *mainframe*¹⁰⁴ por apenas microcomputadores, conforme observou Paulo Quintslr.

[...] Na época até surgiram polêmicas de se substituir (sic) o *main fraime* por apenas microcomputadores. Todo o trabalho do IBGE, o processamento de dados do IBGE, clássica já, deixar de ser realizada em um computador central, de grande porte, *main fraime*, com contrato com a IBM, deixar de ser feito dessa forma para ser feito com microcomputadores, processados em rede de microcomputadores. Isso, na época, gerou uma certa polêmica, afinal, nunca se deixou de o IBGE (sic) ter um computador de grande porte para processar...Ainda tem. Isso ao final ficou claro. Que o IBGE... A massa de dados que o IBGE processa exigia ter um computador de grande porte e esse foi um esforço que foi feito, que cabia a implantação à DI¹⁰⁵. Toda a orientação à DI. Isso significou orientar a compra de equipamentos para a rede de computadores, passar cabos para fazer essa ligação nesses computadores, e também a contratação de um acesso à rede Internet, que também é um contrato feito com provedores.¹⁰⁶

O período em que ocorreu a implantação da rede Internet no IBGE foi o mais adequado. O Governo Federal vigente havia quebrado a reserva de mercado em microinformática, facilitando, sobremaneira, o investimento em equipamentos de informática importados e com preços mais acessíveis. O IBGE passou a ter condições de desenvolver um sistema operacional que comportasse uma página, um endereço, na rede Internet para acesso dos usuários às informações que o IBGE divulgava e continua divulgando.

Essas páginas eram planejadas e desenhadas pelo CDDI, mais especificamente na Gerência de Serviços *on Line*, cuja equipe foi criada para

¹⁰⁴ Maquinas de grande porte normalmente usam sistema operacional Unix e às vezes outros simultaneamente (são capazes de rodar vários sistemas operacionais ao mesmo tempo). São hotswap, tem um grande paralelismo de processadores, e a estabilidade de software e hardware é enorme com os processos rodando em processadores virtuais e reais que podem ser *distribuídos* pela carga dependendo da necessidade. A filosofia de funcionamento MF é muito diferente do Windows e dos servidores Wintel. A multitarefa é implementada de tal forma que um processo nunca vai conseguir interferir em outro principalmente que eles muitas vezes rodam mesmo em memória e processadores diferentes. Outra característica dos mainframes é que eles suportam violenta carga de IO com facilidade e, por isso, estão atualmente sendo muito usados como servidores WEB de grande capacidade e disponibilidade, inclusive é muito difícil um hacker invadir um mainframe.

¹⁰⁵ DI – Diretoria de Informática, criada pelo decreto 7664, de 24/11/1795.

¹⁰⁶ Entrevista concedida por Paulo Cesar Quintslr, em 03 de maio de 2007.

atender ao novo projeto, ao estudo de tecnologias e sua implementação no sítio. E, até hoje, essa Gerência vem acompanhando a evolução tecnológica. O grupo avalia a viabilidade de cada nova tecnologia, passa a dominá-la e desenvolve páginas dinâmicas atualizadas.

A página dinâmica corresponde ao acesso que, a partir de um clique, traz um banco de dados com informações diversas, facilitando a pesquisa desejada. Esse é o conceito de Portal, criado há mais ou menos cinco anos, e possui vários canais. A partir da página inicial (<http://www.ibge.gov.br>), com formatação clássica de busca de dados – por pesquisa, por estudo – é possível escolher um caminho (canal) de navegação o qual permite acesso a um conjunto de páginas. O *Banco Multidimensional de Estatística* (BME)¹⁰⁷ e o *Cidades@* são exemplos de canais de navegação existentes na página do IBGE. Eles têm proposta visual e desenho próprios, uma identidade correspondente ao tipo de informações que são divulgadas ali. O *Cidades@* apresenta uma página em tom escuro e permite o acesso a cada município da federação a partir da visualização do mapa do Brasil. Nele é oferecida uma gama de informações que dispensam o consulente da busca em cada assunto específico. Isto quer dizer que, numa mesma página, o internauta obterá dados sobre população, área territorial, estrutura empresarial da cidade, entre outras informações.

Todo esse trabalho é realizado na Gerência de Serviços *On-Line*, em conjunto com a Coordenação de *Marketing* (COMAR) e a Gerência de Documentação (GEDOC). Antes de ser disponibilizado aos usuários, as informações passam por um processo de organização, avaliação e discussão da massa de dados produzidas pelo IBGE, de modo a facilitar o acesso a elas pelas pessoas que consultam os dados. Esse trabalho é inesgotável, pois, os usuários nem sempre têm familiaridade com a rede Internet e encontram algumas dificuldades. De todo modo, o avanço tecnológico permitiu a rapidez no atendimento à sociedade. Antes da Internet, o acesso às informações disponíveis no IBGE se dava da seguinte forma: o usuário tinha que se dirigir a um dos postos de atendimento da Instituição – pontos de venda (livrarias)

¹⁰⁷ Um banco de dados que o usuário, a partir da Internet tem acesso aos microdados das pesquisas.

para comprar um produto (livro ou *cd-rom*), Bibliotecas para consultar um dado, ou, no caso dos demais estados da federação, à Supervisão de Documentação e Disseminação de Informações (SDI), para obter a informação desejada. O acesso também ocorria por meio de correspondência encaminhada pelo correio, ou fax, ou por telefone. Vale destacar que todos esses serviços ainda são oferecidos ao público. Há, inclusive, uma central telefônica de atendimento gratuito, disponível pelo número 0800-721-8181.

Paulo Quintslr acentua a importância dos meios de comunicação nesse processo:

Como ele fazia isso? Ele fazia isso ao ser comunicado isso para ele.(sic) E aí entra todo esse trabalho junto aos jornalistas, que era o nosso grande veículo de fazer chegar até o cidadão essa informação. O IBGE acaba de divulgar o resultado desse trabalho, desse estudo, dessa pesquisa. Ao haver essa comunicação(sic), isso despertava nos usuários a virem consultar esses resultados (sic). Certamente, eles viam na televisão, assistiam na televisão, liam no jornal, ouviam no rádio e ao se interessarem em trabalhar com esses dados, eles procuravam o IBGE. Procurar o IBGE significava vir a um endereço do IBGE para comprar aquelas informações, um publicação, um *cd-rom*, ou ficar na biblioteca consultando esses dados de forma gratuita. Esses eram os princípios de atendimento do IBGE. De devolver à sociedade os resultados dos trabalhos que a própria sociedade que paga seus impostos de forma gratuita. Essa forma gratuita, naquela época, que não tinha Internet, era disponibilizar em biblioteca (sic). Ali não precisava ser sócio. Apenas se dirigia à biblioteca e lá tinha acesso aos resultados, aos estudos, do IBGE divulgados. Então, essa era a forma. Também mandavam correspondências, fazendo perguntas “qual o resultado do desemprego que acabou de ser divulgado?” Mandavam essa pergunta para o IBGE, o IBGE respondia, como até hoje responde.¹⁰⁸

Hoje essa divulgação continua sendo exercida da mesma forma, através das mídias existentes, no entanto, com a rede Internet, a maior parte desses acessos ao IBGE ocorre por meio eletrônico. As perguntas mais constantes, atualmente, dizem respeito ao modo de acesso à determinado dado na página do IBGE, e não para solicitar a informação propriamente dita, embora ainda continue disponível esse tipo de atendimento. Com a entrada da Internet no elenco de possibilidades de atendimento que o IBGE presta à sociedade é possível responder com rapidez às solicitações que demandam das instituições

¹⁰⁸ Entrevista concedida por Paulo Cesar Quintslr, em 03 de maio de 2007.

públicas. No lançamento de um trabalho, todos os passos são planejados. Quando será divulgado, que produtos serão necessários para a divulgação de determinado trabalho – impressa, banco de dados na rede Internet, *cd-rom* -, como será publicado em páginas no Portal do IBGE na rede Internet, quais peças promocionais serão necessárias – cartaz, folder, entre outros. O cronograma de execução das etapas propostas no plano de divulgação só é possível graças à tecnologia que encurta o tempo de apuração desse material, pois sua editoração é realizada em tempo inferior ao processo anterior à evolução tecnológica. Conseqüentemente, a sociedade tem acesso mais rapidamente aos resultados das pesquisas.

Nesse encurtamento de tempo entre o levantamento dos dados e sua divulgação, graças à rede Internet, é importante destacar o papel que as novas tecnologias tiveram nesse processo. O tempo gasto com a apuração dos dados coletados sofreu um impacto extremamente benéfico com o uso de microcoletores de dados, hoje denominados *palmtops*¹⁰⁹, facilitando o registro das informações pelos entrevistadores, especialmente no caso das pesquisas estatísticas, reduzindo o tempo de trabalho. Atualmente, esse grupo de pessoas carrega as informações levantadas diretamente em um computador portátil conectado à rede local do IBGE (da área onde foi realizada a pesquisa), e esses dados chegam, quase em tempo real, ao escritório onde os analistas se debruçam sobre eles, com a finalidade de descrevê-los e analisá-los, transformando-os em gráficos e tabelas que, num segundo, é entregue para a editoração e divulgação em tempo muito menor do que anteriormente ocorria.

O processo de divulgação prossegue por dois caminhos, simultaneamente. Um é o preparo desse material pela equipe da Gerência de Serviços *on line*, do CDDI, que confecciona as páginas que irão compor o *site* do IBGE na Internet. O outro é o encaminhamento desse material, na forma ainda de rascunho (boneca) para a Coordenação de Comunicação Social. A CCS trabalhará essa massa de informações, transformando-a em texto jornalístico a ser distribuído na mídia.

¹⁰⁹ Personal Digital Assistant. Um computador de mão.

Com esse encurtamento no processo de levantamento, apuração e divulgação dos trabalhos da Instituição, por conta da implantação e aprimoramento constante da página do IBGE, com seu Portal, na rede Internet, o que se pode entender? Com a máquina do IBGE ligada à rede Internet, com seu material informativo inserido nela, há um significativo impacto econômico de redução de custos e de esforço empenhado por analistas técnicos dos trabalhos realizados, em especial dos analistas temáticos. Hoje, o preenchimento de muitos questionários, especialmente o das pesquisas econômicas (Pesquisa Industrial Anual-PIA, por exemplo), é realizado eletronicamente. As pesquisas são direcionadas a estabelecimentos selecionados que buscam o questionário, preenchem e devolvem via endereço eletrônico do IBGE. O investimento do IBGE na informatização do Instituto, retorna sob a forma de redução de custos materiais, financeiros e econômicos gastos com pesquisas, principalmente com pesquisa estatística. O lucro aumenta se for levado em conta o valor agregado pelo favorecimento da comunicação entre Instituição e sociedade, proporcionado pela utilização das novas tecnologias de informação. O IBGE possui e aplica uma política de comunicação cuja estratégia é definida, especialmente, pela Coordenação da Comunicação Social que facilita a disseminação das informações produzidas, a partir de sua divulgação bem planejada para a imprensa, como por exemplo, a utilização do embargo para divulgar pesquisas que possam ter grandes reflexos nas políticas públicas do País.

O embargo é um instrumento bastante utilizado pela Coordenação de Comunicação Social do IBGE. De posse da boneca da pesquisa, ou trabalho, que se encontra ainda em fase de editoração, a Coordenação convida os jornalistas para retirarem uma cópia desse material a fim de que possam estudá-lo e analisá-lo. Dias depois, esses jornalistas são convidados a participarem de uma reunião, geralmente nas dependências da própria CCS, com os técnicos envolvidos no tema da publicação, para que sejam esclarecidas todas as dúvidas a respeito do assunto. Como resultado tem-se maior tempo para a mídia explorar informações relevantes para os cidadãos, considerando que tempo em jornalismo custa muito caro, especialmente na

televisão. Essa é uma das razões do espaço obtido pelo IBGE na mídia em nível nacional.

Esse trabalho conjunto entre o Centro de Documentação e Disseminação de Informações e a Comunicação Social do IBGE mudou definitivamente a relação dos usuários das informações produzidas pelo IBGE. Paulo QuintsIr descreve esse fenômeno:

[...] Hoje, já se percebe que está havendo mudanças, que não é da mesma forma que o jornalista interage com a equipe da Comunicação Social do IBGE como era antes (sic). Não é da mesma forma que antes (sic). Da mesma forma que nós aqui (sic). O impacto, um dos impactos para nós mais visíveis é a redução de pessoas que chegam aos nossos serviços clássicos... Nós estamos tendo menos pessoas vindo às Bibliotecas. Elas já estiveram [as bibliotecas] muito mais cheias com muito mais presença de pesquisadores, de estudantes, usuários, do que atualmente. Porque hoje parte desses usuários que já têm maior conhecimento desse mundo virtual, ele já vai ao endereço virtual na Internet.¹¹⁰

Nesse sentido, o IBGE tem procurado ficar atento ao avanço tecnológico para que possa fornecer os meios necessários à melhoria constante do atendimento a sociedade.

¹¹⁰ Entrevista concedida por Paulo Cesar QuintsIr, em 03 de maio de 2007.

5. A COMUNICAÇÃO SOCIAL E A INTERNET

O IBGE só passa a ter um órgão de Comunicação Social em sua estrutura com o decreto nº 93.599, de 21/11/1986. Nessa ocasião foi criada a Assessoria de Comunicação Social. Antes disso, existia um assessor, jornalista, encarregado de fazer a comunicação entre a Instituição e a mídia. Em 1980, havia, de modo informal, a Assessoria de Imprensa e Comunicação Social, que redigia e enviava os *press releases*¹¹¹ para a imprensa e era composta por uma equipe pequena, de três pessoas mais ou menos, que faziam o *clipping* com as reportagens dos principais jornais – O Globo, Gazeta Mercantil, Jornal do Brasil, Última Hora, O Dia, Folha de São Paulo, Estado de São Paulo. Clipping era um serviço manual de recorte e colagem, reproduzido para todas as diretorias e superintendências.

As divulgações das pesquisas do IBGE, pertinentes a conjunturas (Índice Nacional de Preços ao Consumidor-INPC, Pesquisa Industrial Mensal-Produção Física-PIM/PF, Pesquisa Mensal de Emprego-PME, e outras poucas), além de algumas estruturais (Pesquisa por Amostra de Domicílios-PNAD, Censo Demográfico), eram realizadas na parte da tarde, sem que houvesse nenhuma entrevista coletiva. Alguns jornalistas iam até a AICS para obter mais rapidamente o *press release*, pois as editorias não podiam esperar a entrega, e elas precisavam fechar suas matérias.

Foi a partir da Nova República, com a retomada da democracia no País, que as instituições públicas iniciaram a reaproximação com a sociedade. Com a restauração do governo civil, a questão de disponibilizar seus arquivos e informações se tornou presente para o IBGE. Em 1985, foi criada uma Assessoria de Comunicação Social para fazer essa aproximação. Nesse período, na gestão de Jessé Montello (1979-1985), os técnicos e funcionários,

¹¹¹ *Press release* – documento que é distribuído para os meios de comunicação (rádio, tv, jornal, revista, etc.), cujo conteúdo é redigido por um jornalista, de forma a esclarecer o que a instituição, ou empresa, deseja informar em detalhes em linguagem técnica. Muitas vezes, é a partir do *press release* (ou *release*) que o jornalista procura as assessorias de imprensa para detalhar o assunto em questão.

entre eles os jornalistas, precisaram aprender e se adaptar a novas formas de atendimento e de relacionarem-se com a imprensa. Os funcionários da Assessoria de Comunicação Social ainda possuíam o hábito (antigo) de omitir algumas informações, principalmente, as relacionadas ao índice de preços. O treinamento para prestar atendimento aos colegas externos foi bastante intenso.

Não existindo tecnologia à época para um atendimento eficaz, todo esse esforço deve ser conferido à Shirley Dias de Souza, que ocupou a Comunicação Social do IBGE, durante, praticamente, dez anos. Ficou sob sua responsabilidade a montagem da estrutura organizacional do setor. Estrutura que, até hoje, é base prevalecente na dinâmica de funcionamento da Coordenação de Comunicação Social. Ressalte-se que as outras áreas ligadas à Comunicação Social não têm sido executadas e alguns funcionários que faziam parte dessa equipe, na ocasião de sua criação, trabalham até hoje no local, agora denominado Coordenação de Comunicação Social. Esse era um tempo de telex, máquina de escrever elétrica e *fax-símile*, este equipamento bastante raro e moderno, além de muito telefone.

Em entrevista concedida, Shiley Soares lembra:

Não existia a Comunicação Social... Nós tínhamos duas copeiras, duas secretárias... Duas copeiras, duas secretárias... Foi assim que a Assessoria, que funcionava com Assessoria de Imprensa começou.¹¹²

Foi então que as primeiras entrevistas coletivas começaram a acontecer no horário da tarde, ou às dez ou onze horas da manhã, quando a pesquisa era estrutural, como PNAD e Censo. Isso, de certa forma, continuava não resolvendo o problema da disseminação das matérias para os veículos de comunicação, apesar do envio delas por *fax-símile*. Os *press releases* possuíam, e ainda possuem, no mínimo três folhas. Transmiti-los para as editorias dos jornais da maior parte do país era um trabalho árduo, pois muitas vezes a conexão era desfeita, obrigando a secretária a repetir a operação mais de uma vez para um único veículo. Para os órgãos de imprensa

112 Entrevista concedida por Shirley Soares Dias de Souza em 02/09/2006

localizados na cidade do Rio de Janeiro, o *release* era entregue por dois contínuos. Um fazia o roteiro Centro-Zona Norte, o outro ia para a Zona Sul. Eles faziam esse percurso de carro, meio de locomoção externo e inadequado para a natureza do serviço. Na maioria das vezes, o trânsito intenso, congestionado, impedia que o material chegasse no tempo necessário do fechamento da edição, favorecendo apenas as emissoras de rádio, que podiam aproveitar o material no mesmo dia. As agências de notícias também foram grandes auxiliares nessa disseminação. Existiam muitas no Rio de Janeiro, e elas se encarregavam de passar as notícias para suas sucursais nos estados. Não fosse isso, as informações tardariam ainda mais, já que os estados recebiam esse material por malote. Se a Comunicação Social conseguisse fechá-lo com alguma antecedência (isso era mais comum para as pesquisas estruturais) passava-se a fazer uso do embargo, onde os representantes do IBGE, em todo país, ficavam responsáveis por sua divulgação junto à mídia.

Shirley Soares lembra bem esse período:

Mas eu lembrei os correspondentes porque, na verdade, a gente chamava os representantes das sucursais. Quer dizer, a *Folha de São Paulo* cobria, o *Estadão*¹¹³, o *O Estado de Minas*, enfim, dos que estavam aqui no Rio. Porque a gente ainda tinha muita sucursal forte aqui no Rio nessa época...¹¹⁴

Confeccionar um *press release* demanda um trabalho especial. O jornalista do IBGE precisa ler todo o material enviado para ele numa linguagem técnica. Começa, então, uma negociação com o autor, ou autores, do texto e suas tabelas, muitas vezes complexas, de modo que se elabore um texto de fácil entendimento para os jornalistas dos veículos de comunicação responsáveis pela redação da matéria a ser divulgada. O processo de montagem de um *release* era extremamente complexo. Geralmente, esse técnico, responsável pela pesquisa ou trabalho e que também participava da entrevista coletiva, vinha para a Assessoria acompanhar a preparação do *release*, pois essa era a maneira mais rápida de dirimir as dúvidas. Se a

113 Jornal O Estado de São Paulo.

114 Entrevista concedida por Shirley Soares Dias de Souza em 02/09/2006.

minuta fosse enviada por fax aos departamentos, raras não eram as vezes que os textos chegavam truncados e confusos.

Consertar um texto significava refazê-lo novamente, isto é, datilografá-lo novamente. Era o tempo da máquina elétrica, não do microcomputador.

Ao término da década de 80 e início dos anos 90, os sistemas de rede começaram a avançar. Nessa época, a CCS já trabalhava com um sistema operacional chamado *Office Vision (OV)*¹¹⁵ que exigia grande esforço do digitador de dados, além de ser muito lento. Depois foi utilizado o sistema Carta-Certa.¹¹⁶ As secretárias eram as responsáveis pela maior parte da digitação dos dados, e esse sistema também demandava um tempo enorme para a elaboração de uma lauda.

Nessa época, o *release* preparado pelo setor era todo montado aplicando-se a técnica de recorte e colagem, isto é, tesoura e cola, pois os textos continham muitas tabelas, quadros demonstrativos e gráficos. Depois que o técnico selecionado para acompanhar a execução do trabalho aprovasse o *release*, ele era reprografado para a distribuição. Uma parte do material seria entregue aos jornalistas durante a entrevista coletiva e a outra ia para a rua com os contínuos.

O advento do sistema operacional *Windows*, acompanhado do programa *Office/Word*, específico para textos, trouxe uma melhora substancial à execução do trabalho de digitação. Contudo, as pessoas ainda não sabiam como operar esse sistema. Aquele que detinha esse conhecimento ficava encarregado de ensinar aos demais colegas. Com o *Office* do *Windows* era possível inserir tabelas, gráficas e quadro demonstrativos no corpo do texto sem grandes dificuldades. A correção dos erros de digitação ou de informações equivocadas tornou-se mais ágil. Até a ação de cortar e colar ficou mais fácil, bastando um clique.

No ano de 1995, o IBGE inaugurou sua página na Internet. A navegação era demorada, a rede era lenta e pesada, e a primeira página continha poucas

115 Office Vision: ferramenta da IBM que à época permitia a troca de mensagens intranet e não permitia o envio ou recebimento de arquivos anexados, entre outras limitações.

116 Carta Certa: Software nacional voltado para a cultura brasileira. Esse processador de texto possuía um sistema de correção de fácil operação. Seus aplicativos eram formatados de acordo com a legislação brasileira para a emissão de documentos e até notas fiscais.

informações, mas o *press release* passou a fazer parte dela em 1996, através do ícone notícias.

Embora parte da mídia já fizesse uso dos computadores integrados à rede, muitos profissionais continuaram elaborando suas matérias na máquina de escrever. A resistência não era gratuita, uma vez que grande parte das redações não estava conectada à rede. Era o início da expansão da Internet no Brasil, o acesso a ela deixava de ser exclusividade do meio acadêmico. Nessa fase a maioria dos jornalistas não possuía um endereço eletrônico sequer.

No primeiro semestre do ano de 1999, com a melhoria da conexão à Internet do sistema do IBGE, a CCS inovou mais uma vez: decidiu enviar os *press release* por meio eletrônico aos jornalistas cadastrados. Essa operação foi arriscada, pois a resistência, agora, deveu-se à insegurança dos jornalistas no manuseio do acesso à rede. Os veículos de comunicação ainda não estavam preparados para receber material informativo em determinados programas operacionais. Assim, o IBGE confirmou que sempre esteve à frente, conforme compete a um órgão que tem por finalidade produzir e distribuir informações.

A distribuição impressa dos *releases* foi mantida e era realizada com a ajuda de duas viaturas e do *fac-símile*, este último, principalmente para as cidades localizadas fora do Estado do Rio de Janeiro. Do mesmo modo, as convocações de jornalistas para as entrevistas coletivas também continuaram a ser feitas por meio de ligação telefônica, embora fosse enviado, também, um convite por meio eletrônico.

Ao longo do tempo, as empresas de comunicação foram se atualizando e conectando-se à rede mundial de computadores, o que melhorou sensivelmente a capacidade de acesso dos jornalistas à Internet, tornando-os mais confiantes e receptivos às informações enviadas pelo IBGE. Foram criadas listas com nome e *e-mail* dos jornalistas, as respectivas redações a que estavam vinculados e qual a área de interesse/ atuação de cada um. O envio da convocação para as entrevistas coletivas estava otimizado. No dia da divulgação da pesquisa ou outro estudo, todos recebem o material ao mesmo tempo em que os jornalistas presentes à coletiva o recebem.

Hoje esses eventos ocorrem no período da manhã, sempre às 9h30min para as pesquisas conjunturais (inflação, PIB, desemprego e outras) e às 10h para as demais pesquisas. Raramente ocorre um evento em horário mais avançado.

A sistemática adotada beneficiou a disseminação das informações produzidas pelo IBGE. A Internet é inegavelmente o meio mais importante para que a CCS tenha condições de destacar as informações necessárias para a tomada de diversas decisões no plano das políticas públicas.

Muitos jornalistas estrangeiros vêm buscando informações sobre o Brasil no site do IBGE graças à eficiência da estrutura da página que liga o texto produzido pela CCS (*press release*) com o banco de dados do IBGE, permitindo o detalhamento de vários trabalhos.

O serviço de *clipping* elaborado pela Comunicação Social do IBGE, em rede, no segundo semestre de 1999, foi disponibilizado *on line*. Inicialmente montava-se a matéria por meio de recorte e colagem, depois se utilizava o *scanner*¹¹⁷ para transformá-la em meio digital acessível a *Intranet* do IBGE. Nessa fase, seu alcance era limitado à cidade do Rio de Janeiro. Com a evolução do sistema e a entrada de quase todos os veículos de comunicação no sistema de rede mundial de computadores, esse serviço passou a copiar as matérias diretamente das páginas eletrônicas desses veículos e disponibilizá-las em rede, permitindo o acesso nacional.

No que diz respeito às estratégias de divulgação de matérias com utilização do embargo, por se tratar de um trabalho que exige atenção redobrada, os jornalistas são convocados por telefone, em comunicação direta com os jornalistas da CCS e não pelas secretárias da coordenação. O material ainda é impresso e encaminhado com a devida antecedência aos jornalistas que participarão da reunião que antecede à divulgação. Outras informações complementares são enviadas por meio eletrônico.

¹¹⁷ Um scanner é um aparelho de leitura ótica que permite converter imagens, fotos, ilustrações e textos em papel, num formato digital que pode ser manipulado em computador. Por exemplo, é possível "passar" uma capa de revista ou uma fotografia para a tela de seu PC.

As demais unidades do IBGE também recebem o material a ser divulgado previamente, possibilitando que convoquem a imprensa local e, se preferirem, trabalhem também com sistema de embargo.

A inserção do IBGE na rede, especialmente, a CCS, proporcionou a melhoria da qualidade dos dados que são oferecidos à sociedade. A *Internet* é uma valiosa ferramenta. Entretanto, situando a Comunicação como um sistema, ter-se-á uma mensagem emitida por uma *fonte* que deve chegar ao seu *destino* com a menor distorção possível, isto é, sem “ruídos”. Nesse momento as organizações têm muito a refletir sobre sua responsabilidade nesse percurso existente entre *fonte* e *destino*, ou *emissor* e *receptor*, pois, equívocos imprevistos, falhas na comunicação ou, até mesmo, problemas físicos na rede podem ocorrer eventualmente. Certa vez, o encarregado pelo envio do *release* da pesquisa do Produto Interno Bruto (PIB) preparou a convocação e a remessa do material aos jornalistas com a devida antecedência, na véspera da coletiva, com o intuito de agilizar o serviço. Contudo, na hora de clicar a tecla ‘salvar em rascunho’, apertou a tecla ‘enviar’ por engano. A divulgação antecipada dos dados do PIB gerou grande rebulição. Essa informação (PIB) é de grande relevância para economia nacional influenciando, diretamente, o movimento das ações nas bolsas de valores nacionais e alterando os índices internacionais referentes ao ‘risco Brasil’. Outro exemplo que merece destaque ocorreu em ocasião da divulgação dos índices da Pesquisa Mensal de Empregos (PME). Esses dados ‘vazaram’¹¹⁸ numa sexta-feira à noite, último dia útil que antecedia a entrevista coletiva para a divulgação dos resultados, na segunda-feira. Uma jornalista de um grande jornal do Rio de Janeiro, com a intenção de consultar dados anteriores da PME, acessou a página do IBGE, após 20 horas, e deparou-se com informações inéditas. Após conversar e analisar a situação com seu editor, entrou em contato com o chefe da CCS e comunicou que o seu veículo daria um furo de reportagem¹¹⁹, na edição de sábado.

118 Vazar no jargão jornalístico significa que uma informação, que deveria ser mantida em sigilo por um tempo determinado ou indeterminado, veio a público em hora imprópria.

119 Furo de reportagem ocorre quando só um veículo divulga determinada informação, i. e., com exclusividade.

A rotina de divulgação dos resultados das pesquisas deve seguir um protocolo pré-estabelecido. Redige-se o *release*, formata-o, e, depois de aprovado pela equipe produtora da informação, envia-o para a equipe responsável pela inserção dos dados na página do IBGE na *Internet*, para disponibilizá-lo, ao público, apenas no horário em que a coletiva tem início. Em paralelo, a área que alimenta o banco de dados, de acesso permitido ao usuário para consulta, recebe um arquivo com todas as tabelas, gráficos e texto analítico da pesquisa, com o compromisso de só divulgá-lo no horário da coletiva e no momento em que o *release* do IBGE entra na rede, permitindo a leitura e a consulta ao banco de dados. Essas ações devem ser simultâneas. O incidente comentado acima foi um erro devido ao comando equivocado.

Ilustrando mais um caso em que a tecnologia foi instrumento de lucro para empresas que vendem notícias, certa vez, uma agência internacional de notícias divulgou os resultados de uma pesquisa do IBGE, oito segundos antes da liberação oficial no site do IBGE, causando uma grande confusão para a Fundação e entre os jornalistas convocados para a coletiva. Conforme as normas oficiais a liberação do *release* para os jornalistas deve ocorrer concomitantemente à liberação das informações no site e no horário já protocolado. Nesse dia, os relógios do IBGE dessincronizaram-se e o acesso à *Internet* ocorreu antes da liberação aos jornalistas presentes.

Mesmo com todos esses episódios, é importante ressaltar que a melhoria na qualidade do atendimento prestado pelo IBGE à imprensa e à sociedade deve-se, indubitavelmente, à evolução tecnológica.

6. CONCLUSÃO

No momento de significativas transformações no contexto mundial, é pertinente destacar a importância da inserção do IBGE nesse cenário. A revolução tecnológica ocorrida, principalmente a partir da década de 1990 permitiu à Instituição uma melhoria nos processos de levantamento, análise, divulgação e disseminação de seus trabalhos.

Certamente, esse movimento acelerou a rotina de trabalho da Comunicação Social do IBGE. A realização das tarefas do setor tornou-se mais ágil e eficiente. A comunicação com a sociedade, com as unidades do Instituto espalhadas pelo país e com os órgãos da imprensa nacional e internacional adquiriu velocidade, qualidade e precisão, além de possibilitar a oferta de condições igualitárias de acesso às informações. A informatização do Instituto e o correto treinamento de seu pessoal para o uso da nova ferramenta de trabalho reduziu a distância temporal e espacial em todo território nacional.

Por essa razão é possível afirmar que o uso da rede Internet foi um marco para a divulgação das informações produzidas pelo IBGE e divulgadas pela Coordenação de Comunicação Social. A Internet permitiu que os esclarecimentos necessários à formação de opinião de um grupo importante da sociedade, os jornalistas, possam ter, a qualquer instante, acesso praticamente irrestrito aos assuntos que permeiam os interesses públicos nacionais.

Mas não é só à imprensa que a rede Internet favoreceu. O usuário hoje não precisa mais se deslocar às unidades do IBGE para obter uma informação. Ele tem todas as informações até então produzidas, à sua disposição, na página virtual do IBGE. Nela o cidadão encontra uma biblioteca e os resultados das pesquisas. Caso queira comprar um produto, ele pode fazê-lo pela Internet, através da loja virtual. Há uma página direcionada às crianças e aos jovens em idade escolar, com linguagem própria, que facilita a pesquisa sobre hidrografia, vegetação, atividade econômica, densidade demográfica e demais assuntos referentes à vida do

país, às regiões, aos estados e aos municípios, colaborando, dessa forma, com a formação do estudante. O IBGE, por meio virtual, se faz parceiro da educação, no país.

Não é mais possível imaginar o IBGE desconectado da rede Internet. Graças a essa tecnologia é possível que o recenseador preencha seu questionário e o transmita para ao escritório imediatamente o que ele coletou, encurtando todos os processos de elaboração de resultados de cada pesquisa; criou um serviço de auto-atendimento à população; democratizou-se o acesso à informação produzida pelas pesquisas do IBGE; e, beneficiou, sobremaneira, a qualidade do atendimento oferecido ao cidadão.

REFERÊNCIAS

- ALBAGLI, S. Globalização e espacialidade: o novo do local. In: *Globalização & inovação localizada: experiências de sistemas locais no Mercosul*. Brasília: Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia: Ministério da Ciência e Tecnologia, 1999, p.186-87.
- ALMEIDA, Roberto Schmidt de. Padrões tecnológicos e reorganização espacial no final do milênio. Artigo. In: *Revista Brasileira de Geografia*. Rio de Janeiro: IBGE, v. 57, n. 3, jul/set, 1995, p. 6-19.
- ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS. *NBR 6023*: Informação e documentação: referências- elaboração. Rio de Janeiro, 2002a.
- _____. *NBR6024*: Informação e documentação: numeração progressiva das seções de um documento escrito-apresentação. Rio de Janeiro, 2003.
- _____. *NBR 6027*: informação e documentação: sumário-apresentação. Rio de Janeiro, 2003.
- _____. *NBR 6028*: Informação e documentação: resumo-apresentação. Rio de Janeiro, 2003.
- _____. *NBR 10520*: Informação e documentação: citações em documentos-apresentação. Rio de Janeiro, 2002b.
- _____. *NBR 14724*: Informação e documentação: trabalhos acadêmicos-apresentação. Rio de Janeiro, 2002c.
- BARRETO, A. de A. *A questão da informação*. São Paulo em Perspectiva, v. 8, n. 4, out./dez. 1994.
- BARROS, Luitgarde Oliveira Cavalcanti. Memória, linguagem e identidade: memória hoje. Artigo. In: *Morpheus – Revista Eletrônica em Ciências Humanas*. Ano 02, n. 03, 2003 - ISSN 1676-2924. Disponível em: www.unirio.br/morpheusonline. Acesso em: 23/06/2007.
- BAUMANN, Renato. Uma visão econômica da globalização. In: _____. *O Brasil e a economia global*. Rio de Janeiro: Campus/SOBEET, 1996.
- CANCLINI, Nestor García. *A globalização imaginada*. São Paulo: Iluminuras, 2003.
- CHESNAIS, François. *A Mundialização do Capital*. São Paulo: Xamã, 1996.
- ELHAJJI, Mohammed. *Da simbiose hegemônica ocidental: globalização e convergência*. Rio de Janeiro: Eco-Rizhoma, 2001.
- ENNEL, Ana Lucia S. “*Lugar, meu amigo, é minha Baixada*”: memória, representação social e identidade. Tese de Doutorado em Antropologia pelo PPGAS/Museu Nacional/UFRJ. Rio de Janeiro, 2002. Disponível em: < www.castelobranco.br >. Acesso em: 30/07/2007.
- FEATHERSTONE, Mike. Cultura global: introdução. In: _____. *Cultura global: nacionalismo, globalização e modernidade*. Petrópolis: Vozes, 1994.
- FERRARI, Pollyana. *Jornalismo digital*. São Paulo: Contexto, 2006.
- FREIRE, I.M. A utopia planetária de Pierre Lévy: uma leitura hipertextual d'a inteligência coletiva. In: *Perspectivas em Ciência da Informação*, v. 10 n. 2, p. 132-139, jul./dez. 2005.

FRIEDMAN, Thomas L. *"The World Is Flat: A Brief History of the Twenty-First Century"* (O mundo é plano: Uma breve história do século 21). Rio de Janeiro: Objetiva, 2005.

GIDDENS, Anthony. *As conseqüências da modernidade*. São Paulo: UNESP, 1991.

GIOVANNETTI, Gilberto. e LACERDA, Madalena. *Melhoramentos* Dicionário de Geografia. São Paulo: Melhoramentos, 1996.

HALBWACHS, Maurice. *A memória coletiva*. São Paulo: Vértice; Editora Revista dos Tribunais, 1990.

HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Rio de Janeiro: DP&A. 2002.

HIRATA, 1993 ; COSTA & CAULLIRAUX, 1995, apud ALMEIDA, Roberto Schmidt de. Padrões tecnológicos e reorganização espacial no final do milênio. Artigo. In: *Revista Brasileira de Geografia*. Rio de Janeiro: IBGE, v. 57, n. 3, jul/set, 1995, p. 6-19.

HUYSSSEN, Andreas. *Seduzidos pela memória: arquitetura, monumentos, mídia*. 2.ed. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2004.

IANNI, Octavio. *Teorias da Globalização*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1996, p.192.

LE GOFF, Jacques. *História e memória*. Campinas, SP: Unicamp, 1990.

LÉVY, Pierre. *As tecnologias da inteligência*. 11. ed. São Paulo, Editora 34, 2001.

LISTONE, Harold. Technology and Governance. In: *Artigos publicados no Acervo do Pensamento do Núcleo de Pesquisa Sobre Governança Global*, 2001.02, p. 39. Disponível em: < www.rcgg.ufrgs.br> acesso em 9/08/2007.

MARTELETO, R. M. Cultura, educação, distribuição social dos bens simbólicos e excedente informacional. *Informare*, v. 1, n. 2, 1995.

MORIN, Edgar; SILVA, Juremir Machado da. *As duas globalizações: complexidade e comunicação, uma pedagogia do presente*. 2. ed. Porto Alegre, Sulina/EDIPUCRS, 2002.

OLIVEIRA, Lúcia Lippi. *A questão nacional na primeira república*. São Paulo: Brasiliense, 1990, p. 126-158 (cap. 6 e 7).

ORTIZ, Renato. *Mundialização e Cultura*. São Paulo: Brasiliense, 1996.

ORTIZ, Renato, IN: ENNEL, Ana Lucia S. "Lugar, meu amigo, é minha Baixada": memória, representação social e identidade. Tese de Doutorado em Antropologia pelo PPGAS/Museu Nacional/UFRJ. Rio de Janeiro, 2002. Disponível em: < www.castelobranco.br>. Acesso em: 30/07/2007.

POLLACK, Michael. Memória, esquecimento, silêncio. *Estudos Históricos*, RJ, v.2, n.3, p.3-15, 1989.

ROBERTSON, Rolan. Mapeamento da condição global: globalização como conceito central. In: FEATHERSTONE, Mike. *Cultura global: nacionalismo, globalização e modernidade*. Petrópolis: Vozes, 1994.

SANTANA, Dalva. O Brasil globalizado. Artigo. *Sistema de Apoio à Decisão da FAE*. disponível em : <www.aldeiadesign.com.br/artigos> acesso em 10/08/2007.

SANTOS, Milton. IN: GIOVANNETTI, Gilberto. e LACERDA, Madalena. *Melhoramentos* Dicionário de Geografia. São Paulo: Melhoramentos, 1996.

SANTOS, Milton. *Por uma outra globalização: do pensamento único à consciência universal*. 10. ed. Rio de Janeiro: Record, 2003.

SCHERER, André Luis Forti. Globalização. In: CATTANI, A. D. (Org.) . *Trabalho e Tecnologia: dicionário crítico*. 3. ed. Petrópolis: Vozes, 2000.

SEFIDVASH, Farhang. Fala no Seminário da UNESCO do Fórum Social Mundial, 25-30 de Janeiro 2001 em Porto Alegre. In: *Artigos publicados no Acervo do Pensamento do Núcleo de Pesquisa Sobre Governança Global*, 2001. Disponível em: < www.rcgg.ufrgs.br> acesso em 9/08/2007.

SIZE, Pierre. *Dicionário da Globalização*". Tradução e adaptação de Serge Goulart. Florianópolis: Obra Jurídica Editora, 1997.

THOMPSON, P. *A voz do passado*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1990.

VERNANT, J. P. "Aspectos míticos da memória e do tempo". In: *Mito e Pensamento entre os Gregos*. São Paulo: Difel/Edusp, 1973.

VESCHI, Jorge Luiz. *Mídia e identidade pessoal*. Rio de Janeiro: Eco-Rizhoma, 2003.

VIRILIO, IN: ALMEIDA, Roberto Schmidt de. Padrões tecnológicos e reorganização espacial no final do milênio. Artigo. In: *Revista Brasileira de Geografia*. Rio de Janeiro: IBGE, v. 57, n. 3, jul/set, 1995.

Sites:

<http://www.aisa.com.br>. *O que é a Internet*. Acesso realizado em 12/10/07.

<http://www.decon.ufpe.br>. *A Internet, o modelo nacional e uma proposta de enfoque para uma política de tarifas em sua operação no país*. Acesso realizado em 12/10/07

<http://www.pt.wikipedia.org>. *Internet*. Acesso realizado em 27/09/07.

ANEXOS

ANEXO 1

Estatísticas do Site

Ano	Total de acessos		Acessos à Home page		Acesso ao serviço FTP	
	usuários	Hits	usuários	Hits	usuários	Hits
Totais 1996 (ago a dez)	99629	211624	99629	211624
Totais 1997	320835	1873665	306666	1534449	14169	339216
Totais 1998	520872	8443328	468073	6570437	52799	1872891
Totais 1999	1010404	37828265	921784	35711857	88620	2116408
Totais 2000	2764174	155756586	2646785	154582502	117389	1.174084
Totais 2001	3147758	301491635	2954761	300409675	192997	1081960
Totais 2002	4370088	589087320	3662759	557666624	707279	1420696
Totais 2003	5254638	570001996	4065790	568152192	1.188848	1849804
Totais 2004	7372986	625814648	5249653	622618767	2123333	3195881
Totais 2005	10057236	835017975	8225472	835017975	1831764	...
Totais 2006	14500133	1260554866	12208054	1260554866	2297079	...
Totais 2007 (até julho)	11494174	1.140.689.497	10086063	1.140.689.497	1.408.111	...

Fonte: Centro de Documentação e Disseminação de Informações -
Coordenação de Atendimento – ago/2007

Conceituações e as estatísticas do site desde o início do Portal do IBGE.
Os usuários do Portal do IBGE e os hits são definidos da seguinte forma:

- Usuário - é a contagem do número de visitantes ao Portal do IBGE em busca de informações estatísticas e geográficas;
- Hits - é a contagem do número de acessos dentro do Portal pelo mesmo visitante.

ANEXO 2

Entrevista com Paulo Cesar Quintslr¹²⁰, realizada em 03/05/2006

Local: Centro de Documentação e Disseminação de Informações – CDDI –
Rua General Canabarro, 706 – 3º. Andar - Maracanã

SM – Bom, então, vamos fazer uma gravação... Hoje é dia três de maio, eu entrevisto Paulo Cesar Quintslr, que é o Coordenador de Atendimento Integrado do CDDI, do IBGE, e nós gostaríamos de começar falando dessa entrada do IBGE à rede mundial de computadores, quando foi que o CDDI entrou na Internet, eu acho que em 94, 95, isso não fica bem claro na minha cabeça.

PQ - Na programação do IBGE, já em 95, com certeza, nós estávamos fazendo um trabalho para apresentar à direção do IBGE, uma proposta de página do IBGE na Internet. Essa proposta ela foi apresentada, é... de forma mais organizada ao professor Simon Schwartzman¹²¹, quando ele estava assumindo a presidência do IBGE. Na época, o Ângelo Pavan¹²² era o Coordenador, hoje chamado Coordenador Geral do CDDI, e foi então apresentada uma proposta, uns planos, que tínhamos um projeto de página para a Internet. Naquele momento, a estrutura computacional do IBGE ainda era de poucos microcomputadores para os profissionais da Casa e os que tinham não estavam, em grande maioria, não estavam ligada em rede, os computadores, ligados em rede, os microcomputadores, e muito menos ligados à rede Internet. O primeiro investimento que se fez foi de colocar os microcomputadores em rede interna e, em seguida, com ligação à rede Internet. O projeto de publicar uma página do IBGE na rede Internet seguiu paralelo a esse investimento de microcomputadores na Casa, até chegar, hoje, quase a um computador para cada servidor. Ainda não chegamos a essa relação, mas estamos bem próximos. Naquela época, foram dois projetos distintos, o de rede de computadores para os funcionários do IBGE, e o trabalho voltado para publicar uma página na rede Internet. Esse trabalho de publicar uma página, ele foi desenvolvido já no tempo do Prof. Simon Schwartzman...

SM – Mas isso que fazia parte do CDDI. Esse de implementar a instalação, não...

PQ – Não. O investimento em microcomputadores, maior número para o IBGE, e a sua ligação em rede foi toda desenhada junto com a Diretoria de Informática...

SM – Mas o CDDI também estava envolvido?

¹²⁰ Paulo Cesar Quintslr, que é o Coordenador de Atendimento Integrado do CDDI, do IBGE.

¹²¹ Professor Simon Schwartzman foi presidente do IBGE entre 1994 e 1999.

¹²² Ângelo José Pavan foi Superintendente do Centro de Documentação e Disseminação de Informações-CDDI, do IBGE no período de junho de 1994 a julho de 1995.

PQ – Nessa estruturação de redes de computadores não. Isso teve uma forte influência do Prof. Simon Schwartzman com o, na época, atualmente o Diretor Executivo, esse posto que atualmente é do Diretor Executivo¹²³, tinha uma pessoa que ele trouxe quando veio para o IBGE, presidir o IBGE, e foi a pessoa que coordenou esse investimento em microinformática. E...

SM – Quem é?

PQ – É.. O nome...

SM – Homero?

PQ – Não, não. Ele não ficou muito tempo no IBGE, não. É... Heraldo?... Acho que Heraldo...

SM – Hum...

PQ – O nome era Heraldo.

SM – Tá.

PQ – Ele foi a pessoa que ficou responsável por dar forma a essa idéia que o Prof. Simon Schwartzman via como importante, de informatizar a Casa com microcomputadores. Na época até surgiram polêmicas de se substituir o *main frame* por apenas microcomputadores. Todo o trabalho do IBGE, o processamento de dados do IBGE, clássica já, deixar de ser realizada em um computador central, de grande porte, *main frame*, com contrato com a IBM, deixar de ser feito dessa forma para ser feito com microcomputadores, processados em rede de microcomputadores. Isso, na época, gerou uma certa polêmica, afinal, nunca se deixou de o IBGE ter um computador de grande porte para processar...

SM – Ainda tem...

PQ – Ainda tem. Isso ao final ficou claro. Que o IBGE... A massa de dados que o IBGE processa exigia ter um computador de grande porte e esse foi um esforço que foi feito, que cabia a implantação à DI¹²⁴. Toda a orientação à DI. Isso significou orientar a compra de equipamentos para a rede de computadores, passar cabos para fazer essa ligação nesses computadores, e também a contratação de um acesso à rede Internet, que também é um contrato feito com provedores.

SM – Seria assim uma espécie da parte física?

PQ – É.

SM – Da implantação...

123 Aqui, ele se refere ao cargo em si, não à pessoa. Antes da denominação de Diretor Executivo, o IBGE possuía um Diretor de Planejamento e Coordenação.

124 DI – Diretoria de Informática, criada pelo decreto 7664, de 24/11/1795.

PQ – Isso. Então, essa parte toda foi um investimento a partir do Professor Simon Schwartzman, de 94 em diante, e era realmente época certa, podemos dizer assim, a informática de fato avançou naquela época, estava avançando naquela época. Saímos da reserva de mercado de microcomputadores, e isso facilitou muito investir nesses equipamentos de informática. E o IBGE, então, passou a ter dado o projeto de ter uma página na rede Internet, fez esse investimento, desenvolveu esse projeto de ter páginas disponíveis para acesso para a rede Internet, definiu a configuração desse computador, sistema operacional, que ambiente deveria ser usado. Isso tudo foram decisões tomadas e quanto a conteúdo também isso tudo foi evoluindo para, afinal, então, o IBGE ter uma página, um endereço na rede Internet para acesso dos usuários à informação que o IBGE divulgava. Divulga.

Isso significou, então, ter um computador ligado em rede, ligado à rede Internet, onde lá se publicavam os resultados das pesquisas do IBGE, as páginas eram todas desenhadas especificamente para isso, e esse trabalho todo foi desenvolvido pelo CDDI¹²⁵, na unidade que hoje é... foi constituída na época, ainda é a Gerência de Serviços *on Line*. Essa gerência sempre esteve no CDDI. Ela ficou responsável por toda essa parte de estudar tecnologia e toda a implementação, da complementação desse tipo de serviço. Isso evoluiu bastante hoje nós chegamos nesse conceito de Portal.

SM – É, a Edna¹²⁶ falou que quando lançou a Internet tinham 60 páginas só, que elas não se movimentaram... Enfim, não sei os termos técnicos, ignoro um pouco, mas foi assim... uma coisa bem incipiente, e eu lembro que quando isso entrou, já os *releases* do IBGE, da Comunicação Social, já estavam lá, mas que era só isso, não tinha mais nada. Era só aquela notícia e acabou...

PQ – Bom, mais ou menos evoluiu nos anos setenta. Naquela época, não se podia projetar nenhuma página ligada à rede Internet, para acesso à rede Internet, que fosse muito sofisticada. Primeiro, pela própria... por não se ter disponível ferramentas sofisticadas, por outra, a própria velocidade que a rede Internet tinha, de comunicar. Na verdade, não possibilitava ao usuário fazer uso, que não adiantava fazer nada muito sofisticado, vamos falar assim, sofisticado, que iria ser difícil da página entrar. Tinha que ficar esperando um tempão até que a página aparecesse na sua tela, o que é contra produtor. Então, essas coisas têm que evoluir paralelamente, conforme a tecnologia vai evoluindo, você vai aumentando a sua riqueza do que você apresenta. Mais facilidades, mais recursos. E é isso que, de fato, o CDDI, essa Gerência, soube muito bem acompanhar, a evolução de tecnologia, cada nova oferta a equipe já fazia a avaliação de viabilidade, de estudo de viabilidade da nova tecnologia, passava a dominar essa nova tecnologia e desenvolvia, então, páginas para essa já, com essa tecnologia. O que hoje, então, nós temos, as chamadas páginas dinâmicas, que não são páginas estáticas, que é quando você acessa o

125 CDDI – Centro de Documentação e Disseminação de Informações

126 Edna Rodrigues Campello é Gerente da Gerência de Serviços On-Line – GEON, do Centro de Documentação e Disseminação de Informações - CDDI

que vem, vem lendo... Está lendo um banco de dados, que eu não posso alterar aquela informação que vem na página mexendo numa informação lá no banco de dados, eu não preciso tirar a página do ar e colocar outra página no ar. Mexi no banco de dados e aquela informação se atualiza naquele instante. Então, tem uma série de facilidades tecnológicas que foram sendo absorvidas, e hoje nós trabalhamos com esse conceito de Portal, que tem vários canais. A página, ela apresenta as informações principais, as que estão... as mais atuais, os destaques e mostra diversos itens que você pode acessar mais os chamados canais, que é o que dá mais sentido a esse conceito de Portal. Você sai da página inicial do IBGE ao escolher um caminho chamado canais, que são... é um conjunto de páginas, cada canal tem um conjunto de páginas...

SM – BME¹²⁷ é um canal?

PQ – É um canal, com toda uma proposta visual que a identifique... Por exemplo, o *Cidades@...*

SM – Isso que eu ia falar, o *Cidades@...*

PQ – O *Cidades@* é um dos canais e tem lá, é... a proposta visual, a cor é bem... a página é em tom escuro, tem todo um desenho próprio para o tipo de informação que se quer divulgar ali. Então, tem mapa do Brasil, que você acessa informação de cada município, você tem a visão do mapa do Brasil...

SM – Isso é desenvolvido junto com o pessoal de *marketing* e propaganda (COMAR)¹²⁸ ou é tudo com a GEON?¹²⁹

PQ – Isso é na GEON.

SM – Tudo dentro da GEON?

PQ – Tudo dentro da GEON. A nossa área de *marketing*, ela atua, podendo fazer um pouco de paralelo, um pouco mais próximo do que seria um pouco da Comunicação Social. Ela se aproxima mais desse tipo de atividade do que da atividade da definição da página, mais diretamente escolha de tecnologia, linguagem de programação... Isso tudo é com a Gerência de Serviços *on Line*. O que... Claro que há interação entre essas áreas, uma delas, por exemplo, é a área de documentação. Nós temos uma gerência de documentação, dado que você está apresentando dados e eles precisam estar bem organizados. Então, quando a gente vê na página inicial do IBGE lá um acesso dentro da barra horizontal

127 Banco Multidimensional de Estatística

128 Coordenação de Marketing, pertencente ao Centro de Documentação e Disseminação de Informações – “CDDI, cujas competências são “I - planejar, organizar e analisar, executar e acompanhar as atividades mercadológicas, de publicidade e propaganda, bem como as promoção e divulgação do IBGE, em eventos internos e externos; planejar, elaborar e implementar as diretrizes do Manual de Identidade Institucional, assim como o Projeto Editorial e Gráfico do IBGE; e III - elaborar, zelar e manter a identidade visual do IBGE, a programação visual dos produtos, serviços e das peças promocionais, bem como criar e implementar os projetos visuais para sites institucionais do IBGE.” (Portaria Nº 215, de 12 de agosto de 2004, publicada no D.O.U de 13 de agosto de 2004)

129 Gerência de Serviços *on Line*, pertencente ao CDDI

“população”, “indicadores”, isso tudo tem sentido, discutido, avaliado junto com a documentação, como é que se deve separar essa massa de informações que o IBGE tem para facilitar, para facilitar o acesso do usuário. Mesmo assim, não, não...

SM – Não se esgota...

PQ – É, não se esgota. E, por mais que a gente busque facilitar, organizar, de modo a facilitar o acesso, dado o volume, ainda tem usuários que ainda têm dificuldade de encontrar alguma coisa, especialmente os usuários que não estão familiarizados com páginas *Internet*.

SM – Aí é que vem a... voltando lá, nos SDIs, fazendo um *link* com a informação... Aqui eu puxo mais para a Comunicação Social por conta disso. As pessoas ainda têm muitas dificuldades porque nós temos muitas informações, as pessoas ainda meio que se perdem. Como era isso lá atrás e com foi esse encaminhamento, essa evolução?

PQ – Antes da Internet, o nosso usuário, ele tinha que se dirigir ao IBGE, para um dos nossos serviços nos endereços de atendimento que são as capitais dos estados brasileiros, mais aqui no Rio de Janeiro no... CDDI. Então ele se dirigia à Biblioteca para acessar uma informação. Vinha à livraria para comprar um produto. Como ele fazia isso? Ele fazia isso ao ser comunicado isso para ele. E aí entra todo esse trabalho junto aos jornalistas, que era o nosso grande veículo de fazer chegar até o cidadão essa informação. O IBGE acaba de divulgar o resultado desse trabalho, desse estudo, dessa pesquisa. Ao haver essa comunicação, isso despertava nos usuários a virem consultar esses resultados. Certamente, eles viam na televisão, assistiam na televisão, liam no jornal, ouviam no rádio e ao se interessarem em trabalhar com esses dados, eles procuravam o IBGE. Procurar o IBGE significava vir a um endereço do IBGE para comprar aquelas informações, um publicação, um *cd-rom*, ou ficar na biblioteca consultando esses dados de forma gratuita. Esses eram os princípios de atendimento do IBGE. De devolver à sociedade os resultados dos trabalhos que a própria sociedade que paga seus impostos de forma gratuita. Essa forma gratuita, naquela época, que não tinha Internet, era disponibilizar em biblioteca. Ali não precisava ser sócio. Apenas se dirigia à biblioteca e lá tinha acesso aos resultados, aos estudos, do IBGE divulgados. Então, essa era a forma. Também mandavam correspondências, fazendo perguntas “qual o resultado do desemprego que acabou de ser divulgado?” Mandavam essa pergunta para o IBGE, o IBGE respondia, como até hoje responde. Hoje já a grande maioria manda essa correspondência por *e-mail*, usando a rede Internet, chega até nós – nós temos dois endereços, um endereço que é o IBGE@, que é para solicitação de informações sobre o País, e tem um endereço que é próprio para quem está buscando discutir alguma coisa sobre a própria página do IBGE, que é o *Webmaster*. Essa figura do *Webmaster*, que é um endereço eletrônico, *Webmaster@*, foi criado em nossas páginas logo que se proliferou o uso da Internet com esse canal, para que a pessoa pudesse tirar dúvidas sobre como é que acessava a informação na página. Nos sempre mantivemos um serviço de atendimento que é o “eu quero saber qual é a população do meu

estado, do Rio de Janeiro”? Então, esse tipo de serviço nós sempre tivemos que é responder a essa indagação. Essa nós fazemos por telefone, por correspondência... Isso completa o elenco de serviços que até a entrada da Internet que se somou a isso, a esse conjunto de serviços. A gente entende que a Internet é mais um serviço que o IBGE presta à sociedade. Então, eu tive um atendimento ao usuário voltado a isso. Voltado a responder ao usuário, com informações sobre o país, aquelas informações que o IBGE produzia. Isso, então, através de correspondência, através de telefone, indo à biblioteca, indo à livraria, adquirindo a publicação. Esse tipo de serviço nós instalamos em cada capital, hoje chamados SDIs. A sigla SDI é Serviço de Disseminação de Informações¹³⁰

SM – Ah!, é Serviço de Disseminação de Informações...

PQ – É. Foi tirado um dos “ds” e ficou Serviço de Disseminação de Informações. Antes era SDDI. Bom, esse tipo de serviço continua existindo. Nós continuamos com o serviço de atendimento por telefone, com serviço de correspondência, temos a biblioteca, temos a livraria. Esses serviços são replicados em cada Unidade Estadual¹³¹. Com o Portal, o Portal do IBGE, quando o IBGE passou a publicar na página dele na Internet, os resultados das pesquisas do IBGE passou-se, então, surgiu, um novo serviço...

SM – Espera aí, deixa eu tirar uma dúvida. Quando é que não era Portal?

PQ – Bom, o conceito de surgiu... É mais recente.

SM – Cinco anos?

PQ – Cinco anos, quando começou a se ver isso. O volume de dados é tão grande que o IBGE produz, a capacidade de levar as informações para uma página *web* é muito grande, a nossa capacidade, mas isso ao mesmo tempo trouxe um problema, que é como é reúno isso tudo isso tudo sem desorientar quem quer acessar a informação. Então, a idéia que surgiu foi “vamos especializar pedaços que nós vamos chamar de canais, nós vamos especializar páginas dando uma identidade a elas para chamar a atenção para um determinado enfoque de busca de informação.

SM – Aí surgiu *Cidades@*, *Países@*, *Site Teen*, *12 a... 7 a 12*.

PQ – Exatamente. Então, esse conceito traz isso. Eu tenho informações que eu as público de forma clássica na página do IBGE, que eu ... na página inicial, ali eu tenho uma divisão clássica, por pesquisa, por estudo, por pesquisa, mas eu também tenho esses canais onde eu saio dessa estrutura básica e entro com toda uma programação visual específica, com

130 Informação incorreta. SDI - Supervisão de Documentação e Disseminação de Informações - conforme resolução do Conselho Diretor nº.5 de 03/05/2006 - constitui-se num posto avançado (representante) do Centro de Documentação e Disseminação de Informações - CDDI, instalado em todas as 26 capitais do país e também no Distrito Federal, que tem como objetivo o atendimento aos usuários internos e externos, tanto para consulta ao acervo quanto para venda do material produzido pelo IBGE.

131 Unidade Estadual é o escritório do IBGE localizado em cada unidade da federação, além do Distrito Federal. São 27 no total.

toda uma organização dos dados própria, eu ali ofereço ao usuário um acesso, uma informação, segundo uma perspectiva particular. O *Cidades@* é para aquela pessoa que está querendo conhecer informações sobre um pedaço do território. Então, eu não preciso, para saber disso, entrar em “População”, e pegar dado da população do estado do Rio; depois eu saio dali, pagar outro pedaço, pegar desemprego na região metropolitana do estado do Rio de Janeiro. Se eu ficar só na página clássica eu teria que ficar saindo de um lugar, indo para outro, para afinal reunir essa coleção de dados. Nesse canal, *Cidades@*, eu já reúno esses dados para num único acesso, ao escolher um município, eu ali eu já tenho todas as informações desse trabalho já feito, e assim o *IBGE Teen*, por exemplo, ele já procura agendar outra proposta, de trazer informações na linguagem dessa faixa etária, isto é, entrada de informações que são relevantes para essa faixa etária. Isso é o que nos fez chegar a esse novo conceito de Portal, hoje Portal do IBGE. Com o surgimento, então, da rede Internet, e o IBGE passando a ter uma página, o IBGE, na verdade, criou um novo serviço. Esse serviço virtual, um serviço *on line* que funciona 24 horas por dia, que é uma máquina que está lá ligada, não é desligada em nenhum momento, a cada nova divulgação é feita uma publicação.

SM – Não falta, não adoce, não é isso? Ela é...

PQ – É. Você vai substituindo a máquina quando ela vai ficando cansada, obsoleta, e passamos, então, a ter mais esse serviço. E aí evoluímos isso para o próprio .. instalado, podemos dizer assim, hoje o Portal é um pouco de uma biblioteca, nós temos uma biblioteca lá dentro do Portal, mas na verdade o grande canal de comunicação, esse é um conceito que está amadurecendo cada vez mais, de poder que se passou a ter com a rede Internet, publicar na rede Internet, então na verdade você tem um poder de comunicação. E é isso que a gente vem fazendo. Para que chegue até ao Portal esse conjunto de informações, nós trabalhamos, vivemos um processo de trabalho que já vivíamos antes mesmo do Portal. O Portal passou a ser mais um serviço. Então, todo tipo de pesquisa ele é planejado quanto como vai ser divulgado, que produtos vão divulgar os resultados daquele trabalho, se vai ser publicação impressa, se vai ser encartado, se vai para um banco de dados na rede Internet, como vai ser publicado em páginas no nosso Portal, na rede Internet, se vai ser um *cd-rom*, as peças promocionais, algumas vezes cartaz...

SM – Aí vem a pergunta. Ser humano, quer dizer, aqui dentro do CDDI, com é que poderá acompanhar, então... assim, agora, com o PDA do Censo vai ser o Censo Agropecuário vai ser uma demo (demonstração), não é? A demo do Recenseamento Geral que vai ser muito maior, não é? Como é que vai ser isso, porque todo mundo vai precisar ficar preparado para acompanhar essa disseminação, que vai ser muito rápida, essa divulgação vai chegar ali e já vai passando, não é? E GPS¹³², é isso, é aquilo... Então, cada vez mais as pessoas também vão se adequando, seus

¹³² Global Positioning System, ou Sistema de Posicionamento Global, é um sistema de posicionamento por satélite, utilizado para determinação da posição de um receptor na superfície da Terra ou em órbita.

equipamentos também vão melhorando... Seria isso, não é? Até para alterar essa velocidade... Seria isso?

PQ – O que é mais marcante nessa evolução tecnológica que o IBGE vem basicamente incorporando...

SM – Que é pioneiro, não é? No Censo Agro, por exemplo, o uso do PDA?...

PQ – Não. O uso de...

SM – A Edna¹³³ me falou que é...

PQ – Não, não é. Tem característica que são implantadas agora. Mas o uso de coletar eletrônico já existe no IBGE há...

SM – Sim, a PINTEC¹³⁴, por exemplo...

PQ – A Pesquisa de Emprego¹³⁵, por exemplo, ela usa os PDAs já tem vários anos.

SM – Mas a PINTEC não foi a primeira? Pesquisa de Inovação tecnológica? Não ...

PQ – Não.

SM – Não? A PME já usava...

PQ – A PME já usava esses microcoletores, como eram chamados...

SM – Então, quer dizer que eles estão sendo mais capilarizados, seria isso?

PQ – É. No caso da PME foi visto que... Essa escolha da tecnologia, de avanço tecnológico, ele é marcante em termos de transformações dentro da Casa, muito no processo de apuração... De coleta e apuração de dados. Então, a partir de pouco menos esse tipo de transformação tecnológica, muito menos a disseminação e a comunicação. Menos. A grande revolução de comunicação... Disseminação foi realmente a rede Internet, nossa tecnologia de publicação em página na rede Internet, foi toda uma linguagem própria, toda uma tecnologia, equipamentos configurados especialmente para isso, de acordo com as especificações da rede Internet, contratar um serviço de acesso à rede Internet, o IBGE tem um contrato, pagar para poder estar ligada à rede Internet. Isso tudo foi toda uma tecnologia que gerou impacto nas organizações e o IBGE soube assimilar também esse tipo de tecnologia. É também a tecnologia que gera impactos, transformações, no processo de apuração da pesquisa. Coleta e apuração. O uso de alternativa ao papel, coleta, é uma transformação significativa, que traz avanços no tempo de trabalho, na redução de tempo de trabalho, e esse tipo de experiência já foi vivido, já vem sendo vivido há muito tempo, já há muito tempo, pela Pesquisa Mensal de Emprego,

133 Edna Campelo – Gerente de Serviços *on Line* do IBGE.

134 Pesquisa de Inovação Tecnológica – a primeira pesquisa, ocorrida em 2001, cuja referência foi o ano de 2000, com divulgação dos resultados realizada em 30/10/2002, teve sua coletada realizada com *palm top*.

135 Pesquisa Mensal de Emprego – PME, trata-se de pesquisa conjuntural, realizada mensalmente em seis Regiões Metropolitanas do país, a saber:, Recife, Salvador, Rio de Janeiro, Belo Horizonte, São Paulo e Porto Alegre.

pela equipe da Pesquisa Mensal de Emprego. E no caso da Pesquisa Mensal de Emprego, são seis regiões metropolitanas, equipes exclusivas que trabalham somente na coleta de domicílios, em entrevista de domicílio, sobre a Pesquisa Mensal de Emprego, e eles usam esse equipamento, que eram chamados anteriormente de microcoletores. Agora está sendo chamado pela sigla PDA.

SM – O que é PDA, Palm...

PQ – Alguma coisa... *Personal Digital Assistant*. É um assistente digital pessoal. É uma tradução que eu faço, mas é uma sigla em inglês. É essa tecnologia que permite que de fato você já monte seu questionário com os saltos, com inconsistências já programadas no equipamento eletrônico, e ali você tem menos erros que já evitam um tempo na entrevista. O profissional, ele vai diretamente...

SM – Tem aquela telinha...

PQ – Tenta, pensa em fazer um movimento errado e a própria máquina já diz “*não, isso não pode*”. Então, isso é um avanço no processo de divulgação. Diminui o tempo de apuração seguida. É isso que já aconteceu com a PME, já aconteceu com a POF, a última Pesquisa de Orçamento Familiar foi toda feita com *notebooks*...

SM – Ah!, é verdade...

PQ – O entrevistador ia para o domicílio, selecionava para a entrevista com o *notebook* e lá... porque são diversos questionários a serem preenchidos, muitos detalhes já direto... os dados eram digitados na hora, pelo entrevistador. A PNAD¹³⁶, por exemplo, não. A PNAD ainda é papel, questionário em papel, e a entrada de dados é feita nas Unidades Estaduais. Você digita lá. Não existe mais equipe de digitadores, não é?... Então, a própria equipe que trabalha, que é ligada à PNAD, é que tem um conjunto, um subconjunto seu, da sua equipe, que realiza a digitação desses dados para chegar até o nosso computador...

SM – Dizem que no futuro o pessoal que vai a campo fazer o georreferenciamento vai usar esse PDA, não é? Eles vão colocar (as informações) no escritório para descarregar isso (as informações coletadas) para a CCAR¹³⁷.

PQ – É. Esses Censos de 2007, Agropecuário mais uma contagem de uma boa parte dos municípios brasileiros, ele já está indo com esses microcoletores, os PDAs, com... acoplado a esses equipamentos os *GPS*. Esse aparelho que consegue registrar a informação sobre um ponto do terreno, do território, para então poder fazer esse

136 Pesquisa por Amostra de Domicílios - A Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios teve início no segundo trimestre de 1967, inicialmente com periodicidade trimestral. A partir de 1971 os levantamentos passaram a ser anuais com realização no último trimestre, não sendo realizadas nos anos de recenseamento geral.

137 CCAR – Coordenação de Cartografia da Diretoria de Geociências – sua competência é “planejar, organizar, coordenar, supervisionar e executar os trabalhos cartográficos, visando a produção de mapas e cartas, além de outros documentos de natureza cartográfica necessários à representação do espaço territorial brasileiro.” Portaria/MPOG/215, de 12/05/2004, que aprova o Regimento Interno do IBGE.

georreferenciamento de algumas unidades do município. Então, está previsto para o pessoal rural então fazer, percorrer o novo setor que ele vai trabalhar... ele ao passar por uma escola, ele vai registrar no *GPS* aquele ponto em frente à escola, isso então vai ser armazenado no IBGE como informações, que aí tem todo um trabalho que é a alteração do cadastro que está sendo desenvolvido pela Coordenação Operacional do Censo, um projeto da ANPOC, voltado para recolher essas informações, deixando todas em meio digital.

SM – Ah! Que bom...

PQ – É um cadastro de domicílios. De endereço de domicílios.

SM – Ah! Mas não são nome dos lugares, não é?

PQ – O cadastro identifica a rua, o número da rua, o endereço mesmo do que vai legalmente se constituir naquele local, qual o município, qual distrito. Tem toda essa divisão territorial brasileira acoplada, associada, àquele endereço. Então, esses são avanços tecnológicos que ao serem implantados geram impactos de redução de tempo no processamento dos resultados desses estudos e pesquisas. O que vem na seqüência, no momento em que os dados estão consistentes, no caso das estatísticas, em especial, esses dados são entregues, por exemplo, à nossa área de disseminação para que a publicação que já estava planejada, parte até já foi entregue, a parte de texto... Mas o fato é que você só consegue pegar esse material para a nossa área de disseminação, ainda editorar, no caso de publicação impressa, quando os dados estão de fato consistentes, porque aí o analista temático consegue se debruçar e descrever uma análise, fazer uma análise sobre aqueles resultados, fechar todas as tabelas que irão compor o plano tabular, aí não tem como entregar pronto. Fechar rápido a publicação. Então essa fase é uma fase que vai se somando à outra e não se consegue ter isso ainda na minha mente. Mas o que acontece é que com essa incorporação de maior tecnologia eu encurto o tempo de apuração. Então, eu passo a receber antes esse material para eu elaborar a publicação, editorá-la, preparar as páginas [páginas que irão compor o *site* do IBGE na Internet]. Eu recebo isso num tempo anterior ao que vinha recebendo. Conseqüentemente, o que gera ao final de tudo é que a sociedade recebe esses resultados mais cedo do que vinha recebendo. Mas os tempos de trabalho nossos, os impactos são totalmente desassociados. O que é tecnologia de apuração gera um impacto A. No nosso caso o impacto é se a gente investir em novas tecnologias de processamento para editoração. Aí é outro nível de investimento, um outro tipo de investimento. Ao mesmo tempo em que esses dados, então, se tornam consistentes, o analista passa a se debruçar sobre ele, descrever para poder escrever, fechar as tabelas, é nesse momento que ele começa, então, a entregar esse material para o CDDI e também para a Comunicação Social. Ele começa a dizer “Olha, já tenho aqui o material. Eu já percebi que esse dado aqui é relevante, mudou muito em relação a tal.”, é exatamente é essa a visão, a perspectiva que o jornalista ressalta bastante, são os dados que mais revelam, de forma mais marcante a realidade.

SM – Quer dizer, então, essa tecnologia importou também essa informação, não é? Porque quando volta para o pesquisador, a [pessoa] responsável por essa divulgação, esses dados, eu diria assim, a análise, então é mais fácil até verificar a consistência, ou não, desse encurtamento, não é? É melhor para todo mundo, Seria isso, não é?

PQ – Exatamente. O que a gente pode dizer é que a rede Internet, o Portal do IBGE deve ter por estar ligado à rede Internet com sua máquina, com a máquina do IBGE ligada à rede Internet, com o seu material lá, o que isso trás de impacto para os analistas temáticos. O que pode ser dito nessa parte é que hoje o preenchimento do questionário, nós já temos hoje parte dos nossos entrevistados, especialmente no caso exclusivamente das pesquisas econômicas, as pesquisas são feitas em estabelecimentos selecionados, não no Censo Agropecuário, ele é um censo mesmo, uma apuração censitária, esses estabelecimentos que são selecionados, eles buscam o questionário num endereço do IBGE, nosso endereço de Internet, ele busca o questionário e devolve este questionário para um endereço do IBGE. Tal qual, fazendo um paralelo, com a Receita Federal.

SM – Mas isso não teve agora no Censo Agropecuário, os grandes estabelecimentos não estão respondendo na Internet?

PQ – Não.

SM – Ah!, eu entendi isso...

PQ – Não. Eu posso estar com essa informação precária...

SM – Porque, na minha cabeça, os grandes estabelecimentos agropecuários, neste Censo, já estão respondendo dessa forma...

PQ – Não, com certeza o que nós temos hoje é as pesquisas econômicas do IBGE, a indústria, já é negociado isso com diversos estabelecimentos. Se ele já tem capacidade de buscar essa informação, esse questionário, no endereço do IBGE, é aí que nós temos a rede Internet fazendo esse trabalho... E aí passa pela equipe nossa aqui, que precisou elaborar páginas para esse tipo de serviço indo lá disponibilizar os questionários, fazendo com que esses estabelecimentos selecionados, essas pessoas responsáveis por responder esses questionários, venham até o nosso endereço, busquem e depois devolvam. Então, esse é um retorno em termos de investimento do IBGE em rede Internet, em página Internet, voltada para a parte do processo de pesquisa, especialmente pesquisa estatística. Mas de todo modo, quando os dados estão consistentes, esses profissionais responsáveis pela pesquisa, eles têm esse diálogo feito com o CDDI, já planejado anteriormente, e com a CCS, com a Comunicação Social, também já planejado anteriormente. Mas fica finalizado quando os dados, de fato, ficam consistentes, e aí em definitivo eles já podem escrever as análises, destacar as tabelas relevantes, para então os jornalistas do IBGE, da CCS, prepararem esse material jornalístico.

SM – Na linguagem...

PQ – Na linguagem e com os destaques pertinentes à comunicação e aí é todo um trabalho, uma política de comunicação, que a Casa tem, definida pela CCS, não pelo CDDI, como o embargo, por exemplo, estão na sua política, com os jornalistas, como que jornalistas que recebem esse material e deixa-se todos esses textos, é toda uma política, fica... concentra todos os jornalistas na equipe, isso gera toda uma comunicação, que hoje ela continua sendo indispensável, que ela alcança uma massa ainda muito maior de cidadãos do que a Internet, através do jornalista, através do jornalismo, você ouve no rádio um resultado que o IBGE divulgou, na televisão, num jornal, você está de fato alcançando a grande massa da população brasileira. Ao mesmo tempo, nós temos a rede Internet, que faz também esse trabalho de comunicação que aí entra todo esse conceito, que se tem de maior do que a disseminação, que é a comunicação que a gente tem todo um trabalho de comunicar através da rede Internet em páginas elaboradas dentro do próprio IBGE. Esse trabalho ainda de material continua sendo dividido nessa divisão de trabalho. O material que é jornalístico não é a Gerência de Serviços *on Line* que elabora, porque o material jornalístico que vai para a página Internet. Não há um segundo material jornalístico que é desenvolvido, especificamente desenvolvido para a página. O que é Comunicação é Comunicação. Ela é centralizada, então, é uma única comunicação com toda uma única visão, com uma única política do IBGE. E é esse material que alimenta também o Portal do IBGE.

SM – Mas uma divulgação a gente já sabe. A gente tem um caminho... A gente não, eu e você, sabemos que tem um caminho muito grande a ser percorrido para uma divulgação. É o horário, não é? Nós já tivemos vários problemas por causa de oito segundos uma agência de notícias brigou com a outra, quase abriu um processo contra o IBGE por causa de oito segundos. Então, essas duas coisas têm que andar muito juntas. Elas estão paralelas mas estão muito juntas, não é? Porque... Não adianta vocês divulgarem se a gente não faz o horário, não adianta a gente fazer se vocês não fazem... Então, quer dizer, a Internet, eu vejo assim, dentro da Comunicação, ela perpassa... ela.... Não tem como você dizer “Ah!, o *release* faz parte ali, sei lá, não sei se você diria que é mais um Portal, aquele “Notícias” ali...

PQ – É uma página...

SM – Não sei se é só isso. Não sei se é só isso. Eu acho que não é só isso. Você não diria que é muito mais que isso? Porque se alguma coisa sai errada, se as duas coisas não se falam... Entendeu? E a Internet é importante nesse sentido.

PQ – A sincronia...

SM – Isso, a sincronia.

PQ – A sintonização dessas duas áreas é muito, é muito... É fundamental.

SM – É uma linha tênue, não é?

PQ – Exato. Porque eu tenho que fazer uso. Eu tenho que me adaptar ao formato. Então, se eu tenho que pensar o que eu vou publicar na Internet tem lá suas certas limitações.

Então, isso então exige uma interação muito grande. Como sempre se viveu essa realidade, que é, por exemplo, diálogo de um analista temático com um profissional de informática “eu quero isso” [o analista] “mas isso eu não consigo, NÃO posso fazer” [o profissional de informática]. Então, não existe ferramenta para isso que você pensa ter. Tem limitações. Muitas vezes isso gerava muitos ruídos. De pessoas inconformadas de “como é que eu tenho que me submeter”...

SM – Como comunicar isso...

PQ – É. “Eu tenho que me submeter à ferramenta porque a ferramenta não faz o que eu peço, não consegue fazer o que eu peço.” Então... Mas, de fato, essa interação é fundamental. Em tudo há certos limites e aí é fundamental a interação. Essa interação, ela de fato existe entre os profissionais da área de nossos serviços *on line*, chamados serviços *on line*, com a Comunicação Social, com a área produtora da pesquisa...

SM – Porque também não adianta aqui no CDDI estar funcionando, a CCS estar funcionando, e faltar luz. Mas, aí, sim, falar luz. É uma coisa externa, não é? São inerentes, não é?

PQ – É.

SM – São adversidades. Faltou luz e aí, como é que faz?

PQ – É. O que a gente pode falar quando olha esse pequeno tempo do passado é que o IBGE, de fato, ele pôde potencializar muito, no seu trabalho de comunicação, a rede Internet dá mais alcance, um alcance muito maior do que todos os serviços que nós vimos até então oferecendo. Em termos estatísticos, o número de acessos aos nossos serviços clássicos, telefonar, vir ao IBGE para comprar uma publicação, ou vir à Biblioteca, ou mandar uma correspondência, gira em torno de 250 mil demandas por ano, que vem caindo a cada ano. Pouco, mas vem caindo. Enquanto na Internet passa de 10 milhões por ano. Então, é o alcance que o IBGE passou a ter, esses resultados dos trabalhos do IBGE passaram a ter com a rede Internet.

SM – Mesmo num país não digitalizado, não é?

PQ – É. Porque aí tem o processo de digitalização, de capacitação, de... Ma já trouxe uma mudança enorme.

SM – Mas aí vem aquela minha pergunta. A pergunta que não quer, não é? Esse processo, como é que a gente pode entender? Porque o jornalista, eles vão ficar mais especializados em rebuscar o seu material, em qualificar cada vez mais, não dizendo que eles não estão qualificados hoje, eles estão qualificados, mas melhorar de forma que o Portal seja um canal melhor, e aí a Comunicação Social, junto com o CDDI, através da Gerência de Serviços *on line*, façam como, por exemplo, acabou de acontecer há poucos dias, um curso da PIM¹³⁸ para a Folha de São Paulo. Quer dizer,

138 PIM – Pesquisa Industrial Mensal.

não se vai mais, o jornalismo do IBGE não vai mais fazer a divulgação, ou levar um técnico, um pesquisador para dizer como são aquelas pesquisas. Inverteu, dentro da tecnologia? Vai um jornalista e, com um especialista em atendimento ao usuário, quer dizer, dois profissionais que “falam” com a sociedade, seja um direto, outro indiretamente, porque aqui, esta gerência, fala diretamente com o usuário, a gente não sabem que é, pode ser até um jornalista que não se identifique, ou aquele que vai pela CCS, ou aquele que vai pela Coordenação de Comunicação Social. Então, esse trabalho se inverteu, quer dizer, utilizando-se de uma ferramenta de altíssima tecnologia. Quer dizer, cada vez mais não que os pesquisadores tenham se afastado do seu público, mas cada vez mais que esse pesquisador, por sua vez, se qualifique, se detenha em suas pesquisas e tente atender essa sociedade, que enquanto ele está debruçado na sua pesquisa, ele está tendo, lendo a resposta do que a sociedade trás para cá para dentro. Seria isso?

PQ – Esse fenômeno eu reconheço. Ou seja, num limite você teria todo o que a gente algumas vezes chegou a falar, todo um auto-atendimento. O cidadão, seja um jornalista, um estudante, ele vai a um endereço, nesse caso um endereço virtual, através da rede Internet, e lá ele recolhe todo o material necessário para ele fazer seu trabalho, seja elaborar uma matéria para televisão, para rádio, ou para um periódico, um jornal. Então, ele vai encontrar lá o que ele necessita. E nesse caminho, hoje nós fazemos exatamente esse trabalho, que é ofertar o que nós chamamos *workshops* de ferramentas digitais, que é treinar, capacitar esses profissionais que precisam trabalhar com informação no uso de ferramentas, três ferramentas atualmente, que é o próprio SIDRA, está no Portal do IBGE, na rede Internet, o ESTATCART, que já é um serviço que não é *on line*, na Internet, você adquire um *cd-rom*, adquire imagem em *cd-rom*, adquire o aplicativo que vem no *cd-rom* que é o ESTATCART, e adquire base de dados, que são lidos por esses aplicativos. O ESTATCART você obtém ferramentas poderosas para você também manusear dados e fazer o seu trabalho. Essa é uma segunda ferramenta e Banco Multidimensional de Estatística, que é uma ferramenta ainda mais poderosa, que lê diretamente os microdados...

SM- Isso aí é o que eu perguntei. Isso aí é uma casadinha que o CDDI e a DI... Seria a Diretoria de Informática e o Centro de Documentação e Disseminação de Informações...

PQ – É. Dentro do *workshop*, que treina esses usuários em ferramentas digitais, o treinamento do Banco Multidimensional de Estatística é feito pelo profissional que está à frente, está ligado a esse trabalho, da equipe responsável pela administração do banco.

SM – Da DI?

PQ – Do SIDRA também já tivemos esse tipo de presença, do pessoal ligado à administração do SIDRA dando o treinamento. Atualmente, a gente absorveu esse

treinamento do SIDRA. O Lessa¹³⁹ até, a nossa equipe do CDDI que hoje tem feito esse treinamento, e o ESTATCART que esse é hoje do CDDI.

SM – Só do CDDI?

PQ – Sim [com a cabeça]. Esse aplicativo, que é de georreferenciamento, ele é dado por profissional que é ligado do projeto, lidera o projeto aqui no CDDI. Então, esse tipo de estatística que reconhece esse fenômeno, que é cada vez mais acontecer essa autonomia do usuário, do jornalista, do pesquisador, em ir ao encontro da informação e elaboração do material. Ainda assim, o que a gente registra, o que se entende é isso que é necessário que a Instituição mantenha esse tipo de atividade, que é gerar material jornalístico. Porque essa visão, podemos dizer que ela é limite do auto-atendimento, ela nunca vai prescindir.

SM – Não se esgota, não é?

PQ – Sim [com a cabeça]. Ela nunca vai prescindir de uma retaguarda que esse usuário, em algum momento, vai precisar. Então, não dá para pensar em desarticular, não é isso que nós estamos falando, desarticular toda uma área de Comunicação Social, desarticular toda uma área de atendimento. É...

SM – Mas muda...

PQ – É.

SM – Muda o foco disso.

PQ – É, muda o foco.

SM – Eu acho que é isso.

PQ – É isso. Essa transformação, ela ainda não está forte, ela ainda não é forte.

SM – Não se sabe...

PQ – É. Hoje, já se percebe que está havendo mudanças, que não é da mesma forma que o jornalista interage com a equipe da Comunicação Social do IBGE como era antes. Não é da mesma forma que antes. Da mesma forma que nós aqui. O impacto, um dos impactos para nós mais visíveis é a redução de pessoas que chegam aos nossos serviços clássicos. Como eu falei, as estatísticas revelam isso. Nós estamos tendo menos pessoas vindo às Bibliotecas. Elas já estiveram [as bibliotecas] muito mais cheias com muito mais presença de pesquisadores, de estudantes, usuários, do que atualmente. Porque hoje parte desses usuários que já têm maior conhecimento desse mundo virtual, ele já vai ao endereço virtual na Internet.

SM – Pesquisadores 100% acessam. Acho que podemos dizer 100%...

PQ – É, OK, mas o que eu estava falando, isso não significa dizer que eu posso...

139 Carlos José Lessa de Vasconcellos é Gerente da Gerência de Atendimento, subordinada à Coordenação de Atendimento.

SM – Extinguir...

PQ – Extinguir serviços de atendimento como todo o trabalho de Comunicação Social.

SM – Claro...

PQ – Agora, que a natureza desse está mudando e que essa mudança vai, cada vez mais, se tornar mais marcante com o passar ...

SM – O modelo, não é?

PQ – Do tempo. E esse tempo é realmente muito curto, de mudanças. E isso a gente vai presenciar muito breve. Mudanças breves.

SM – Isso você está falando de um lugar destacado. Você acompanhou, você está aqui desde 95 [1995], quando o IBGE entrou, lançou esta página. Eu entendo que você é uma história, é uma história desse tempo. De doze anos..

PQ – É, é...

SM – Ou eu estou errada?

PQ – Certo, certo. Acompanhei isso. Acompanhei o crescimento do atendimento. A nossa resposta em termos das necessidades dos usuários de atendimento. Quando começamos a perceber que os usuários viam como a melhor forma de se comunicar com o IBGE, no caso de correspondência, o *e-mail*, nós rapidamente nos ajustamos a essa realidade que há tempos atrás nos estávamos ajustados a outra realidade, que era receber fax. Então, tínhamos aparelhos de fax, telefones divulgados, para receber correspondência. Hoje é o *e-mail*.

SM – Essa parte eu acompanhei. Em 90 [1990] era assim. Eram alguns técnicos que atendiam linhas telefônicas, que foi o pai do “0800”¹⁴⁰. Aí, em 95 [1995], 96 [1996] ligou o “0800”, ligou a secretária eletrônica, que veio o *webmaster*, que aí veio o IBGE@, que agora eu acho que vem um... vai ser inaugurada outra coisa *on line*, em *chat*, alguma coisa...

PQ – É...

SM – Então, quer dizer, está acompanhando. A tendência é o “0800” diminuir seu atendimento e *chat*...

PQ – Exato.

SM – Embarcar! É muito rápido!

PQ – E é isso que nós, de atendimento, temos que estar atentos. Quais os meios que o usuário está buscando para fazer contato. Há algum tempo atrás ele fazia contato pegando

140 08007618181 – *call center* implantado para fornecer informações sobre produtos e serviços disponíveis do IBGE.

uma condução e chegando até um endereço do IBGE para, então, poder trabalhar com algum dado.

SM – Ou então mandando uma carta...

PQ – É, ou mandando uma carta. Conforme esses meios vão se tornando mais... Vão facilitando o uso, o comportamento das pessoas também vai mudando. Com o *e-mail* as pessoas passaram a escrever mais do que escrever em papel, ir no Correio. Com fax, passaram também a se corresponder mais porque preparava o papel e passava pelo fax. Então, isso gerou um crescimento do atendimento. Mas, agora, a gente está vendo o inverso disso, ou seja, esses clássicos, por conta do fato de rede Internet, do Portal, as pessoas hoje têm conseguido ir... Ao ir nesse endereço do IBGE, ver suas demandas atendidas. Então, não precisa mais ainda escrever para pedir, ele já conseguiu se auto-atender. Não precisa telefonar, não precisa mais vir, Comprar, hoje, ele não precisa mais vir...

ANEXO 3

Entrevista com Shirley Dias de Souza¹⁴¹, realizada em 02/09/2006

Local: Cafeteria Cafeína – R. Barata Ribeiro, 507 (Copacabana)– 25474390

SM - Você lembra como era o serviço da Comunicação social?

SS – Começou com Sabino. Chamava-se Sabino.

SM – Não me lembro Sabino...

SS – A Comunicação Social... Não existia a Comunicação Social...

SM – Não existia... Eu peguei a Comunicação... É isso que eu quero eu quero relembrar, Shirley. Existia a AICS¹⁴², que eu fui fazer recorte de jornal, quando eu não era formada... Isso em 81, 80, na época do Jessé¹⁴³, existia a AICS. Mas eu não recuperei na documentação foi que não existia esse cargo e você, quando foi nomeada, pelo Bacha¹⁴⁴, eu vi na documentação...

SS – eu fui como Assessora, não é?

SM – Exatamente. E nessa época, não existia a AICS? Como é que era?

SS – Não, era assim. Nós chamávamos de poleiro, não é?, aquele 12º. andar...

SM – 11º.

SS – Era 11º ?

SM – No 166...¹⁴⁵

SS – No 166

SM – Então, ali era a AICS...

SS – A Presidência era assim... Então... tinha uma cozinha... Era muito engraçado porque na verdade eram duas secretárias, né? Um jornalista, o Sabino, que logo depois saiu (o Sabino saiu com menos de um mês, se não me engano)...

SM – Nunca ouvi falar...

SS – É... E tinha uma copeira que ser revezada com outra.

141 Shirley Soares Dias de Souza é jornalista aposentada da Fundação Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Ocupou a função de responsável pela Assessoria de Comunicação Social do IBGE entre 1985 e 1995.

142 AICS – Assessoria de Imprensa e Comunicação Social, que era ocupada por um Assessor do Presidente, não por cargos específico para essa sigla.

143 Jessé Montello – Presidente do IBGE no período de 1979 e 1985.

144 Edmar Lisboa Bacha – Presidente do IBGE no período março 1985 a novembro de 1986, primeiro presidente do Instituto pós-abertura política (Nova República).

145 166 – endereço do IBGE, localizado na Avenida Franklin Roosevelt, 166, bairro do Castelo, cidade do Rio de Janeiro, em que essa Assessoria era alocada.

SM – Dadá...

SS - Dadá e mais uma outra... Nós tínhamos duas copeiras, duas secretárias... Duas copeiras, duas secretárias... Foi assim que a Assessoria, que funcionava com Assessoria de Imprensa começou... Porque o Sabino foi embora, e realmente tinha um outro senhor lá¹⁴⁶, que foi embora logo que eu entrei

SM – Ah! o... o... De cabelo branco,

SS – É, isso...

SM - Que era parente do... do...Edson...

SS – É, era parente. Então...

SM – Era sogro do Renato Pacheco¹⁴⁷. Você chegou a pegar o Renato?

SS – Não. A estrutura era essa: duas secretárias, uma excelente, que eu até falo isso, que é a Goreth, que eu acho que você podia até conversar com ela para saber se teria ... E... Eu acho que isso dava a medida do que era a Imprensa para a Casa. O que era? Duas copeiras. Que dizer, que as pessoas que fossem lá iam ser muito bem recebidas. Eu fiquei assim, não é?...¹⁴⁸ A gente tinha cafezinho com bandeja e tudo, não sei quê. Uma coisa, uma visão antiga, não é? Do que pudesse ser um atendimento à Imprensa.

Bom, então, o que eu acho... O que aconteceu. Como eu tinha ido... Eu tinha entrado no IBGE em 80 (1980)... Eu passei pelo IBGE...

SM – Então você já era do IBGE?

SS – Já. Passei... Passei... Sei lá. Seis meses, oito meses, não me lembro mais, na Biblioteca¹⁴⁹, com a Beatriz¹⁵⁰. Aí eu conheci a Teresa¹⁵¹ e conheci outras pessoas lá, mas na verdade eu não tinha função. Não tinha função assim...

SM – Já era jornalista?

SS – Eu era jornalista..., mas eu entrei para ir para a Imprensa (AICS), mas na verdade eu... Nem pensar!

SM – Em 80?

SS – Em 80... Nem pensar em passar pela Imprensa (AICS).

146 Sr. Édén – que era amigo do Assessor anterior e do Chefe do Gabinete do Presidente, Edson Ribeiro e Aníbal Ribeiro, este último que antes de ocupar a Chefia do Gabinete havia exercido o cargo de Assessor da AICS.

147 Renato Pacheco – funcionário da AICS na época em que eu trabalhei nessa Assessoria, que dividia comigo, além de mais um ou dois outros, o serviço de *clipping*.

148 Expressão boqueaberta.

149 Biblioteca Central (BICEN), subordinada à então existente Diretoria de Formação e Aperfeiçoamento de Pessoal, localizada na sobreloja e segundo andar da Av. Franklin Roosevelt, 166.

150 Beatriz Pontes de Carvalho, Superintendente da BICEN.

151 Teresa Cristina Millions, servidora que atualmente ocupa o cargo de Gerente de Projeto da Coordenação de Comunicação Social -CCS

SM – Mas em 80 tinha o Edson Ribeiro.

SS - Não sei porque...

SM – Porque tinha o Edson Ribeiro...

SS – É... Então...

SM – Já era do Jornal Nacional. Já era o editor do jornal

SS - É... É... Aí o que aconteceu, como eu conhecia as pessoas e tal, não sei que, quando eu...

SM – Você entrou com Ronaldo? Mesquita?

SS – Eu entrei para uma diretoria que não tinha nada a ver com a Presidência...

SM – Mas com quem? Com Ronaldo Mesquita? Com que foi?

SS – A Imprensa eu nem sabia quem era. A gente nem passava por lá. A Imprensa não funcionava. Na minha cabeça não funcionava. Eu fui fazer imprensa, vamos dizer assim, numa diretoria que se chamava DF...

SM – Desculpe, você está falando 80. Está certo, 80... Não, 80... O... É, o ... Jessé...

SS – Existia uma... Nessa época, 80, existia uma disputa interna, não sei quê, pá-pá-pá, e as pessoas precisavam ta bem é..., é... informadas e tal, não sei quê. Então, eu fiz esse trabalho para uma diretoria, não fiz para o IBGE. Mas eu tinha uma história com o IBGE, e eu acho que... Eu passei lá, sei lá, 5 meses, seis meses, e me mandei rapidinho.

SM – Pediu demissão?

SS – Não. Aí eu fui... Me puxaram para a FUNTV¹⁵², que é a TVE¹⁵³, onde eu fiquei até 85, não é? Então, lá na FUNTV eu criei a Comunicação Social, entendeu, porque era uma Casa que tinha outra mentalidade mesmo naquela época, que era uma Casa de comunicação. Educação, não é?, Mas pela comunicação, só que rádio e TV. Então, estou aqui, estou tentando... O que aconteceu: a minha experiência com o IBGE, no entanto, vai lá atrás com Isaac Kerstenetzky¹⁵⁴. Foi aí que eu aprendi muito com o IBGE. Eu trabalhava...

SM - Tinha alguma pessoa...

SS – Não. Eu trabalhava na JMM, uma agência de propaganda, que era uma agência de propaganda bem grande e, era 74 [1974], se eu não me engano, e naquela época eu... é até uma coisa muito engraçada porque eu atendia, eu fui contratada pela JMM para poder atender o IBGE.

SM – E não existia Assessor [de imprensa]?

¹⁵² Fundação Nacional de Televisão – Instituição de responsabilidade do governo federal, hoje TVE.

¹⁵³ Televisão Educativa – que existe até o presente momento.

¹⁵⁴ Isaac Kerstenetzky.... – Presidente do IBGE no período de 1970 a 1979.

SS – Não.

SM – O que eu soube, eu não me lembro quem me falou, mas eu soube de uma coisa, que na época do Isaac tinha um homem que foi Assessor... Será que não foi esse JMM, que era o dono da...?

SS – JMM.

SM – JMM, que é JMM? É o nome do homem...

SS – João Medeiros não sei que lá...

SM – Deve ser isso. A pessoa que disse isso disse o nome da pessoa que era a empresa, mas na verdade...

SS – Não sei. Aí realmente não sei... Está bom. Era eu e uma secretária. Numa agência de propaganda, e era muito engraçado...

SM – Provavelmente isso.

SS – ... Porque a gente atendia... Por exemplo, eu ia a São Paulo, e tinha e tinha reunião em Recife. Eu tinha que ir para Recife porque era como se agência tivesse montada uma estrutura, mas era eu e... Bom, isso aí foi uma lição enorme para mim, porque eu estava é... É... Numa carreira que estava andando bem; Agência de propaganda nessa área de montar comunicação, etc. e tal, e nessa época, então, quando acabou o ENDEF¹⁵⁵, que foi... A divulgação foi fantástica...

SM – Parganina¹⁵⁶, não é?

SS – Parganina, isso mesmo! Então, eu... O Isaac Kerstenetzky e outro vice dele, que era uma pessoa.

SM – Borba, Borba.¹⁵⁷

SS – Borba. Eurico Borba. Eles me convidaram para ir para o IBGE, e aí eu falei “Deus me livre!”, eu com minha carreira se eu fosse para uma empresa pública eu me acabo. Mas acabei indo para lá anos depois e tal. Mas isso aí foi um aprendizado muito grande para eu pegar a... O IBGE para montar a Assessoria de Imprensa... Eu já conhecia o IBGE bastante por dentro, em diversos lugares, entendeu? Eu já tinha viajado e tal, não sei quê.

SM – Então, você conheceu o IBGE mesmo. Que quando viaja é que a gente conhece...

SS – É.. E a gente fazia matérias naquela época em agência de propaganda... Eu, não é?, com a secretária. A gente fazia matéria dos resultados do ENDEF, ia entrevistar o Parganina, enfim... E aquela equipe do Parganina era muito boa. Então eu aprendi muito

155 ENDEF – Estudo Nacional da Despesa Familiar - ENDEF – pesquisa realizada entre 1974 e 1975. Essa pesquisa foi um aprofundamento da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios-PNAD, pois sua investigação incluiu consumo alimentar e orçamentos familiares.

156 Luiz Afonso Kults Parganina – Coordenou a ENDEF.

157 Eurico Borba – foi Diretor Geral na gestão do Prof. Isaac.

ali. Muito. Profissionalmente e tal. Foi um desafio, uma coisa de quase não poder dormir, mas foi XXX, bom... Bom... Aí, voltando à vaca fria, eu acho que a sorte foi ter o momento da minha volta o Bacha... Eu tenho uma admiração... Eu acho que o IBGE deve muito ao Bacha.

SM – Com certeza...

SS – Eu acho que ele emprestou a credibilidade dele à Casa, porque a Casa estava desgastada, sim...

SM – Num momento, não é?

SS – Estava desgastada, sim. Ele emprestou a credibilidade realmente. Eu sou a testemunha de que ele abriu as portas do IBGE mesmo, escancarou. Eu tinha carta branca para divulgar qualquer coisa, entendeu? E isso aí não é para qualquer um, mesmo é... é... Com a história, com a seqüência da história do IBGE. Então, é... O Bacha, eu acho que a abertura política, não é?, Mesmo na época do Sarney¹⁵⁸, todo mundo fala do Sarney. Eu digo assim: minha experiência na época do Sarney foi de abertura.

SM – É, foi a Nova República.

SS – É,

SM – É esse o corte que eu estou fazendo...

SS – Exatamente. E o Bacha, quer dizer, o perfil do Bacha, da credibilidade que ele tinha, era uma pessoa respeitada, uma pessoa aberta... O Bacha uma vez me ensinou uma coisa que não sei outro nome como profissional, que eu entrei esbaforida na sala dele e tal, e ele perguntou assim: espera aí, primeiro eu quero saber se você está feliz – ele sabia que eu estava trabalhando demais, sabe. Isso ficou na minha cabeça, uma coisa que eu sempre eu ... de perguntar para as pessoas e... eu acho que muito dos seminários internos que a gente fazia na CCS também têm a ver com esse dia, esse, essa frase, entendeu? De respeito...

SM – Fazia seminário?

SS – Fazia seminários internos... Nisso as pessoas, a Teresa, a própria Teresa pode, não é? Nada se passava na Comunicação Social sem que a equipe soubesse.

SM – Ah, entendi...

SS – Então, era como se fosse... Como as pessoas eram despreparadas tecnicamente, era uma forma de repassar a parte técnica para eles. Mesmo que eles não lidassem direto. O pessoal do *Clipping* participava, todo mundo participava.

SM – Para saber o que estavam recortando? [alusão à Equipe Clipping]

SS – É. E para saber o que estava acontecendo, porque que vai divulgar...

SM – É isso que eles dizem de você...

158 Presidente José Sarney, que governou o Brasil entre 1985 e 1989

SS – É...

SM – Que você foi a grande escola mesmo. A maioria das pessoas que trabalho lá num momento, que hoje retornam, falam isso.

SS – É... É... Porque a gente fazia isso, a gente abria, a gente perdia, perdia tempo, não. A gente abria um espaço com toda aquela ‘serviçada’, a gente abria um espaço para dizer “ó, tá acontecendo isso, isso, isso.... isso; então, nosso caminho vai ser esse por que? que acha, pá, pá, pá, pá, pá, pá.” Eram seminários... Era muito bom. Era muito bom. Era uma troca importante, não é? Obviamente, tinha gente... Eu lidei com muita gente que eu não queria trabalhar. Fui até ameaçada. Na CCS eu fui até ameaçada. Foi um dos motivos de eu realmente desistir. Fui até ameaçada. Bom... Então, começou, hãa...

SM – Aí nessa época, quer dizer, material tecnológico zero, não é? Mas você tinha duas secretárias, um telefone, não é?

SS – É. Um telefone para cada uma tinha. Um telefone... Olha, eu vou te dizer uma coisa: eu não tinha telefone direto, não... Acho que eu não tinha, não. Acho que só eu tinha telefone, se eu não me engano... Ahh, eu não sei. E a gente tinha um telefone vermelho¹⁵⁹...

SM – Humhum...

SS – Esse telefone era tão importante naquela época... Não, e era bom para mim porque eu conseguia acessar as pessoas sem.... Telefone vermelho. Então tinha uma máquina que... Tinha um corretor... Não sei se você se lembra. Aquele corretor, aquela máquina que a Goreth¹⁶⁰ sabia consertar. Aquilo quando enguiçava no meio da matéria a única que sabia consertar era a Goreth. Era uma bolinha, né? Que você volta atrás...

SM – Máquina elétrica!

SS – Máquina elétrica.

SM – Isso!

SS – Jurássica...

SM – Isso. Tinha um papelzinho que a gente botava...

SS – Isso.

SM – Batia de novo... Ah!, não! A máquina já tinha o corretor!

SS – Tinha uma bolinha.

SM – Era mais moderna. Era mais moderna...

159 Sistema que só os diretores e assessores mais diretos possuíam para se comunicarem entre si, sem a ciência de qualquer pessoa; já existia quando eu ingressei na Instituição (1980)

160 Maria Goreth Sala, hoje aposentada.

SS – Uma bolinha. Você retrocedia e consertava ali e fazia o “coisa” desse papelzinho que antigamente a gente botava.

SS – É... É...

SM – Isso.

SS – Então. E a gente começou a fazer uma coisa importante. eu considero coisas importantes... Bom, aí o que aconteceu? Eu não podia contratar. Contratação zero.

SM – 85... é verdade...

SS – Então, eu comecei a treinar pessoas. Foi o caso da Teresa e de muitos outros casos, não é?, de pessoas que... Hoje em dia, com certeza, estão no final de carreira da, da... Que agora não é mais técnico de divulgação, não é? Agora...

SM – Não. Agora todo mundo é Tecnologista..

SS – É todo mundo igual... todo mundo igual...

SM – Infelizmente...

SS – É, é...

SM – Eu tinha muito orgulho.

SS – É, eu também. Bom... Aí, duas coisas importantes. Bom, abertura, eu acho que abertura política da época, não é? O País na abertura política do País. A Nova República. Começando, não é? O embrião... Então, o IBGE chamou muita atenção isso. Ajudou por quê? Tinha um livro que tinha sido censurado *O lugar do negro na força de trabalho*¹⁶¹...

SM – Capinha vermelha... (concordância de Shirley com a cabeça)

SS – Aí, o Bacha um dia me chamou, sei lá... A Teresa vai se lembrar disso também... Tipo 11 horas da manhã e tal, não sei quê... Às seis horas da tarde, Sarney ia passar, ia inaugurar a Bienal Internacional do Livro¹⁶², que foi no *Fashion Mall*. Me lembro até onde é que foi, de tanto sufoco. E nós topamos o desafio e montamos um estande para lançar *O lugar do negro na força de trabalho* lá na Bienal Internacional do Livro.

SM – Isso cabia à Assessoria?

SS – Cabia... Tudo. RP (Relações Públicas)... Na verdade... Que era uma forma...

SM – Na verdade, quando ela foi criada foi o último ato do Bacha. Quando ele saiu, em 86 [1986], criou a ACS (Assessoria de Comunicação Social).¹⁶³ Isso eu vi aqui... Eu

161 Livro de autoria de Lucia Elena Garcia de Oliveira e Rosa Maria Porcaro, editado em 1983, pelo IBGE.

162 Feira Internacional do Livro, que foi realizada no *Shopping Center Fashion Mall* nesse ano de 1985.

163 ACS, Assessoria de Comunicação Social, criada por Resolução do Presidente do IBGE em novembro de 1986. Este documento é confeccionado para determinar alterações dentro da Instituição; é um ato normativo.

fiz um levantamento para pegar esse fio da meada... E aí foi o último ato dele. Então, foi mais de um ano trabalhando nessas condições?

SS – É.

SM – Quer dizer, não existia o CDDI¹⁶⁴... Disseminação de informação zero. Só essas ferramentas incipientes, e você fazendo isso?

SS – Eu saí da FUNTV, eu saí da FUNTV com o salário muito mais alto. Mas era um desafio importante para minha carreira e foi. E foi uma coisa importantíssima na minha carreira.

SM – Muito bonito...

SS – Aí, o que XXX aconteceu... Eu não me lembro mais quantas pessoas eram, mas você imagina que era Goreth, a Teresa, eu... Pegamos no pesado, e tal. O que era. O RP, na verdade, essa coisa de você ir para a Bienal Internacional do Livro era uma forma de que a gente tinha de chamar a atenção, e a gente chamou muita atenção. Entendeu? Foi o início... eu dou como o início da abertura mesmo que as pessoas viram de fato. “O IBGE vai abrir mesmo.” Bom, aí a gente passou a ter encontros com a imprensa. Sistemáticos. Eu posso te dizer que, com certeza, que o Bacha... O Bacha nunca se recusou a atender...

SM – Como eram esses encontros, vocês ligavam?

SS – Nós ligávamos para convocar...

SM – Não tinha *release*¹⁶⁵ nessa época, não mandava convite?...

SS – Não. O que existia anteriormente? Pelo que me consta, não peguei. Pelo que me consta, as pessoas mandavam o *release* e saía o índice, e o índice é tal, sei lá...

SM – Isso... Era isso mesmo...

SS – Agora, a gente fazia o seguinte. A gente sempre tinha, a partir daí, sempre tinha o *index* de informações básicas para imprensa... Por exemplo, vai fazer o... Vou voltar atrás um pouquinho. Além do despreparo da equipe, porque eu não podia contratar gente no mercado, que já tivesse passado por jornais, entre outros veículos... Além do despreparo da equipe, eu acho... Acho, não. Tinha... Eles tinham o despreparo dos setoristas¹⁶⁶. De repente, podiam [os setoristas] cobrir¹⁶⁷ o IBGE. Então, isso aí foi outra coisa que também estava nos preocupando...

164 Centro de Documentação e Disseminação de Informações do IBGE.

165 *Press release* – documento que é distribuído para os meios de comunicação (rádio, TV, jornal, revista, etc.), onde o conteúdo é redigido por um jornalista, de forma a esclarecer o que a instituição, ou empresa, deseja informar em detalhes em linguagem técnica.

166 Jargão jornalístico que identifica o profissional que se encarrega de determinada fonte de notícias, como sede de governo, delegacia de polícia, economia, entre outras.

167 Cobrir, nesse caso, é outro termo usado no jornalismo. Um jornalista vai fazer determinada matéria, i.e., vai dar cobertura àquele fato, de modo a redigir os acontecimentos, ou o que foi comunicado em determinado episódio, nos meios de comunicação.

SM – Quer dizer, a mídia também tinha problema?...

SS – Estava despreparada...

SM – Ninguém cobria governo...

SS – Não, não. Em muitos anos...

SM – Exatamente, porque o IBGE mandava o *release* para eles e era aquilo.

SS – É... É.

SM – Não é isso?

SS – Isso. Então, da mesma forma que nós tínhamos seminários internos, nós tínhamos... Nós começamos pelo “*Caminho dos Índices*”. Como é que se faz um índice? Então, os setoristas acompanhavam... Nós fizemos grupos, inclusive Miriam Leitão, e tudo. Todo mundo que era, é... Todos os jornalistas da área econômica, que se interessassem, obviamente, aí faziam o *Caminho dos Índices*. O Francisco de Assis¹⁶⁸ nessa época foi importantíssimo também. Os técnicos foram importantíssimos... Olha, o IBGE tem uma equipe que... Agora, também deve ser. Mas era uma equipe assim... Motivada. Com a abertura estavam supermotivados. Gostavam da Casa... Supercompetentes. Então, nós fizemos o *Caminho dos Índices*, com o Francisco de Assis, nós fizemos o *Caminho do PIB*¹⁶⁹, com o Cláudio Considera, entendeu? Que o PIB era uma coisa complicada para se entender... Hoje em dia o PIB é corriqueiro, não é?...

SM – Mas ainda é complicado...

SS – É... Então, nós fizemos isso. Além disso, de fazer tudo isso, assim, de abrir as portas para dar aula, vamos dizer entre aspas, né? Para os setoristas e para os jornalistas que quisessem, foi um trabalho nosso, da Comunicação Social... Que não era Comunicação Social ainda. É... a gente dava um *index* de informações básicas. Por exemplo, a Pnad¹⁷⁰ ia ser lançada. Então, a nossa equipe pegava essa Pnad antes, entendeu? Com os técnicos nós dissecávamos, entendeu? Quando os jornalistas iam para a coletiva.¹⁷¹ Para o encontro com a imprensa... É... Para conversar com os técnicos... Eles já tinham aquilo em mãos, entendeu? Então, com isso a gente evitava, também, que saísse coisa distorcida e tal, entendeu? Tentava evitar. Pelo menos que saísse coisa distorcida. Mas ao mesmo tempo nós fizemos um negócio que foi de preparar os técnicos para atender a imprensa. Então, tinha um trabalho... Olha, eu falo... Eu falo isso com o maior orgulho, entendeu?

168 Francisco de Assis Moura de Mello – técnico do IBGE que ocupava, à época, a chefia do Departamento de Índices de Preços-DESIP. Departamento responsável pelo levantamento (coleta), análise e divulgação do Índice Nacional de Preços ao Consumidor-INPC e Índice de Preços ao Consumidor Amplo-IPCA.

169 Produto Interno Bruto-PIB é a soma de toda a riqueza do país.

170 Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios-PNAD- representa uma amostra de 25% do que é pesquisado no Recenseamento Geral-Censo, realizado a cada 10 anos, onde os dados abrangem o território nacional.

171 Técnica que compreende convidar e reunir jornalistas num local determinado, com horário e dia marcados, para divulgação de determinada informação

Profissional, por que... E assim, com uma... E dando... Dando um depoimento de que realmente foi uma... O momento mais importante da minha carreira profissional.

SM – E é isso que se diz lá mesmo...

SS – É. Foi uma coisa importante porque eu acho que a gente cercou. Quer dizer, que a gente pensou em nós mesmos nas pessoas que trabalhavam na Comunicação Social, fazendo o seminário interno, nos jornalistas, na... Na... Nós técnicos... A gente dizia até a roupa que tinha que aparecer na televisão, não sei quê. A gente treinava...

SM - Mas isso, naquela época, ainda era... Assim: fazia o *release*, mandava os meninos para rua, um para a zona Sul, outro para a zona Norte...

SS – Isso... Isso...

SM – De carro...

SS – Isso... Isso... Ainda era assim...

SM – Entregavam o *release*, mandava telex, não tinha fax, né?...

SS – Não tinha telex também não...

SM – Como é que era essa comunicação com os estados? Como é que se fazia?

SS – Para os estados, espera aí, que eu vou ter que lembrar... Para os estados... Como é que era para os estados?...

Solicitada a pausa

SS – Depois que a gente se ajeitou no Rio... Porque primeiro eu tinha que ajeitar na Sede, não é?

SM – Ah, ta...

SS – Tinha que se ajeitar na Sede... Não... Eu não... Talvez a Teresa se lembre. Pois é...

SM – Assim... Saiu o índice hoje. Saiu agora, soltou o *release*, os meninos vão para a rua...

SS - Mas tem fax...

SM – Já tinha o fax em 85? Eu acho que não. Não lembro... Vou perguntar se a Teresa lembra...

SS – É... Mas já tinha fax, sim... Eram as secretárias que faziam essa parte. E a gente mandava... Por exemplo, quando era índice e informações básicas para a imprensa a gente usava o malote.

SM – Quer dizer, então, o estado não recebia isso no mesmo momento?...

SS – Se a gente pudesse mandar com antecedência, sim... E com embargo.

SM – Ah, sim!

SS – Então, eles podiam atender a imprensa no local...

SM – Ah, tá! Por que... Como é que depois...

SS – Isso aí foi com o tempo. Eu estou te dizendo. Foi assim... Eu acho que no primeiro momento a gente nem se preocupou com isso. Eu acho que a gente se preocupou com o Rio.

SM – Claro, né?...

SS – É. Então... E depois, a gente começou... Depois, quando a gente já estava mais azeitada, e tal com o passar dos anos – eu fiquei lá dez anos – É... A gente começou a fazer... Por exemplo, o Cláudio [Considera] viajava para... Para fazer lançamento do PIB em Belo Horizonte, São Paulo... O Francisco era mais... Enfim, o que se divulgava se podia divulgar é... De outro local que não fosse o Rio, né? Mas de qualquer forma, também, a gente fazia convocação dos correspondentes... Nós tínhamos encontros com os correspondentes estrangeiros, que foram importantíssimos para nós... E nesse ponto aí é uma coisa...

SM – Sempre lá na Sede?

SS – Na Sede. Correspondente estrangeiro... Mas eu me lembrei dos correspondentes porque, na verdade, a gente chamava os representantes das sucursais. Quer dizer, a *Folha de São Paulo* cobria o *Estadão*¹⁷², o *O Estado de Minas*, enfim, dos que estavam aqui no Rio. Porque a gente ainda tinha muita sucursal forte aqui no Rio nessa época...

SM – Nessa época *Estadão* e *Folha*?

SS – É.

SM – Ah, é verdade...

SS – Porto Alegre...

SM – Tinha uma moça de... de... não me lembro se era do Amazonas ou do Pará...

SS – É. É... Não era tão... Tão incomum, não.

SM – Mas que, geralmente, eram pendurados nos estados... E nos governos. Esses jornais pertenciam aos governos... Àqueles negócios, não é?

SS – E eu estou me lembrando também. A outra coisa também é que a gente se utilizava das agências de notícias, que repassavam isso para toda a... A gente recortava muito agência de notícia.

SM – Esse era o motivo de fazer a integração do Brasil?

SS – Isso. Mas veja bem. Depois a gente se importou de fazer lançamento em cada lugar e tal...

172 Jornal O Estado de São Paulo.

SM – Sim, mas para passar, já que a gente não tinha meio...

SS – É...

SM – ...de transmitir isso imediatamente, usava a agência para fazer esse serviço... Seria isso?

SS – É.

SM – Aí eu vi aqui que a CCS... você já era Coordenadora... Foi convidada para organizar a Confest ... Não existia Confège¹⁷³, eu acho... A Confège só veio depois da Confest... Mas de qualquer forma, era para organizar a Confest. E...

SS – Ih!

SM – Foi em 87. Como é que era a divulgação dessa Confest?

SS – Como é que era o quê?

SM – A divulgação? Por exemplo, era a preparação... Como é que a Comunicação Social entrava nessa... Por exemplo, se estava organizando, tinha Chefe de Gabinete...

SS – hã, hã...

SM – Tinha aqueles... Aqueles representantes. Como é que a Comunicação Social entrava nisso? Como é que ela fazia divulgar isso? Já na organização ou não? Isso era só bastidor por enquanto?

SS – Da organização da Confest eu acho que não...

SM – É, né?

SS - Eu acho que a gente entrou na divulgação da Confest.

SM – Ah! Não. Isso, com certeza...

SS – Isso aí foi nosso... Nós tínhamos sala de imprensa, coisas assim, e a mesma coisa... *Índex* de informações básicas e...

SM – Bom, eu vi os *releases* e... A gente tinha até organizados...

SS – Qualquer coisa... Bom... Aliás, outra coisa que depois de atacar a parte econômica, porque foi o que eu acho que foi o que deu o impulso, à abertura do IBGE, a gente passou para a parte de geografia, que também não era fácil, não. Então, a gente teve que fazer a mesma coisa. De seminários internos para entender geografia, a parte da... Como é que chamava, hein?

SM – Geociências. DGC¹⁷⁴.

173 O IBGE está encarregado por atribuição legal da realização periódica das Conferências Nacionais de Estatística-CONFEST e de Geografia e Cartografia-CONFEGE. Tais eventos objetivam avaliar os processos de produção, disseminação e utilização de informações de natureza estatística e geográfica, visando revisar e aperfeiçoar o Plano Geral de Informações Estatísticas e Geográficas-PGIEG.

SS – É. DGC. A parte da DGC. E... Mas obviamente o carro-chefe sempre foi, em termos de divulgação... Mas a gente teve um Atlas Histórico que lançou, na época do Collor¹⁷⁵ também...

SM – Aquele Atlas Histórico Nimuendaju?¹⁷⁶

SS – Menina, uma loucura!... É um desse tamanho assim...

SM – Ah! É azul?

SS – É verde.

SM – Verde. É que tem um com uma capa verde e outro azul...

SS – Ah!, é? Enfim... também teve essa parte.

SM – Mas aí... A época do Collor é 90...

SS – Já estou lá na frente... Bom, eu acho que é importante dizer que tudo isso nós fazíamos uma memória mensal. Nós tínhamos uma reunião interna mensal... Nós fazíamos uma memória mensal, em todos os recortes [de jornal (*clipping*)], comentários, escuta eletrônica... Com os índices é... É... Com os índices de maior frequência... Onde é que a gente tinha conseguido mais espaço... Que assunto...

SM – Em todos os estados?

SS – Não. Isso tudo a gente estava fazendo tudo Rio. Bom... Depois nós pedíamos... Aí começou a ter estruturas em outros locais. Eu tenho impressão, não sei. Não sei... Pelo que estou me lembrando, acho que nunca ninguém respondeu. Porque era muito trabalho. E isso aí eu tenho que dizer que não era um trabalho meu... A Comunicação Social nunca foi um trabalho meu, sempre foi um trabalho de equipe, entendeu? Que eu, muitas vezes, fui até muito dura para poder chamar as pessoas... Não é fácil trabalhar com funcionário público, não é fácil, entendeu? E eu te digo que eu também tenho orgulho de ter tido uma equipe motivada, embora muitas pessoas tenham ficado muito zangadas comigo, eu tive uma equipe motivada.

SM – Eles falam...

SS – Sabe...

SM – Eles falam.

174 Diretoria de Geociências-DGC.

175 Fernando Collor de Mello – Presidente da República no período março/1990 a dezembro/1992.

176 Mapa etno-histórico de Curt Nimuendaju, que inclui Brasil e regiões adjacentes, , adaptado do mapa elaborado pelo etnólogo alemão Curt Nimuendaju para o Museu Nacional em 1944, e textos explicativos sobre os índios no Brasil até aquela data, com informações sobre localização, distribuição, migração e filiação lingüística dos grupos indígenas então conhecidos. Inclui índices de tribos, bibliográficos e de autores. Em 2002 foi lançada uma edição fac-similar.

SS – É, entendeu? E eu acho que eles todos conseguiram ficar bem preparados. Agora, uma coisa assim...

Pedi para desligar o gravador.

SM – Se eu não me engano era às duas horas, ou era uma e meia...

SS – Nós tínhamos às 11 horas... Ou era às 11, porque dependia do horário do jornalista, né?... Ou era às 11... Quando era coisa muito grande, às vezes a gente fazia às dez. Mas era sempre combinado com... Sempre combinado com jornalista... A gente sempre se encontrava e combinava “Ah!... Agora, era importante, por exemplo, que tivesse gente desde cedo porque a Rádio JB quando... Toda hora dava...

SM – Notícia?

SS – E era importante. Então eles queriam... Eles telefonavam para a gente. Entrava técnico, muitas vezes, técnico ao vivo, na CBN, Rádio JB, enfim. As rádios...

SM – Então você pegou ainda... Porque Internet no IBGE...

SS – Eu não peguei...

SM – Não pegou?. Porque a Internet foi no segundo semestre de 95, no ano em que você saiu...

SS – Não peguei Internet, eu até escrevi aqui... Então teve um negócio, falando de equipamento, a gente tinha gravador assim, né? (mostrou o tamanho dos gravadores que ainda estão lá na Coordenação, antigos e grandes) Não tinha nem isso aqui...

SM – Ainda estão lá esses gravadores...

SS – E teve um Diretor-Geral, que eu não me lembro... Um moreno, que era da ENCE¹⁷⁷...

SM – Pessoa.¹⁷⁸ Pessoa, não é?

SS – Acho que é Pessoa.

SM – Sei quem é. É Djalma Pessoa.

SS – Ele implantou com o David um tal de PROFIS. Você se lembra disso? Nós tínhamos aquela máquina do.....

SM – Ah! o profis(???)... Do office vision, que a rede?

SS – Isso. *profis*, não era *profis*?

SM – Eu me lembro que era OV (office vision), que você...

177 Escola Nacional de Ciências Estatísticas-ENCE, que pertence ao IBGE.

178 Djalma Galvão Carneiro Pessoa trabalhou no IBGE como professor (1987-1992) e diretor da ENCE (1993-1995), quando reestruturou a escola. Dirigiu, também, a Diretoria de Planejamento e Coordenação no período de 1992 a 1993.

SS – Você digitava uma linha e tinha que esperar o computador dar outra linha. A gente digitava outra... E a matéria estava na cabeça da gente. Então, eu dizia “eu não quero isso”.

SM – Eu não lembro, não...

SS – Se eu não me engano se chama *profis*.

SM – Não era o *Carta Certa*¹⁷⁹?

SS – Era... Era. (muito inseguramente...)

SM – Que ficava dentro desse *profis*, acho que é isso. Não era isso? Foi antes da Internet. Antes do computador..

SS – Foi, foi. Eu odiava aquilo, porque aquilo atrasava as nossas matérias todas. Isso foi uma forma de chegar aos estados. Porque por ali você conseguia chegar aos estados.

SM – Ah!, então era o *office vision* mesmo, que era o OV. Que era esse *profis*. Era isso mesmo.

SS – Então era... Do equipamento, eu me lembro disso... Então, eu até anotei aqui, que eu achei uma máquina elétrica no princípio. Era um rádio de pilha nosso. Eu acho que o Carlos Cezar¹⁸⁰, já peguei o Carlos Cezar lá, não? Eu não escolhi o Carlos Cezar...

SM – O Carlos Cezar veio do Ministério da Fazenda, eu acho, que a mãe dele, ou pai dele...

SS – Mas eu acho que. Você não trabalhou com o Carlos Cezar não? Na Assessoria, não? Mas eu acho que o Carlos Cezar... Uma TV ‘quebradésima’ lá, que a gente conseguiu. Acho que isso aqui eu já falei... Tudo começou como Assessor, que não era nem Assessoria de Imprensa. Na verdade, a gente já funcionava com *clipping*, com...

SM – Agora, você ...

SS – Com tudo... Com RP...

SM – Então, mas isso em 86... Teve a estrutura da ACS com RP, com PP¹⁸¹, com atendimento interno, e externo de jornalismo. Com essa forma de comunicação interna e externa de jornalismo. Com isso – não interessa muito agora, no momento – mas, na verdade, depois a gente vai ver isso, que a Silvia¹⁸² ficava com a parte interna e depois ela ficou externa... Que aí você...

SS – A Silvia, eu me lembro da Silvia ficar com externa.

179 Programa de edição de textos que antecedeu a implantação do sistema Windows no IBGE.

180 Carlos Cezar da Rocha Salgado – servidor que trabalhou desde o início da Comunicação Social e se aposentou no segundo semestre de 2005, por insanidade mental.

181 Propaganda e Publicidade.

182 Silvia Maia Fonseca – admitida no cargo em 1987, pelas mãos de Shirley Soares Dias de Souza. Hoje é a substituta do Gerente de Programa do Presidente, que ocupa a Coordenação de Comunicação Social do IBGE.

SM – Então, mas teve uma época que ela ficou com a parte interna...

SS – Ah! é?

SM – Mas, assim, você criou uma estrutura. E o quê aconteceu? Com essa da sua saída, em 95, saiu mas não foi imediatamente.

SS – Hã, hã. É.

SM – Foi mais uma questão burocrática. Mas o que aconteceu? Com essa modificação, na segunda, de 95, quando o Carlos Vieira¹⁸³ assume, eu ainda não achei isso na documentação, mas acho que nesse momento a CCS se desintegra.

SS – Vou te dizer por quê. Por causa de DAS. Porque quando eu sai da Comunicação Social eu passei para... É... Era Coordenadoria de Comunicação Social, mas era um DAS...

SM – Coordenadoria... Não... Era Coordenadoria.

SS – Era um DAS abaixo dele... E a minha era uma Coordenadoria Geral, CG...

SM – Você pegou a CGC? Aquela CGC...

SS – CGC. Mas não era Coordenadoria Geral de Comunicação de Comunicação. Era Coordenadoria Geral de outra coisa, que eu não me lembro. Mas porque eu não quis ficar... Eu não quis ficar é... Eu ganhava exatamente 800 reais para trabalhar e me aborrecia para caramba...

SM – Então, na verdade os meios tecnológicos eram incipientes, não é?

SS – Ah! Quando chegou o computador. Acho isso engraçado. Quando chegou o computador, chegou 1 computador.

SM – Tinha o tal da *Carta Certa*?

SS – Não, computador mesmo. Aí, chegou o computador. Eu peguei o computador. Não peguei a Internet, mas peguei o computador. Ninguém estava familiarizado com computador. Você deve se lembrar disso.

SM – Claro! Eu imagino.

SS – Então, você imagina também, você pegando uma Assessoria de Imprensa, uma Comunicação Social, que é tudo para ontem, você pegar um negócio... Uma máquina que briga com você o tempo todo. Bom, e aí eu acho que aconteceu outra coisa bacana em termos de equipe, sabe? Eu acho que a Comunicação Social foi uma equipe mesmo. Nesses dez anos, entendeu? Foi uma equipe... Então, a gente fez um treinamento interno. Nós, por exemplo, eu fui fazer um curso. Aí eu volto, repasso aquilo. Aquele, para quem

183 Carlos Henrique Vieira – foi o responsável pela Comunicação Social do IBGE entre 1995 e 1999. Anteriormente, teve uma passagem pela Comunicação Social do IBGE, na gestão de Shirley Soares, quando foi contratado para o quadro de pessoal em 1987. Pediu demissão tempos depois, morou em Portugal até retornar para o Brasil e reingressar na Instituição com somente cargo DAS (Designação de Assessoramento Superior)

eu repassei, repassa para o outro, em progressão geométrica, dependendo do computador, que a gente pegava até emprestado... Ana.

SM – Humm...

SS – Com a Ana e tal, e foi assim que as pessoas da Comunicação Social todas, sem exceção, inclusive as do *Clipping*, foram treinadas em computador. E isso eu acho bacana. Foi treinamento interno. Nós mesmos treinávamos uns aos outros. Da mesma forma que teve seminário interno também teve esse momento, que foi... Foi um momento complicado para nós por causa de tempo.

SM – Seminário?

SS – Não, computador. A chegada do computador porque era briga [do homem com a máquina]. Então, tinha um... Vou ficar o nome dele... Osmar? Osmar, um senhor, que trabalhava na Comunicação Social, ele era professor de computador...

SM – Ah! é?

SS – É. E... tipo básico, aquela coisa básica, e... Ele ficava até a noite lá. Ele tinha outro horário lá, e ele ficava em outro horário para ficar à noite as pessoas ficavam até à noite para aprender. Isso eu acho... Isso é uma equipe. Isso é gente motivada. Acho isso muito legal. E... Essa época do computador, aí a gente já tinha telefone em todas as salas, né? Aí a gente já tinha melhorado muito. Mas não tinha Internet.

SM – Eu acho que a Internet que deu...

SS – Eu não peguei a Internet no IBGE...

SM – Uma rapidez, não é? Aí foi outra coisa. Exatamente, você cumpriu essa etapa que, eu acho, foi a pior, não é?

SS – Mas é a mais desafiadora, mais legal...

SM – Exatamente, foi a pior, por quê? Porque aí você realmente fez a limonada do limão, não é isso?

SS – Quer ver? Eu consegui ter, graças a Deus, foi bater na mão da gente o Chiquinho¹⁸⁴ e o Ricardo e um... Aquele motorista que... Eles vestiam a camisa do IBGE, da Comunicação Social...

SM – Afrânio?

SS – Sr. Afrânio... Eles vestiam, corriam, saíam correndo

SM – O Chiquinho ainda está lá.

SS – Motivados. Sempre. Por quê? Porque nos seminários internos a gente sabia, é... Fazia com que eles sentissem a importância do trabalho deles. Porque é verdade. Se a gente corresse, corresse, corresse, os técnicos dessem entrevistas e eles não entregassem.

184 José Francisco Marinho

E tinha um Protocolo. Então, eles tinham que subir com aquela pessoa para assinar, tinha que estar legível, tinha que ter horário, tinha que ter tudo. É isso que eu acho bacana. Eles foram muito importantes. Então, quando você fala em Internet, no caso de Internet você não precisa mais pensar em, em...

SM – Talvez isso tenha desmotivado essas pessoas?...

SS – Eles perderam um pouco da importância. O trabalho perdeu um pouco da importância, o trabalho deles. O trabalho deles era muito importante na Comunicação Social

SM – Por que eles eram o canal, não é?

SS – É. Se eles falhassem acabou! É bacana isso, né?

SM – Então pode ser isso.

SS – É bacana isso, não é? Eu nem tinha me lembrado disso...

SM - Então pode ser isso que tenha desmotivado o Chiquinho. Porque... Ele mudou muito. O Ricardo não é... Você sabe que eles agora não são mais contínuos? Não existe mais isso

SS – Não. Ah tá...

SM – Agora a Goreth é a mesma coisa que o Chiquinho.

SS – Olha, a Goreti eu nunca... Aliás, eu tive duas secretárias na minha vida inteira, em Agência de Propaganda... Foi a Cléia, que se equiparava à Goreti. fantástica!

SM – Ela é boa, não é?

SS – Muito boa. Muito boa.

SM – Eu trabalhei com ela, mas assim rapidamente...

SS – Leal sabe? Uma pessoa nota mil. Aí, bom, eu tava lembrando o *Lugar do negro na força de trabalho*... Ah! A gente abriu também, não sei se você vai lembrar também, das obras raras. Foi outra coisa fantástica que a gente fez. Na Biblioteca tinha umas obras raras. Então, tinha Recenseamento, porque a gente fazia Censo também, isso aí não era só... Nós fazíamos Censo, Pnad, tudo.

SM – As estruturais¹⁸⁵ todas...

SS – É. Então, saíam as equipes... Saíam as equipes com motorista para poder acompanhar recenseadores, não é?

SM – Em Madureira...

185 Pesquisas estruturais são as que saem com periodicidade maior (anual, quinquênis, decenais); as estruturais acompanham a conjuntura socioeconômica do país como inflação, desemprego, que são mensais.

SS – Isso. Para cada um. Bom, aí tem a parte dos estados. Nesse... Nesse... Quando era coisa maior assim, as pessoas dos estados também recebiam como é que deviam fazer, para poderem seguir as mesmas coisas do Rio. Então, por exemplo, no Pará se fazia acompanhamento da mesma forma que os jornalistas faziam aqui no Rio...

SM – Então, você. Era como se fosse um manual?

SS – Isso. Isso. Isso.

SM – E vocês mandavam pelo malote?

SS – É, e falávamos por telefone também. Entendeu? Então, quando acontecia aqui, acontecia...

SM – No Pará, em Rondônia e no Rio Grande do Sul...

SS – Tudo, tudo. Tudo. Em todos os locais. Todos os locais onde existia IBGE. Caminho dos índices eu já falei, que isso era uma coisa muito importante. E... palestra para os técnicos, orientando como é que se recebia a imprensa também... Encontros coletivos e individuais. Ainda tinha isso também...

SM – Com os técnicos?

SS – Com os técnicos. Os técnicos também. Até a roupa para tv...

SM – Não pode ser listrada...

SS – É... essas coisas assim. Até o computador o *profis*... O horror (risada)... Os primeiros computadores... Como é que se fazia... como é que... Ah! o computador era para digitar, não é? Na verdade era uma máquina, uma máquina de escrever...

SM – Que era o *Carta Certa*?

SS – É. Que dizer que eu não peguei a democratização da informática, realmente eu não peguei... Inclusive, os computadores... Veio um para mim, depois veio um para a secretária, depois veio... O Nélio, que foi meu vice, tinha um computador porque o Nélio fazia alguma coisa que eu não sei mais o que que ele precisava do computador...

SM – Tabelas, talvez?

SS – Não sei mais o que era não...

SM – Diagramação...

SS – É... Pesquisa, nós tínhamos relatórios mensais, memória mensal, e depois anuais, que nós montávamos... Era disputada, então, até pelo Presidente. Até o Presidente queria ler. E fazíamos pesquisa na Biblioteca, na própria Biblioteca nossa para os setores de pesquisas de jornais, quer dizer, isso aí, eu escrevi isso para te dizer o seguinte. Agora você chega na Internet e pesquisa, não é? Então, a gente tinha que se deslocar para...

SM – Ou então vocês iam aos livros... Vocês possuíam lá um acervo, não é?

SS – É. Então, a nossa memória ficou lá. Nossa memória de 10 anos. Com todos os recortes, comentários, escuta, índices de frequência... Por assunto, por veículo, por técnico.

SM – Quer dizer, estatística disso aí.

SS – É. Bem para a Assessoria, estatística também... Para a Assessoria É interessante porque a gente trabalhava com cola e tesoura. O *clipping*, que você sabe bem o que é, hoje em dia nem existe.

SM – Eu acabei em 99 eu acabei com isso...

SS – E tinha escuta eletrônica, que quem fazia isso era o Carlos Cezar e fazia bem.

SM – O Carlinhos fazia... E a Edma fazia também...

SS – É...Edma. Edma era a chefe, ela recebia como chefe. Tinha Iva. Tinha equipe. Tinha uma equipe só para isso. Eram duas edições diárias, e a equipe estava sempre preparada para extra. E quando começava o expediente, a primeira edição já estava na Presidência, na mesa do Presidente. Então, eles tinham horários diferentes.

SM – Exatamente...

SS – E diretorias próximas. Nós tínhamos motorista que levava Mangueira, e tal, tal, tal, se, por acaso, não se justificasse o malote, etc. Quando você me falou da... De que era coisa de equipamento eu me lembrei basicamente. Eu me lembrei disso e acabou que a gente acabou esticando mais, não é? Do assunto...

SM – Eu acho que está de bom tamanho.

A conversa prosseguiu mais um pouco e ela fez novos e interessantes comentários que se seguem.

SS - Eu acho importante foi o pro... Quando a gente não podia contratar, eu preparei um monte de gente e tal, não sei quê, que já estava formada, mas em outras funções e depois, em outro momento, a gente conseguiu que se fizesse um concurso interno. Então, olha só: isso aí eu acho importantíssimo – quase que eu esqueço... eu nem notei aqui – ,eu a importantíssimo porque no concurso, nesse concurso que houve... Porque você à toda hora você ficar promovendo pessoas – eu promovi muita gente, muita gente mesmo; uma equipe inteira, porque não tinha ninguém – era muito... Era desgastante. Você acaba ‘tá pedindo muito, tá pedindo muito. ’ Então, esse concurso interno, eles fizeram para, por exemplo, advogado que estava fora, é... Economista, não sei quê, pá-pá-pá... E olha, a Comunicação Social entrou.

SM – Entrou o Robson...

SS – Para o concurso interno, entrou como carreira que se devia... Isso eu acho uma vitória. Graças à Administração, ao Presidente. Da mesma forma que foi a estrutura, que foi a reforma administrativa.

SM – Importantíssimo...

SS – Esse concurso interno é importante. Aí entrou o Robson, entrou a..

SM – Entrou a Fátima.

SS – Entrou a Fátima, o Robson, o Marco, que foi importantíssimo... Que foi... O Marco é ótimo.

SM – Ele (o Marco) trabalha com Nelson Senra...

SS – O primeiro lugar foi o Paulo, que chegou a ser chefe da CCS. Paulo... Paulo Roberto.